



Università
Ca' Foscari
Venezia

Corso di Laurea magistrale
in Lingue e Letterature Europee,
Americane e Post-coloniali
(iberistica)

Tesi di Laurea

**Luandino Vieira, Vidas Novas: aspetos da narrativa
pós-colonial em língua portuguesa**

Uma linguagem escondida durante a época colonial: tradução e análise

Relatore

Ch. Prof. Alessandro Scarsella

Correlatrice

Ch.ma Prof.ssa Alice Girotto

Laureanda

Erica Libralesso
Matricola 854960

Anno Accademico

2020 / 2021

ÍNDICE

Abstract	pág. 3
Introdução	pág. 5
A angolanidade de Luandino Vieira	
1.1 José Luandino Vieira Mateus de Graça: a vida do escritor	pág. 8
1.2 O conceito de angolanidade	pág. 10
1.3 “Vidas Novas”, os heróis do <i>musseque</i>	pág. 12
Vidas Novas: textos e traduções	
2.1 O <i>pretoguês</i> de Luandino Vieira	pág. 15
2.2 Análise linguística	pág. 18
2.2.1 Os verbos	pág. 18
2.2.2. Os adjetivos	pág. 20
2.2.3. Pronomes e conjunções	pág. 21
2.2.4 Os advérbios	pág. 22
Traduzir Luandino Vieira	
3.1 Comparações e Natureza	pág. 24
3.2 As palavras intraduzíveis	pág. 28
3.3 Traduzir o <i>Kimbundu</i>	pág. 31
3.4 Maneiras de dizer e expressões	pág. 33
Vidas Novas	
Dina	pág. 39
Á espera do luar	pág. 49
Á Sexta-feira	pág. 60
O feitiço do bufo Toneto (I)	pág. 71
O feitiço do bufo Toneto (II)	pág. 80
O feitiço do bufo Toneto (III)	pág. 88
Cardoso Kamukolo, Sapateiro	pág. 94
O fato completo de Lucas Matesso (I)	pág. 107
O fato completo de Lucas Matesso (II)	pág. 112

O fato completo de Lucas Matesso (III)	pág. 120
O exemplo de Job Hamukuaja	pág.129
Zito Makoa, da 4a classe	pág. 140
Glossário	pág. 148
Conclusões	pág. 151
Bibliografia	pág. 157
Sitografia	pág. 158
Vídeos que me inspiraram	pág. 160
<i>Ringraziamenti</i>	pág. 161

Abstract

Os oito contos que compõem o livro *Vidas Novas* são narrativas de carácter realista que descrevem o regime da ditadura salazarista, produzidas entre junho e julho de 1962 dentro do Pavilhão Prisional da PIDE, em Luanda, nos contextos iniciais da guerra pela independência de Angola. De facto, durante o período da Segunda Guerra Mundial começa a formar-se um pensamento anti-colonial, porque muitos povos tinham experienciado o que foi a guerra contra o fascismo (uma opressão interna de Europa) e os movimentos de resistência europeus inspiraram os movimentos de resistência nas ex-colónias onde o ser humano é constantemente menosprezado a partir de uma suposta superioridade europeia. De facto, a negritude nasce como ato de resistência e redescoberta das raízes culturais que foram destruídas daquele que se define epistemicídio, ou seja o genocídio do conhecimento levado a cabo pelos colonizadores, que assim submetem o mundo colonial à visão branca. O objectivo do meu trabalho é evidenciar como no desenvolver da narração, a identidade negra começa a valorizar-se e a reivindicar-se apesar das ameaças do povo branco, sobretudo a nível linguístico e cultural, criando assim aquela que podemos definir autoconsciência histórica.

“Minha estória.

Se é bonita, se é feia, vocês é que sabem.

*Eu só juro não falei mentira e estes casos passaram
nesta nossa terra de Luanda.”*

(VIEIRA, 1982, p.123)

Introdução

O mundo da tradução é muito amplo e complexo e o objectivo do tradutor é dar vida a um texto sem mudar o sentido mais profundo do significado que o autor quer dar às suas palavras, quer do ponto de vista gramatical, quer do significado.

De facto, isso foi o ponto de partida do meu trabalho cujo objectivo é analisar, através da tradução dos contos *Vidas Novas* de Luandino Vieira, todas as tonalidades do que significa traduzir uma obra e, ao mesmo tempo, compreender também o contexto cultural e histórico no qual a obra se desenvolve para recriar um texto mais fiel possível ao original.

O foco do trabalho é portanto à voz de José Luandino Vieira em relação a todos os acontecimentos nos contextos iniciais da guerra pela independência de Angola e em particular aos tratamentos reservados aos autóctones. De facto, todas as estórias contadas no livro representam a perspectiva do colonizado e não mais do colonizador, e isso implica ao mesmo tempo uma dificuldade maior na tradução dos oito contos porque a língua da escrita é a mesma da fala angolana portanto o pretuguês, ou seja uma língua misturada entre o português e a língua bantu de Luanda (o *kimbundu*), que vou aprofundar no segundo capítulo do meu trabalho.

Os protagonistas são personagens marginalizadas por parte da sociedade portuguesa no contexto de Luanda, mas que não obstante isso, mostram a própria dignidade que os europeus lhes negavam: assim, desde portugueses de segunda classe, os habitantes do *musseque* mudam a ser angolanos de primeira classe que não têm medo de lutar pela própria independência.

Julgo oportuno fazer uma precisão antes de elencar como decidi dividir o meu trabalho: o livro *Vidas Novas* foi impossível de encontrar, portanto pela tradução usei a edição Kindle, onde não havia os números das páginas.

Por isso, nas notas, as referências do livro baseiam-se sobre os títulos dos singulos capítulos.

O elaborado está dividido em quatro capítulos.

O primeiro baseia-se sobre a figura de José Luandino Vieira, ligada ao conceito de angolanidade: primeiro há uma breve introdução relativa à sua vida e às atividades anticolonialistas que favoreciam a independência da Angola e depois o discurso liga-se aos oito contos contidos em *Vidas Novas* e à língua que o escritor usa, ou seja o pretuguês, com relativa explicação da obra relacionada ao conceito de angolanidade e identidade como afirmações culturais e identitárias do povo angolano das quais Luandino Vieira se faz porta-voz.

Em relação à sua vida, falei ainda de como a sua escrita pode-se dividir em duas fases: a primeira, da qual faz parte também *Vidas Novas*, onde o autor escreve para narrar e a segunda na qual as

narrações são um pretexto para escrever. Nestas duas fases muda também a sua linguagem da escrita, porque adiciona cada vez mais os termos usados na Luanda com aqueles da fala portuguesa, com o objetivo de valorizar e afirmar a própria identidade num contexto em que isso era impossível. O segundo capítulo relata a língua e a questão gramatical: há portanto uma análise linguística e estrutural em relação à língua portuguesa em contraposição com o pretoguês de Luandino Vieira, com alguns trechos do livro para explicar as dificuldades encontradas pela diferença entre as duas línguas.

O segundo capítulo tem também quatro subcapítulo nos quais analizei os verbos e as formas verbais, os adjetivos, os pronomes, as conjunções e os advérbios.

No terceiro capítulo vou explicar as minhas escolhas de tradução.

Por exemplo, porque escolhi de não traduzir em italiano os nomes das personagens?

Ou de traduzir algumas palavras que pertencem à língua *kimbundu* (falada na Luanda)?

Portanto, neste capítulo vou enfrentar as minhas escolhas com os relativos exemplos tirados do livro.

Aqui vou enfrentar também algumas características que pertencem à linguagem da escrita de Luandino Vieira, como por exemplo as muitíssimas comparações com a natureza, presentes em quase todos os capítulos, ou também a descoberta de novos termos cuja tradução fora impossível por razões culturais.

Contrariamente, no subcapítulo 3.3 expliquei as dificuldades na escolha de traduzir algumas das palavras do *kimbundu* que para mim foram fundamentais pela compreensão do texto na língua de chegada. Neste terceiro capítulo abordo o tema das expressões e das maneiras de dizer que o Luandino Vieira usa em *Vidas Novas*, e de como permitem ao leitor de entrar e compreender uma cultura tão complexa e ao mesmo tempo tão maravilhosa como a luandina.

No quarto capítulo há o foco do meu trabalho, porque temos a tradução total do livro de José Luandino Vieira com o texto original na parte esquerda e a tradução italiana no lado direito.

A tradução permite de compreender melhor todas as referências dos primeiros três capítulos.

Emfim, dediquei a última parte a algumas reflexões sobre o trabalho, baseando-me sobretudo sobre o conceito raça, diferenciação e desigualdade social, conceitos sublinhados na trama do livro.

Partindo dos pressupostos da luta pela independência, das batalhas enfrentadas, e dos objectivos prefixados dos angolanos, vou analisar como de facto a literatura fosse um instrumento de independência, e como através da literatura os escritores recalamavam os seus direitos como cidadãos angolanos.

Para concluir, a escrita desta tese tem por fito executar um olhar analítico sobre os oito contos angolanos, desenhando seu percurso quer histórico, quer linguístico de realização, através do olhar

de José Luandino Vieira.

O objetivo da minha tese, o seu propósito final, é o de realizar através da tradução dos oito contos, uma troca entre teoria e análise fazendo uso da primeira como ferramenta durante o exercício do pensamento.

A ANGOLANIDADE DE LUANDINO VIEIRA

1.1 José Luandino Vieira Mateus de Graça: a vida do escritor

José Luandino Vieira, pseudónimo literário de José Luandino Vieira Mateus de Graça, nasce no dia 4 de maio de 1935 em Vila Nova de Ourém, um pequeno país no Alto Ribatejo (Portugal).

Ele passa toda a vida a ser um verdadeiro cidadão angolano, enquanto participa aos movimentos angolanos pela libertação do colonialismo: neste sentido, o seu pseudónimo mesmo é uma homenagem a cidade de Luanda.

Em 1951-53 o Luandino faz parte da revista *Mensagem*¹, baseada sobre as ideias do MNIA (Movimento dos Novos Intelectuais de Angola), que tinha um carácter contestatário onde se descreviam por um lado, as difíceis condições sociais dos *musseques*, ou seja os bairros degradados de Luanda; e, por outro lado, tinha implícitas reivindicações nacionalistas cujo objectivo era criar uma escrita que fosse totalmente angolana. Alguns anos depois, mais especificadamente em 1957, ele foi um dos maiores exponentes da nova revista literária *Cultura*, em que foram publicados os seus primeiros textos e onde há uma implicação recíproca entre o discurso jornalístico/literário e o discurso que fomentava os povos à Independência (vou aprofundar isso no capítulo 1.2, em relação ao conceito de angolanidade).

Em 1956 o MNIA deu origem a outro movimento, o MPLA (Movimento Popular pela Libertação de Angola) do qual o Luandino Vieira fez parte: em 1959, de facto, ele foi preso pela PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado) com uma condena de 14 anos, no âmbito do que ficou conhecido como “processo dos 50”. Foi durante a sua detenção que ele escreveu *Vidas Nova*, como ato de rebelião pelos tratamentos desumanos que os portugueses usavam contra os angolanos. Onze anos depois, em 1972, foi libertado em regime de residência vigiada, passando a viver em Lisboa.

Nesta fase da sua vida, apesar de ser preso, Luandino Vieira ganhou vários prémios entre os quais o Prémio Sociedade Cultural de Angola (1961), o da Casa do Império dos Estudantes de Lisboa (1963) e o da Associação de Naturais de Angola (1963), o Grande Prémio de Novelística da Sociedade Portuguesa de Escritores (SPE, 1965): o último prémio foi decisivo porque a censura alinhou-se contra a decisão do júri e por isso, foi proibida quer a atribuição do prémio, quer a obra mesma e num segundo momento a repressão salazarista obrigou o fecho da SPE e pela mesma razão

¹ Aprofundido no subcapítulo 2.2, p. 17

foi fechada também a Casa dos Estudantes do Império, enquanto lugar de agregação perigoso para o regime do Estado Novo.

Em 1975 regressou em Luanda, onde exerceu cargos directivos no MPLA e foi também presidente da Radiotelevisão Popular de Angola até 1978.

José Luandino Vieira foi membro fundador da União dos Escritores Angolanos, cuja condição sempre reivindicou, apesar de ter nascido em Portugal, onde exerceu funções de secretário-geral deste organismo desde a sua fundação a 10 de dezembro de 1975 até 1992.

Desde 1992, depois das eleições em Angola e a relativa guerra civil, volta a Portugal em Vila Nova de Cerveira (Minho), onde mora ainda hoje.

A nível literário, ele é considerado um dos maiores escritores contemporâneos enquanto descre o mundo angolano sem censuras, sem melhorias, para denunciar uma vida que os cidadãos não mereciam.

A sua produção literária é composta por romances, poesias e coletâneas de estórias. De facto, a prosa curta de Luandino Vieira tem uma relação estreita com a forma de ficção popular originária da cultura tradicional angolana de contar estórias, o *mussosso*². Por esta razão, no princípio os contos de Luandino Vieira não capturaram o interesse dos leitores europeus enquanto essas narrativas eram de difícil compreensão pela falta de conhecimento da língua na qual ocorreram: aspecto interessante porque muitas das suas primeiras edições circularam clandestinamente nas colónias, quer em Portugal quer no Brasil (portanto as datas não estão certas).

A maioria da suas obras foram escritas entre 1961 e 1972, durante o período na prisão da PIDE. Pires Laranjeira³, em relação à produção literária de Vieira, afirma que é subdivisível em fases, onde a primeira está ligada ao exemplo das estórias contéudas em *Vidas Novas* (1975), com a característica de ser mais perto ao cânone literário europeu, porque a língua é mais perto da norma europeia.

Protagonista da segunda fase é a sua obra mais conhecida, ou seja *Luuanda* (1972), na qual é visível uma quebra respeito ao modelo europeu e, mais no específico, do Portugal.

De facto, a nível linguístico, a língua portuguesa vai se substituir com uma língua mais angolanzada, como aquela falada na capital de Luanda, misturada com maneiras de dizer e palavras tiradas das línguas nacionais.

O idioma mais difundido e mais misturado deriva do *kimbundu*, que era também a língua mais difundida nos *musseques* da capital portuguesa:

² Plural: *missosso*

³ José Luis Pires Laranjeira (Melgaço, Portugal, 1950) é um professor e escritor português especializado nas literaturas africanas.

(...) na primeira etapa, Luandino escreve com a finalidade de narrar; na segunda, narrar é um pretexto para escrever. Assim, o texto luandino da primeira etapa é sobretudo representação, enquanto o da segunda etapa é especialmente produção. Do texto como representação ao texto como produção acontece a escrita de José Luandino Vieira, um caso diferente no panorama da literatura africanas modernas, ainda que não único, como renovador de estruturas linguísticas e literárias.⁴

Esta mudança da escrita foi portanto fundamental para um discurso e uma reflexão comum sobre o conceito de identidade.

1.2 O CONCEITO DE ANGOLANIDADE

O mundo colonial é um mundo que está dividido, a sua lógica é binária, sendo baseado sobre duas categorias em oposição entre elas: o conquistador e o conquistado, o civilizado e a selvagem, o branco e o negro. Neste contexto, tudo é concebido como algo outro respeito à concepção do eu europeu e ocidental, e este outro é algo mau, negativo e tudo isso se reflite do ponto de vista geográfico onde no centro da cidade temos a metrópole, a riqueza que governa sobre as periferias, postas no lado da cidade, onde há pobreza partilhada entre as pessoas, que vivem a mesma situação de violência, precariedade e apartheid⁵ social. Trata-se portanto de dois mundos em contraste, onde o fator dominante é o racial e a coisa que mais maravilha é que quem têm o poder são os outros e não os autóctones.

Neste contexto de marginalidade, mais especificadamente na Angola colonial e na cidade de Luanda, como já antecipado no capítulo 1.1, vive um dos maiores escritores de língua portuguesa: José Luandino Vieira, pseudónimo literário de José Luandino Vieira Mateus de Graça, nascido em Portugal em 1935 mas que de facto, passa toda a infância e a adolescência em Angola porque os seus pais decidiram de se transferir para Luanda quando ele tinha apenas um ano.

Aqui começa a sua história literária, que abrange principalmente a Luanda dos marginalizados pelo contexto social de dominação.

Do ponto de vista intelectual, Luandino Vieira pertence ao grupo que escrevia na revista *Cultura* baseada sobre as ideias do MNIA (Movimento dos Novos Intelectuais de Angola) e que tinha um carácter contestatário onde se descreviam por um lado, as difíceis condições sociais dos *musseques*, ou seja os bairros degradados de Luanda; e, por outro lado, as implícitas reivindicações nacionalistas cujo objectivo era criar uma escrita que fosse totalmente angolana.

4 Trigo (1981: 205-206)

5 Política de segregação racial.

A revista nasceu em 1957 das cinzas da revista Mensagem - a voz dos naturais⁶ de Angola (1951-1952) que publicava maioritariamente poesias: de facto, esta foi a década onde, através da poesia, forma-se o primeiro desenvolvimento das publicações periódicas e dentro delas impôs-se o género poético (a prosa desenvolve-se mais tarde). Como já antecipado, influenciam estes textos as ideias nativistas, oriundas de Angola e desenvolvidas nas décadas anteriores e, ao mesmo tempo, começam influir as ideias pan-africanistas, nacionalistas do continente e o conceito da négritude⁷.

[...] A violência colonial não tem somente o objetivo de garantir o respeito desses homens subjugados; procura desumanizá-los. Nada deve ser poupado para liquidar as suas tradições, para substituir a língua deles pela nossa, para destruir a sua cultura sem lhes dar a nossa; é preciso embrutecê-los pela fadiga.⁸

Daqui nasce a necessidade de reafirmar as próprias origens e as próprias raízes por parte dos intelectuais ligados à revista Cultura, da qual Luandino Vieira foi o redator, assim como o obrigo histórico e também moral de ligar à actividade artísticas às temáticas sociais e económicas do próprio país.

À base da sua escrita há um conceito fundamental, onde o processo de representação faz-se também através das formas literárias escolhidas, e não só através dos conteúdos: a identidade nacional que se constrói através da literatura não é algo dado, mas é uma construção que se faz a partir da negociação de sentidos, para permitir a dois povos de encontrar-se no meio, chegando assim a um ponto comum. A nova identidade portanto é algo que tem que ser negociado, e o Luandino Vieira demonstra esta teoria misturando as línguas mas, em alguns casos, também através das suas histórias: um exemplo é o conto *Zito Makoa, da 4a classe (Vidas Novas)*, onde demonstra que uma amizade entre dois povos diferentes é algo possível, apesar da sociedade incitar o contrário e, nesse modo, ele demonstra como as crianças têm uma sensibilidade mais intuitiva que triunfa sobre a retórica dos adultos e dos brancos, com uma força maior respeito ao poder colonial.

Como escritor, o que faz quer nas suas obras literárias é sublinhar a complexidade do mosaico -quer étnico, quer racial- da sociedade angolana, assim como fez depois nas suas produções literárias, descrevendo a sua contemporaneidade, sublinhando e levando àquelas realidades subalternas e

6 Onde os “naturais” refere-se às pessoas nascidas em Angola.

7 O Movimento da Négritude desenvolveu-se nos anos '30 em Paris, ao redor da revista universitária *L'étudiant Noir*: neste período a elite das colónias ia estudar na capital colonial: por este motivo, muitos estudantes africanos e dos outros territórios coloniais convergiam na capital da França e, através desta agregação, começaram desenvolver reflexões sobre o conceito de *identidade* e, em particular, de *identidade negra*. O movimento portanto, nasceu como reivindicação do valor da cultura negra em sentido amplo, nasceu como ato de resistência e redescoberta do que eram as raízes culturais, a tradição pré colonial destes povos, os valores estéticos intrínsecos das suas expressões literárias originais, para subverter o domínio e o silenciamento: fala-se de epistemicídio, ou seja genocídio do conhecimento levado a cabo pelos colonizadores (Aimé Césaire, *Discourse sur le colonialisme*).

8 (FANON apud SARTRE, 1994, p. 9).

incompreendidas para o nível literário, dando assim voz ao senso comum.

1.3 “VIDAS NOVAS”: OS HERÓIS DOS MUSSEQUES

As cenas da obra *Vidas Novas* desenvolvem-se num espaço bem definido e caracterizado: os *musseques* (do *kimbundu*, *mu-seke*, ou seja “local arenoso”⁹) da cidade de Luanda, ou seja as áreas suburbanas, os guetos, os lugares concretos da emarginação.

O objecto principal das estórias é a vida nos *musseques* evidenciando algumas das experiências de quem vive nos bairros e, através destas experiências, o Luandino Vieira denuncia a iniquidade do inteiro sistema social: trata-se sem dúvida de um contexto onde a alienação do colonizado e os pressupostos racistas que movem as relações sociais marcam em profundidade as ações e as identidades dos indivíduos e, portanto, das personagens do livro.

No contexto da Angola em que vive o Luandino Vieira há uma mistura de étnias que não gostava aos colonizadores enquanto os estudos dizem-nós que a população africana (assim nomeada dos negros) era seis vezes maior do que a população europeia (dos brancos) e da população mestiça. No contexto da colonização, cria-se uma concepção nova relativa ao conceito de hibridismo¹⁰ que depois muda a ser uma das principais características de todas as literaturas pós-coloniais.

O colonialismo trazia consigo uma convivência forçada entre os colonizadores e os colonizados e isso provocou também o obrigo pelos africanos de deslocar-se da própria terra mãe: o tráfico negreiro determinou deslocações de muitas pessoas e isso tem algumas implicações a nível cultural porque os nativos começaram a perguntar-se “qual é o meu lugar no mundo?”.

O “diferente” era considerado como negativo e isso foi evidente nas descrições destas populações, consideradas não humanas (às vezes eles eram considerados como objectos) porque careciam da linguagem e da consciência de si, dum ponto de vista europeu.

Na verdade, à base do pensamento africano, a identidade é uma relação do ser com os outros seres, uma co-pertença ao mesmo mundo: os africanos não se apercebiam como negros porque é uma palavra inventada pela consciência europeia, e só num segundo momento começaram a perceber-se como negros (após da escravidão que os levou no outro lado do Atlântico), até que se apropriaram desta definição para torná-la num princípio de libertação.

9 Infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa-ao/musseque>

10 Em 1940 Gilberto Freyre, sociólogo brasileiro, elabora a teoria do Lusotropicalismo e miscigenação que é fundamentalmente uma mistificação porque é uma espécie de “justificação” do colonialismo português como menos violento dos outros colonialismos. Substancialmente porque foi um colonialismo que tendia à miscigenação entre os europeus que chegavam e as populações brasileiras e africanas. Sobre esta teoria, apoiou-se também o salazarismo dos anos '40, para promover a ideia de um “colonialismo inocente”.

Ainda mais característica da fusão potencial entre o capitalismo e o animismo é a possibilidade, muito clara, de transformação dos seres humanos em coisas animadas, dados numéricos e códigos. Pela primeira vez na história humana o substantivo negro deixa de remeter unicamente à condição atribuída aos povos de origem africana durante a época do primeiro capitalismo (...).

A essa nova condição fungível e solúvel, à sua institucionalização enquanto padrão de vida e à sua generalização pelo mundo inteiro, chamamos o devir-negro do mundo¹¹.

E é próprio isso o objectivo da literatura de Luandino Vieira, ou seja afirmar exactamente qual é o lugar dos angolanos no mundo: trata-se de uma narrativa de costumes que remonta ao universo da Luanda colonial e critica essa sociedade flagrando a perda de elementos da cultura angolana: assim cria-se, através da literatura, um espaço para fomentar uma discussão a respeito do cotidiano colonial e da vida vivida dos povos locais.

Na obra *Vidas Novas*, seu terceiro romance, os protagonistas são cidadãos angolanos representados como héreis individuais¹² da época, enquanto revelam as condições às quais os colonizados angolanos eram submetidos. Os oito contos foram produzidos entre junho e julho de 1962 dentro do Pavilhão Prisional da PIDE, em Luanda, no momento em que o Luandino Vieira foi preso, nos contextos iniciais da guerra pela independência de Angola: o escritor usa uma forma de representação totalmente realista cujo fim era a conscientização sobre as condições às quais os indivíduos angolanos eram submetidos durante a ditadura salazarista para que mais pessoas, a partir dessa percepção, pudessem aderir à causa revolucionária.

A concepção do héroi deriva pelo facto que o objectivo deles é afirmar a própria identidade num contexto de privatização, até o ponto de sacrificar a vida para conseguir no objectivo ou seja, o herói tem que morrer para que seus feitos possam ecoar para além de seu tempo: neste sentido os oito contos que compõem *Vidas Novas* pretendiam contribuir para a formação de um sentido nacional novo, diferente e melhor pelos angolanos.

No primeiro conto, Dina é uma jovem angolana que teve a sua virgindade vendida para um homem branco da região aos dezesseis anos e que, depois, foi forçada pela madrinha a tornar-se prostituta e vender-se pelos soldados brancos contra a sua vontade porque aquele exército matou os seus pais. João Matias Kangatu, do conto *À espera do luar*, era um homem negro, um pescador, que tenta realizar pela primeira vez um misterioso serviço de entrega mas que no final foi matado por ser denunciado.

Depois temos Nela, do conto *À Sexta-feira*, personagem diferente dos outros por ser esposa de um preso político:

11 Mbembe Achille, *Crítica da Razão Negra*, Como; Pavia: Ibis. (2016).

12 Artigo *O sentido heroico da vida em Vidas Novas*, de Luandino Vieira, escrito por Daniel Laks.

Toda a gente ali estava de manhã cedinho, esperando com paciência a hora de receber e entregar as únicas notícias autorizadas das pessoas que gostavam¹³.

No conto “Cardoso Kamukolo, sapateiro” temos uma novidade respeito aos outros contos, ou seja o exercício de “pôr uma estória”, os *missosso*, típicos da cultura oral do povo *kimbundu*.

O protagonista conta uma estória sobre contar estórias, e de como este ato carrega e precisa de experiências.

Os *monandengues* (as crianças) querem uma estória que “não vem dos livros”, algo de novo que reflita a vida de um homem: o *vavô* brinca sobre o facto de contar a estória do coelho e do leão, mas eles recusam esta opção porque eles respondem:

-Queremos uma estória de pessoas! ;

- Essas estórias dos animais que falam, não queremos mais. Vavô sempre conta essas...¹⁴

De facto, o que é interessante é que Cardoso Kamukolo era só um pobre sapateiro, cambuta e grosso, uma pessoa comum sem nenhuma característica particular e essa mesma lógica também se aplica aos demais protagonistas de *Vidas Novas*, cada um representando uma situação específica de exclusão social e violência vividas pela população angolana durante o domínio português.

Trata-se de personagens comuns que cada dia enfrentam o próprio destino, que acomuna todos os angolanos, ainda que isso os obrigue a sacrifícios ou os exponha a riscos.

Assim, a obra ultrapassa o domínio do que se poderia conhecer, transformando-se em outra coisa, ou seja algo capaz de abranger as expectativas de um futuro mudável, pondo um olhar sobre o significado de identidade e em particular de angolanidade, do que significa de facto ser um angolano.

Há uma imagem constante em quase todas as estórias, ou seja a do carro da polícia que move a pó, sufocando o *capim* (erva) nos lados das ruas do *musseque*: isso remanda à fragilidade de quem vive nas margens da sociedade e que o poder colonial sempre pisa e destrói, mas que os angolanos tentam (e conseguem) revingar.

13 (VIEIRA, 1985, p. 51)

14 Vieira, Luandino, *Vidas Novas* (Editorial Nzila, Luanda, 2006, *Cardoso Kamukolo, Sapateiro*), Edição Kindle.

VIDAS NOVAS, TEXTOS E TRADUÇÕES

A formação da literatura angolana tem ligações profundas com a história da independência desse país que viveu em estado de guerra até o ano de 2003. Os textos literários gestados pelos intelectuais angolanos no momento de fundação do referido cenário literário tinham em vista não apenas o empenho estético, mas ainda visavam mudar o pensamento do povo angolano durante todas as dificuldades vividas durante o período colonial.

2.1 O PRETOGUÊS DE LUANDINO VIEIRA

O aspecto da redescoberta da identidade e, neste caso específico, da angolanidade, percebe-se no processo de inovação do código linguístico o qual tem vista numa discussão sobre o processo de libertação enquanto, como já antecipado, mistura a língua do colonizado (da família *bantu*, *kimbundu*) com a língua do colonizador (o português), criando ao mesmo tempo um conjunto de neologismos.

A obra de Luandino, em Angola e na literatura africana de língua portuguesa, é expoente da invenção de uma linguagem literária através da qual comunicou mensagens subversivas (...).

em Luandino Vieira a reinvenção metalinguística é uma via de resistência e atributo de consciência perante a ambiência insuportável à volta: pressão interior e espiritual, opressão sociocultural e política ¹⁵.

De facto, o Luandino Vieira usa o pretoguês como meio para denunciar a situação colonial, afirmando assim uma angolanidade nova e diferente, exaltada através do uso de uma língua outra que reflete e revela também alguns aspectos da sociedade angolana.

O pretoguês representava a língua veicular da Angola, chamada tecnicamente Português Vernacular de Angola (PVA), utilizada do povo que vivia nos *musseques* formada por um forte substrado bantu e o uso maciço de termos não portugueses.

O português de Luandino Vieira em *Vidas Novas* está muito perto do português falado em Luanda, que é uma variedade do português europeu, apesar de muitas palavras ser criada pelo escritor mesmo. A língua luandina é influenciada pelo *kimbundu*, que pertence à família *bantu*, e cuja característica é o ser uma língua prefixal, tonal e sem alguns modos e tempos verbais presentes na

¹⁵ Inocência de Mata, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, *O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa*.

variedade europeia do português: assim, ele cria uma linguagem nova que congloba quer as estratégias de enunciação literária em língua portuguesa, quer o sistema semiótico da oralidade, formado através do uso de um código linguístico diferente para definir e demonstrar aos leitores o que significa realmente ser angolano durante a época do colonialismo, exaltando as vidas que pertencem aos submetidos. Mário Pinto de Andrade, em relação ao conceito de angolanidade, afirma:

(...) a angolanidade requer enraizamento cultural e totalizante das comunidades humanas, abarca e ultrapassa dialecticamente os particularismos das regiões e das etnias, em direcção à nação.¹⁶

Luandino Vieira dedicou-se muito à criação da língua dentro da língua, com o objectivo de exprimir a sensibilidade e a vida de um povo não europeu.

O facto de misturar duas línguas, portanto o português e o *kimbundu*, tem como fim não só a reprodução, de forma mimética, para incluir na literatura alguns traços da oralidade das culturas africanas, mas também a desterritorialização do português que passa a ser desde língua europeia até a uma língua perfeita para a representação do contexto africano, uma língua que retoma o seu lugar através do sentido, num movimento que conserva uma forte carga revolucionária.

A tradução de *Vidas Novas* não foi tão simples, primariamente pelas questões linguística já mencionadas como, por exemplo, o uso desta mistura entre duas línguas, a dificuldade de compreender algumas palavras *kimbundu* ou maneiras de dizer típicas da língua indígena, assim como o uso dos neologismos.

Albert Memmi, escritor e ensaísta francês nascido na Tunísia, explicou claramente esta situação do bilinguismo:

A língua materna do colonizado, aquela que é nutrida por suas sensações, suas paixões e seus sonhos (...), enfim, aquela que contém a maior carga afetiva, essa é precisamente a menos valorizada. (...) Se quer obter uma colocação, conquistar seu lugar, existir na cidade e no mundo, deve, primeramente, aplicar-se à língua dos outros, a dos colonizadores, seus senhores.

Nesta mistura de falas, a pergunta recorrente ao longo da tradução era como escrever e interpretar melhor estas histórias em italiano, porque o meu objectivo era recriar um texto que fosse mais fiel possível ao original, sem mudar o sentido multilíngue, tipicamente angolano, e o desejo de

16 KANDJIMBO, Luís (1997), *Angolanidade: o conceito e o pressuposto*, in *Apologia de Kalitangi: ensaio e crítica*. Luanda: Instituto Nacional do Livro e do Disco.

desenvolver a concepção de uma nova identidade: é necessário partir daqui para enfrentar a análise do texto através das suas componentes morfossintáticas e gramaticais.

Antes da análise linguística quero escrever uma consideração: a relação entre a escrita e a oralidade é muito importante na produção literária de Luandino Vieira e *Vidas Novas*, apesar da obra pertencer à primeira fase da sua escrita, na qual exprimia-se primariamente em português (já explicada no capítulo 1.1, segundo a conceição de José Luis Pires Laranjeira).

A oralidade é demonstrada através do uso da linguagem coloquial, encontro entre o português e o *kimbundu* que quer o narrador, quer as personagens, usam.

Nesta fase, acho necessário esclarecer um aspecto sobre a língua da Angola: do ponto de vista linguístico, a Constituição da República da Angola prevê uma língua oficial única, ou seja o português: apesar disso, o país tem várias línguas de origem *bantu*, ligadas a diferentes grupos étnicos. As maiores são os Ovimbundu (cuja língua é o *umbundu*), os Ambundu ou Akwambundu (cuja língua é o *kimbundu*) e os Bakongo (cuja língua é o *kikongo*): o que é importante para melhor compreender o contexto literário de Luandino Vieira, é que o *kimbundu* tem maior prestígio, sendo a língua falada na capital.

Por outro lado, a oralidade é representada através técnicas mais modernas como o fluxo de consciência e o discurso direito livre, com o uso de termos de linguagem quotidiana (*nga / ngoma, sô, sukama* e muitos outros, que vão ser aprofundados depois).

Assim, o narrador tem uma função muito importante dentro das estórias, porque ele é quer o “cantor ambulante”, quer o carregador da verdade: por isso as estórias traduzidas, assim como os *missosso*, são contos da imaginação mas que tratam acontecimentos que poderiam ser reais na sociedade angolana da época de Vieira.

As personagens não são complexos, o seu papel não é mostrar-se enquanto indivíduos, mas sim como coletividade: o que transparece é que a oralidade *kimbundu* ganha sobre o português, porque usada também em contextos mais elevados como no caso de *O Fato Completo de Lucas Matesso*, onde o guarda prisional vai avisar o *chefe* da sua descoberta em relação ao “fato completo” e fala assim:

- Tudo correu às mil maravilhas. Cinco minutos prò gajo ver a mulher. Apesar de preta, é muito boa...¹⁷

Aqui temos uma clara demonstração de como a formulação dos discursos misturam o *kimbundu* e o português, também a nível gramatical, estandardizando as duas línguas.

Mas não se limita a isso, porque a oralidade africana vê-se também pelas múltiplas digressões, as

¹⁷ Vieira, Luandino, *Vidas Novas* (Editorial Nzila, Luanda, 2006, *O Fato Completo de Lucas Matesso*), Edição Kindle

constantes comparações com a natureza da Angola, com o rio Kuanza, com as paisagens e muitos outros pormenores que não pertencem ao uso comum na língua portuguesa.

A língua portuguesa adaptou-se ao kimbundo e não o contrário: assim, o autor exalta e reforça a tradição africana através da fala para criar uma nova coletividade que se reúne à volta de uma nova linguagem.

2.2 ANÁLISE LINGUÍSTICA

Segundo quanto escrito no capítulo anterior, o português usado por Luandino Vieira é mais perto do português falado na Luanda que é uma variante europeia da língua: por isso, para fazer uma análise adequada, é necessário comparar as duas línguas para evidenciar as diferenças.

Para descrever das dificuldades linguísticas encontradas, considero oportuno enfrentar a parte relativa à gramática baseando-me sobre a tese de Silvia Brambilla¹⁸, quem enfrentou o assunto de modo muito detalhado.

Quando Silvia Brambilla enfrenta a parte analítica da tradução, portanto da análise formal do trabalho dos tradutores em relação à tradução italiana das obras *Luuanda* e *O Livro dos Rios* de Luandino Vieira, ela cria uma divisão relativa aos verbos, os adjetivos, os pronomes e as conjunções e aos advérbios.

Em relação ao seu trabalho, notei algumas diferenças entre o português usado nos textos analisados por Silvia Brambilla e *Vidas Novas*, enquanto o uso dos verbos é mais perto do PE do que do *kimbundu*.

Ela explica as dificuldades de traduzir Luandino Vieira, demonstrando quanto a gramática angolana (portanto desta língua misturada entre o português europeu e o *kimbundu*) represente um obstáculo pela compreensão dos seus livros.

2.2.1. OS VERBOS

Ela escreve assim (traduzido em português):

Em relação à morfossintaxe, na língua de Luandino Vieira há desvios em relação aos sintagmas verbais, aos adjetivos possessivos e ao grau do adjetivo. (...)

¹⁸ *Una riflessione sulla lingua di José Luandino Vieira nelle opere 'Luuanda' e 'O livro dos rios' e nelle sue traduzioni in italiano.* (a.a. 2015-2016; p. 18-28)

Temos também uma outra diferença em relação a escolha da colocação do pronome pessoal da terceira pessoa e ao uso do *que* polivalente. Enfim, nota-se que também os sintagmas adverbiais afastam-se do PE.¹⁹

Durante a sua análise de facto, ela encontra as seguintes incongruências em relação ao uso das preposições, enquanto a tendência do escritor é a de eliminá-las em particular:

- a) *estar a + infinitivo*;
- b) *andar a + infinitivo*;
- c) *continuar a + infinitivo*;
- d) *começar a + infinitivo*.

Ao longo da minha tradução, este foi um caso raro. Talvez porque quando o Luandino Vieira escreveu as estórias, ele estava na sua primeira fase de escritor (portanto mais perto do PE).

Aqui os exemplos encontrados:

PLV: antes de começar preparar a lição para a escola ou outra coisa²⁰.

PE: Antes de começar a preparar a lição para a escola ou outra coisa.

PLV: (...) se encostava na cadeira para começar ditar no ajudante²¹.

PE: (...) se encostava na cadeira para começar a ditar no ajudante.

Na maioria dos casos, nas estórias o Luandino Vieira usa uma forma verbal mais perto do PE, portanto as diferenças em relação aos verbos dos oitos contos são conformes ao português atual.

A situação muda nos casos de regência verbal e dos verbos pronominais.

Silvia Brambilla, no seu trabalho, explica como a língua de Luandino Vieira muda respeito à do PE, enquanto a norma europeia prevê que os verbos de movimento (como *ir*, *vir*, *chegar*, *andar*, *sair*...) precisam da preposição “*a*” (ou “*para*”) quando designam um movimento para um lugar, enquanto precisam da preposição “*de*” para indicar um movimento de lugar²².

Na linguagem luandina, usa-se mais frequentemente a preposição “*em*”, que no português europeu indica o ato de estar num lugar.

Neste caso é evidente a interferência com o *kimbundu* no português de Luanda, que constitui a sua base linguística. No trabalho de Silvia Brambilla, ela explica que nas línguas bantu existem três locativos e, no *kimbundu*, temos três formas que são /ku/, /mu/ e /bu/, que podem ser quer prefixos de base nominal ou pronominal, quer sintagmas nominais com valor espacial: os angolanos, através

19 S.Brambilla (2016-2017): p. 17

20 L.Vieira - *Vidas Novas*, cit. *Cardoso Kamukolo, Sapateiro*. Kindle.

21 L. Vieira – *Vidas Novas*, cit. *O Fato Completo de Lucas Matesso*. Kindle.

22 Brambilla Silvia (2016-2017): p. 21.

do bilinguismo funcional, não diferenciam as preposições *a*, *em* e *para* porque /ku/ indica quer o movimento para um lugar, quer um movimento de lugar²³.

Alguns exemplos:

PLV: Se sentou na frente do mar²⁴.

PE: Sentou-se à frente do mar.

PLV: (...) quando chegava na hora do turno²⁵.

PE: (...) quando chegava a hora do turno.

PLV: (...) mas na hora de refilar com mestre Rufino, pedir abono ou mais descanso em terra, estava sempre na frente da confusão²⁶.

PE: (...) mas à hora de refilar com mestre Rufino, pedir abono ou mais descanso em terra, estava sempre à frente da confusão.

Em relação à concordância verbal, há muitos casos de discordância entre o pronome com função de sujeito e o predicado: este ponto foi para mim de difícil compreensão, porque muitas vezes eu tinha confusão em relação as personagens.

Como escreve Silvia Brambilla, Mingas (2000: 73-75) sustem que isto é devido à interferência com o *kimbundu*, porque na língua bantu não existe alguma diferença entre o “tu” e o “você”.

Aqui alguns exemplos:

PLV: Adiantou queixar você agora já não fazes serviço bem feito!²⁷.

PE: Adiantou queixar tu agora já não fazes serviço bem feito! ou

Adiantou queixar você agora já não fazes serviço bem feito!

PLV: - Kangatu, você vejas lá!²⁸

PE: - Kangatu, você veja lá!.

2.2.2. OS ADJETIVOS

Segundo a norma do PE, os adjetivos possessivos têm que ser antecipados por um determinante,

23 Ibid; p. 21.

24 L.Vieira - *Vidas Novas*, cit. *À Espera do Luar*. Kindle.

25 Ivi. *À Espera do Luar*.

26 Ivi. *À Espera do Luar*.

27 L.Vieira – *Vidas Novas* cit. *Dina*. Kindle.

28 L.Vieira – *Vidas Novas* cit. *À Espera do Luar*. Kindle.

portanto:

O (det.) meu (adj. Poss.) amigo (nome) come (verbo)²⁹.

O que acontece na língua de Luandino Vieira em *Vidas Novas* é uma elisão do determinante:

PLV: - Meu homem, meu filho e mesmo outra família estão lá dentro³⁰.

PE: - O meu homem, o meu filho e mesmo outra família estão lá dentro.

PLV: Eu pago mesmo o material, mas o trabalho é meu!³¹.

PE: Eu pago mesmo o material, mas o trabalho é o meu!

Uma outra discordância a nível linguístico relativa aos adjetivos, refere-se ao comparativo de superioridade porque a norma europeia prevê geralmente uma construção formada por: mais + adj + do que.

Como explica também Silvia Brambilla³², a questão é diferente se consideramos o comparativo bom, porque em PE a sua forma de superioridade é melhor.

Luandino Vieira pelo contrário, usa a forma “mais melhor”, devida além uma vez à interferência com o *kimbundu*:

PLV: (...) a peça mais melhor para facilitar ainda o trabalho da máquina³³.

PE: (...) a peça melhor para facilitar ainda o trabalho da máquina.

2.2.3 PRONOMES E CONJUNÇÕES

Uma das características mais recorrentes na escrita de Luandino Vieira é o uso do pronome complemento indireto “lhe”: ele não diferencia o singular entre o /o/;/a/ ou /lhe/.

Também neste caso, a explicação é dada pelo facto que a língua *kimbundu* certifica uma única forma, representada do termo /mu/ quer como complemento direito, quer indireto³⁴: isso é devido à tradição oral africana.

29 S. Brambilla (2015-2016, p. 23)

30 L.Vieira - *Vidas Novas* cit. *À Sexta-feira*. Kindle.

31 L.Vieira - *Vidas Novas* cit. *Cardoso Kamukolo, Sapateiro*. Kindle.

32 S. Brambilla (2015-2016: p. 24)

33 L. Vieira - *Vidas Novas* cit. *Cardoso Kamukolo, Sapateiro*. Kindle.

34 Mingas (2000:71)

PLV: O medo que lhe atacara quando saiu(...) ³⁵.

PE: O medo que o atacara quando saiu(...) : porque refere-se ao protagonista, Kangatu.

PLV: A rapariga ria parecia era maluca e quis ainda sair nas mãos do homem só para lhe xingar ³⁶.

PE: A rapariga ria parecia era maluca e quis ainda sair nas mãos do homem só para o xingar : porque refere-se a Kangatu.

PLV: Na porta teve ainda uma ideia que lhe alegrou mesmo na cabeça ³⁷.

PE: Na porta teve ainda uma ideia que o alegrou mesmo na cabeça : porque refere-se ao chefe da prisão.

Uma outra particularidade da escrita de Luandino Vieira tem a ver com o uso do “que” polivalente, usado como na fala comum da Angola, mas também o português vernacular brasileiro.

As frases relativas do PE são introduzidas por vários conectivos como por exemplo quando, entretanto, no momento/dia/manhã em que... ³⁸ enquanto na escrita de Vieira encontrei:

PLV: Na hora que Dina correu ma confusão não pensou ainda nada. ³⁹.

PE: Na hora em que Dina correu ma confusão não pensou ainda nada.

PLV: (...) e os beijos finos estavam arreganhados num sorriso na hora que falou (...) ⁴⁰.

PE: (...) e os beijos finos estavam arreganhados num sorriso na hora em que falou (...).

PLV: (...) sozinha, no musseque, naquele dia que ela queria mas não podia mais se esquecer ⁴¹.

PE: (...) sozinha, no musseque, naquele dia em que ela queria mas não podia mais se esquecer.

2.2.4 ADVÉRBIOS

O estudo de Silvia Brambilla demonstra como no *corpus* linguístico de Luandino Vieira, há um uso averbial percebido como natural para um português e por isso normativo ⁴².

Mas ela sublinha também como o escritor usa os advérbios “devagar” e “depressa” como substantivos, portanto “com devagar” e “com depressa”:

35 L. Vieira - *Vidas Novas*, cit. *À Espera do Luar*. Kindle

36 Ibidem.

37 L. Vieira - *Vidas Novas*, cit. *O fato completo de Lucas Matesso*. Kindle.

38 S. Brambilla (2015-2016: p. 26)

39 L.Vieira - *Vidas Novas*, cit. *Dina*. Kindle.

40 L.Vieira - *Vidas Novas*, cit. *O fato completo de Lucas Matesso*. Kindle.

41 L.Vieira - *Vidas Novas* cit. *Dina*. Kindle.

42 S. Brambilla (2015-2016: p. 26)

PLV: Com devagar, voz quieta e segura, falava-lhe parecia era irmão⁴³.

I: Con voce lenta, calma e sicura, gli parlava come un fratello.

43 L. Vieira - *Vidas Novas* cit. *Cardoso Kamukolo, Sapateiro*. Kindle.

TRADUZIR LUANDINO VIEIRA

Durante a minha experiência de tradução, encontrei problemas de vários tipos além da questão gramatical: as dificuldades maiores foram relacionadas ao léxico porque, como já antecipado, o Luandino Vieira introduz inovações devidas ao seu aspecto criador, misturando a língua *kimbundu*, criando neologismos através uma série de processos morfológicos e misturando a sua língua originária com o português de Luanda.

Assim, o Luandino Vieira evidencia a sua atitude experimentalista perante a linguagem, com um resultado, muitas vezes, surpreendente: ele cria uma língua dentro de outra língua, deitando por terra as bases etnocêntricas em que assenta a norma portuguesa.

Todo isso representou um problema para mim, porque o meu objectivo era tornar o significado do texto de partida acessível aos receptores, na língua de chegada e ao mesmo tempo compreender os significados mais profundos que pertencem a uma cultura que eu não conheço.

Portanto, um esforço importante foi também o de pesquisar o aspecto que pertence à “tradução cultural” da língua, onde voltei a uma estratégia de substituição e a conservação (nos trechos onde isso foi possível), para render o texto compreensível ao leitor, tentando ser mais fiel possível ao texto de partida: não foi simples, primariamente porque muitas das referências nas estórias não existem na cultura receptora (portanto à italiana) como por exemplo todas as semelhanças entre homem e natureza (com referencias à natureza da Angola).

3.1. COMPARAÇÕES E NATUREZA

A natureza é algo imprescindível nas estórias.

Um ponto comum entre todas é a personificação da natureza, que implica um esforço para ser traduzido. O problema principal é que na língua italiana não existem comparações semelhantes àquelas usadas por Luandino Vieira, porque na maioria dos casos é algo que pertence à cultura africana da Angola.

Na verdade, notei que Luandino Vieira fez comparações com todos os elementos naturais. Por exemplo, no conto *O Feitiço do Bufo Toneto* encontrei esta frase que tem uma comparação com o elemento da terra:

PLV: Então, devagar, com as pernas mesmo a tremer parecia caniço, avançou na cubata do mecânico⁴⁴.

44 L. Vieira - *Vidas Novas* cit. *O feitiço do bufo Toneto*.

Não compreendi imediatamente o significado da comparação, porque a palavra “caniço” não fazia sentido para mim com o contexto da frase. Entrando na ótica angolana, imaginei a paisagem exótica, os rios e os canos perto do rio que se movem levemente pela brisa quente, portanto traduzi assim:

I: Poi, lentamente, con le gambe che gli tremavano come se fossero canne, avanzò verso la capanna del meccanico.

A minha tradução resulta assim compreensível na língua italiana e ao mesmo tempo fiel a de Luandino Vieira.

Um exemplo semelhante pertence à estória de *Cardoso Kamukolo, Sapateiro* na qual está escrito:

PLV: Cardoso Kamukolo era um sapateiro cambuta e grosso como boa cana dos lados do Kuanza⁴⁵.

Também neste caso, combatei muito com a minha escolha de tradução, porque o significado era algo incompreensível para mim: na língua italiana não existe nenhuma comparação similar.

Portanto decidi de estar fiel ao texto, traduzindo assim:

I: Cardoso Kamukolo era un calzolaio basso e grasso come la canna buona dalle parti del Cuanza.

E continua com uma comparação com o elemento da água:

PLV: Até mesmo tinha nascido nessas terras bonitas da Kisama e o seu riso parecia era água do grande rio que lhes atravessava e punha verdes⁴⁶.

Aqui temos uma comparação diferente, e além uma vez inexistente na língua italiana.

Como é que o riso pode ser comparado à água? Contudo notei uma particularidade no ler *Vidas Novas*: apesar de não pertencer ao contexto do escritor, o leitor (também italiano, como no meu caso) consegue entrar na sua visão do mundo e sente as emoções de Luandino Vieira, compreende o seu *modus operandi*, entra na sua ótica e, ao final, percebe a sua escrita.

Por isso a tradução italiana que soa melhor para mim é:

I: Era nato proprio in quelle bellissime terre di Kisama e la sua risata sembrava l'acqua del grande fiume che le

45 L. Vieira - *Vidas Novas* cit. *Cardoso Kamukolo, Sapateiro*. Kindle.

46 Ivi. *Cardoso Kamukolo, Sapateiro*.

atraversava e le rendeva verdi.

O som da água do rio grande que corre é o mesmo som do riso de Cardoso Kamukolo e aos olhos do leitor isso faz sentido, apesar de não existir na língua de chegada, porque a imaginação muda a ser a mesma do escritor.

E ainda no capítulo de *O exemplo de Job Hamukuaja*:

PLV: Só olharam nos olhos um do outro, o cuanhama alto, magro, um pequeno bigode em cima do beijo esticado na frente e uns olhos grandes, cheios de água como os rios largos que correm na terra do seu povo (...) ⁴⁷.

I: Si guardarono solamente negli occhi, l'uomo kwanyama era alto, magro, un baffetto sopra al labbro teso in avanti e due occhi grandi, pieni di acqua come i grandi fiumi che scorrono nella terra del suo popolo (...).

Sempre no mesmo capítulo encontramos uma comparação similar:

PLV: (...) ninguém mais que ele conhecia usava aqueles olhos que, mesmo escondidos, enterrados à porrada no fundo dos buracos inchados, ele via cheios de água, pareciam eram os rios da terra dele ⁴⁸.

I: (...) nessuno di sua conoscenza aveva quegli occhi che, anche se nascosti, sotterrati dai colpi in fondo ai buchi gonfi, lui vedeva pieni di acqua, sembravano i fiumi della sua terra.

No capítulo *O feitiço do bufo Toneto* encontramos uma comparação com o fogo na qual, para sublinhar o elemento, Vieira usa a redundância do termo:

PLV: Só o sol a bater rijo e mau na cabeça, as pernas não querendo andar pelo areal, os pés não lhes sentia mesmo, sentia ainda a alma, a vida lhe fugir, a ficar vazio, leve, com esse fogo vermelho de fogo nas costas, nos braços, nos olhos, nos olhos dele, de maluco sem ver nada (...) ⁴⁹.

I: Solo il sole lo colpiva forte e malvagio in testa, le gambe non volevano camminare per la spiaggia, non sentiva i piedi, sentiva solo l'anima, la vita che gli stava sfuggendo, restando vuoto, leggero, con questo fuoco rosso fuoco sulla schiena, sulle braccia, negli occhi, nei suoi occhi, pazzo, senza vedere più niente (...).

Também aqui foi invadida pelas dúvidas, enquanto na língua italiana a tradução resulta agramatical.

Apesar disso, como já antecipado, quem lê o Luandino Vieira entra também na sua linguagem,

47 L. Vieira - *Vidas Novas*, cit. *O exemplo de Job Hamukuaja*. Kindle.

48 Ivi. *O exemplo de Job Hamukuaja*.

49 L. Vieira - *Vidas Novas*, cit. *O feitiço do bufo Toneto*. Kindle.

encanta-se com as suas palavras, e o “fogo vermelho de fogo” recria exactamente a sensação do protagonista da estória, que sofre pelas chicotadas e pelas pancadas do chefe e do seu assistente. Encontrei algumas dificuldades também em relação às comparações com referência ao mundo animal: o obstáculo maior deve-se ao facto que eu (como também muitos dos leitores italianos) não conheço todas as espécies que o Luandino Vieira mencionou.

PLV: “Lá adiante, os homens já tinham-lhe agarrado, um, alto e gordo, punham-lhe socos na cabeça, no peito magro, nas orelhas e no meio das conversas todos a quererem bater, sentiam-se os gemidos de terror do mona, apanhando parecia era no meio da manada dos mabecos.”

O escritor refere-se aos “homens” como “mabecos”, mas o que é o “mabeco”?

No dicionário português – italiano⁵⁰ não encontrei o termo, portanto confiei na internet, onde encontrei dois significados:

Mabeco: ZOOLOGIA (*Lycaon pictus*) mamífero africano, da família dos Canídeos, voraz e selvagem, vive em matilhas, sobretudo em zonas de savana e de vegetação baixa, e apresenta orelhas grandes e redondas e corpo delgado com pelagem curta com manchas castanhas, pretas, brancas e amarelas.⁵¹

E:

Mabeco:[Zoologia] Cão bravo africano (*Lycaon pictus*), de pêlo com manchas acastanhadas, pretas e brancas. = CÃO-CAÇADOR-AFRICANO, LICAONE.⁵²

Através dessas descrições, a tradução que fica melhor para mim na língua italiana (mesmo pelo sentido) é a seguinte:

I: Lì davanti, gli uomini l'avevano già preso, uno, alto e grosso, lo prendeva a pugni in testa, sul petto magro, sulle orecchie e nel mezzo dei discorsi tutti lo volevano colpire, si sentivano i gemiti di terrore del bambino, i colpi, preso nel mezzo di quello che sembrava un branco di licaoni.

Inicialmente traduzi com a palavra italiana “cinghiali”, mas depois escolhi outra vez a fidelidade com o texto de Luandino Vieira, porque mudando a palavra muda também o significado do texto, que é exactamente o que eu queria evitar.

A palavra “licaoni” leva ao animal africano, enquanto a palavra “cinghiali” é mais perto da esfera cognitiva do leitor italiano, mas mais longe do texto original.

50 G. Mea, Dicionário de Português - Italiano Porto Editora, 3a edição, 2009, Portugal.

51 Infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/mabeco>

52 Dicionário Priberam da Língua Portuguesa: <https://dicionario.priberam.org/mabeco>

Um outro exemplo que gosto demonstrar pertence ao último capítulo do livro, ou seja *Zito Makoa, da 4a classe*.

No ler a estória, eu tinha certeza que *Zito* fosse o nome e *Makoa* o apelido, até que li essa frase:

PLV: Sempre pelejava lá em cima com os outros monandengues na areia vermelhas do musseque onde estava morar e por isso mesmo lhe adiantaram chamar de Makoa: curtinho e gordo, mas, força como ele, só esse peixe no anzo!⁵³.

Aqui a minha curiosidade inspirou-me para saber mais. Assim descobri da existência do “Makoa”, um peixe de mar curto, gordo, e difícil de apanhar, assim como o *Zito* quem era um menino animado e feliz por estar com o seu amigo branco *Zeca*. Portanto a tradução que para mim fica mais adequada é:

I: Combatteva sempre lì sopra con gli altri ragazzini nelle sabbie rosse del musseque dove abitava e proprio per questo iniziarono a chiamarlo Makoa: bassino e grasso, ma, forte come lui, solo quel pesce all'amo.

É importante destacar a marca da africanidade que Luandino impõe aos seus textos, pela incessante evocação à Natureza e a tradução impõe uma transferência que cruza culturas.

Através da tradução, o que tentei fazer foi recriar um mundo longe e desconhecido, colocando um filtro cultural entre o texto de partida e o texto de chegada para não perder o sentido.

Either the translator leaves the author in peace, as much as possibile, and moves the reader towards him; or he leaves the reader in peace, as much as possible, and moves the author towards him⁵⁴.

3.2. AS PALAVRAS INTRADUZÍVEIS

Como pode ser visto a partir dos exemplos supramencionados, a angolanidade linguística de Vieira, o uso constante do bilinguismo, representou uma dificuldade maior na escolha da tradução sendo o italiano uma língua “unilíngue”. A minha escolha pessoal foi sem dúvidas mais para o leitor, porque a estratégia que usei foi traduzir tanto quanto possível para permitir ao leitor italiano de compreender ao máximo os oito contos, e portanto para perceber melhor a atmosfera de Luanda. Mesmo assim, encontrei várias palavras cuja tradução foi impossível, porque se destacavam

53 L. Vieira - *Vidas Novas*, cit. *Zito Makoa, da 4a classe*. Kindle.

54 S. Brambilla (2015-2016: 37) cit. Venuti (2004: 18-19).

demasiado do texto. O caso mais recorrente é claramente a palavra *musseque*, foco das *estórias* luandinas. Vou propor aqui um exemplo para demonstrar onde encontrei a dificuldade:

PLV: Madrinha Mabunda lhe gostava de pequeninha, lhe criara ainda de vestido e comida, senão não sabia como ia viver assim, cinco anos, sozinha, no musseque, naquele dia que ela queria mas não podia mais se esquecer⁵⁵.

Hora, como traduzir melhor uma frase assim para o italiano?

Pensei em vários termos, todos semelhantes, mas nenhum deles era fiel à palavra *musseque*.

Por exemplo, o termo “bassofondo”, ou “ghetto”, ou “quartiere”, mas a tradução ficaria errada, porque *musseque* é um termo de origem *kimbundu*, que indica os terrenos arenosos à volta da cidade de Luanda, ou seja os bairros suburbanos ocupados por população com menos recursos⁵⁶ (o significado da palavra e a sua origem *kimbundu* é explicado em detalhe na página 9).

É algo que recria aquela forma de angolanidade e de queixa social que não pode mudar o seu sentido, tem que ficar assim. Portanto:

I: Da piccola, piaceva alla protettrice Mabunda, le aveva dato da mangiare e da vestire, altrimenti non avrebbe vissuto, a cinque anni, sola, nel musseque, in quel giorno che per quanto volesse, non riusciva a dimenticare.

Outra palavra que foi impossível de traduzir foi *mulemba*, ou seja uma árvore muito grande da Angola cujo frutos podem ser comidos. Aqui uma imagem, seguida por um exemplo do texto:



PLV: Então, má como o vento que começava assobiar com força nos zincos soltos, nas mulembas, nas

55 L. Vieira - *Vidas Novas* cit. *Dina*. Kindle.

56 Infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/musseque>

mandioqueiras, vida dela de menina apareceu nessas lágrimas que não queria, não gostava⁵⁷.

I: Allora, cattiva come il vento che iniziava a fischiare forte tra le lamiere staccate, tra le *mulembas*, tra gli alberi di manioca, la sua vita da bambina si trasformava in lacrime che non voleva, non le piacevano.

No capítulo *À Espera do Luar*, encontrei a palavra *dongo*, que é uma embarcação tradicional africana, constituída por um tronco de árvore comprido, sol e escavado, manobrado com pás (exceccionalmente com velas) e usado na pesca e no transporte de pessoas e mercadorias⁵⁸.

Também neste caso, decidi deixar a palavra na língua de partida, enquanto a tradução mais perto do texto poderia ser a palavra italiana “canoa”, mas o sentido não ficaria o mesmo.

PLV: No lado direito o mar estava falar, mas João Matias não lhe ligava, habituado dessa conversa de sempre, desde pequenininho no dongo até na traineira de mestre Rufino, da ilha do Cabo⁵⁹.

I: Sulla destra il mare parlava, ma a João Matias non gli prestava attenzione, da sempre abituato a questa conversazione, da quando era piccolino nel dongo fino ad ora nel peschereccio del maestro Rufino, nella Ilha do Cabo.

Outra escolha da minha tradução foi a de não traduzir os nomes próprio das cidades e das personagens, enquanto ter-se-ia perdido a essência mais profunda da angolanidade e do sentido exótico das estórias.

Assim como alguns nomes intraduzíveis da comida, porque se trata de alimentos típicos da Angola:

PLV: Tinha sol e céu azul, a traineira saía mesmo nessa tarde e já dois dias que estava ali preso, levando com a porrada dos cipaios⁶⁰ de manhã, comendo funji de fuba podre, sem dinheiro ainda para pagar a multa de beber⁶¹.

Eu nunca encontrei a palavra *funji*, portanto pesquisei o significado na internet e descobri que trata-se dum tipo de massa cozida geralmente de farinha de milho, mandioca ou batata-doce⁶² e que na língua portuguesa escreve-se *funje*.

Traduzir com o termo “pasta” parecia-me redutivo, portanto decidi deixar a palavra original:

57 L. Vieira - *Vidas Novas*, cit. *Dina*. Kindle.

58 Infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/dongo>

59 L. Vieira - *Vidas Novas*, cit. *À Espera do Luar*. Kindle.

60 O termo vai ser explicado melhor na página 29.

61 L. Vieira - *Vidas Novas*, cit. *À Espera do Luar*. Kindle.

62 Infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/funje>

I: C'era il sole e il cielo era limpido, il peschereccio sarebbe partito quel pomeriggio e lui era stato imprigionato già da due giorni, prendendo le mazzate dei soldati indigeni fedeli agli inglesi, mangiando funji di farina grezza, senza nemmeno i soldi per pagare la multa della bevuta.

Ou ainda o *quitande*, encontrado no capítulo *O feitiço do Bufo Toneto*:

PLV: João Santo tinha posto teima e ninguém que podia lhe resistir quando falava Emília ia fazer um quitande para todos⁶³.

I: João Santo aveva insistito e nessuno gli resisteva quando Emília diceva che avrebbe cucinato il *quitande*.

O quitande deriva do *kimbundu*, *kitande* e indica um guisado de puré de feijão temperado com azeite de palma⁶⁴: o termo resulta assim intraduzível.

Outra palavra que me deu alguns problemas foi *escudos*, porque a tradução no imediato foi “scudi”, na língua italiana mas, analisando o contexto, a tradução fica errada. No dicionário “Treccani”, pesquisando a palavra scudi, encontra-se:

Genericam., grossa moneta d'oro o d'argento; in partic., moneta d'argento da cinque lire di corso legale in Italia fino alla seconda guerra mondiale⁶⁵.

Portanto as moedas são diferentes, uma é o *escudo* angolano e a outra é o “scudo” europeu.

PLV: (...) e os fregueses começavam refilar, cinquenta escudos pagar assim para quê, dormir então com mulher de pau e outras coisas...⁶⁶.

I: (...) e i clienti iniziavano a lamentarsi, cinquanta escudos spesi così, per cosa, dormire com una donna di legno e altre cose...

3.3. TRADUZIR O KIMBUNDU

Encontrei também muitas palavras de origem *kimbundu* que decidi traduzir com o propósito de criar uma ligação maior entre o leitor italiano e o texto.

63 L. Vieira - *Vidas Novas*, cit. *O feitiço do bufo Toneto*. Kindle.

64 Infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/quitande>

65 Ponto 8; b.

66 L. Vieira - *Vidas Novas*, cit. *Dina*. Kindle.

A “normalização” dos termos angolanos no âmbito das estórias (escritas principalmente em português) criou também uma divisão em mim, enquanto eu estava combatida entre o deixar os termos originais ou traduzí-los. De facto o que eu decidi fazer foi dividir igualmente a língua italiana tentando misturá-la com a angolana, assim como fez o Luandino Vieira com o português. No primeiro capítulo *Dina* encontrei pela primeira vez a exclamação *sukama* (sucessivamente também *sukua*) que pertence ao léxico *kimbundu kukuamà*, e significa “ofender”⁶⁷. A minha escolha de tradução portanto foi a seguinte:

PLV: - Sukuama! Menina de vinte anos parece é uma acabada. Se você queres eu vou lá te ensinar ainda...⁶⁸.

I: - Maledizione! Una ragazzina di vent'anni penso, e sembri già finita. Se vuoi posso ancora insegnarti come si fa...

Outra palavra de difícil compreensão foi *Nga / Ngoma / Sô*, que no português da Angola são as abreviações de “senhora/senhor”.

Ou ainda, em quase todos os capítulos encontra-se o termo de origem *kimbundu* de *berrida* ou *dar berrida*, que significa “deixar fugir”. Aqui um exemplo do capítulo *Nela*:

PLV: (...) e um cuspo amargo encheu a boca de Nela, dando berrida nas palavras de desculpa que queriam ainda sair⁶⁹.

I: (...) e la bocca di Nela si riempì di un sapore amaro, lasciandosi sfuggire parole di perdono che volevano ancora uscire.

Um termo tipicamente angolano de origem *kimbundu* é também *sanzala* ou seja “cabana” (traduzido com a palavra “capanna”), mas cujo significado é mais desprezador porque indicava o lugar da Angola onde moravam os autóctones, composto de cubatas.

Cipaios é um termo que indica os soldados indígenas recrutados geralmente para policiamento local ou rural⁷⁰: isso levou-me a fazer uma tradução de tipo diferente, porque não existe um termo similar na língua italiana (ver o exemplo de página 27).

Bufo não significa “buffone”, como eu pensei quando li pela primeira vez o capítulo *O feitiço do bufo Toneto*, mas lendo as três partes da estória entendi que a palavra não tinha sentido no contexto

67 Infopédia: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/sucuama>

68 L. Vieira - *Vidas Novas*, cit. *Dina*, Kindle.

69 L. Vieira - *Vidas Novas*, cit. *À Sexta-feira*, Kindle.

70 Priberam: <https://dicionario.priberam.org/sipaio>

da tradução, e descobri que no português informal a palavra *bufo* indica a ação de revelar ou acusar algo ou alguém de alguma coisa (portanto o ato de denunciar)⁷¹.

PLV: Você quer ir lá na prisão, te matarem se calhar, com a fome e a porrada, por causa dum bufo?⁷²

I: Vuoi andare lì, in prigione, a farti ammazzare magari, con la fame e le percosse, per un delatore?

Chui foi outra palavra difícil compreensão, até que entendi que se trata do calão do povo angolano no falar dos policiais, aqui o exemplo sempre do capítulo *O feitiço do Bufo Toneto*:

PLV: Como é o chui ia saber aquelas conversas da oficina?⁷³

I: Come poteva sapere lo sbirro di quelle conversazioni dell'officina?

Lendo Luandino Vieira, descobri também outros termos como *zincos*⁷⁴ (lamiere), *maca*⁷⁵ (do *kimbundu maka* que indica conversa, palavra ou mais no específico), que na língua angolana indica um problema, um conflito ou uma discussão⁷⁶, *cuanhama*⁷⁷, ou seja um grupo étnico que vive no sul de Angola e no norte da Namíbia e também o “*industrial*”⁷⁸, que é a maneira em que era chamada a cidade de Luanda, sendo mais “*industrial*” do que os *musseques*.

3.4 MANEIRAS DE DIZER E EXPRESSÕES

O último subcapítulo é sobre algumas maneiras de dizer angolanas que me procuraram dificuldades na tradução, mas ao mesmo tempo intrigaram-me muito. Na verdade, as maneiras de dizer dizem também algo sobre o povo que as usa, porque representam outro lado da cultura de um povo.

No segundo capítulo *Dina* li a frase seguinte:

PLV: Maluca de dor, xinguilando, a berrar, dentes para morder, Dina correu nos polícias, pelejando, insultando (...) ⁷⁹.

71 Priberam: <https://dicionario.priberam.org/bufo>

72 L. Vieira - *Vidas Novas*, cit. *O feitiço do bufo Toneto*, I, Kindle.

73 Ivi. *O feitiço do bufo Toneto*, I.

74 L. Vieira - *Vidas Novas*, cit. *Dina*, *O feitiço do Bufo Toneto*, I. Kindle

75 Ivi. *O feitiço do Bufo Toneto*, I.

76 Priberam: <https://dicionario.priberam.org/maca>

77 L. Vieira, Luandino - *Vidas Novas*, cit. *O exemplo de Job Hamukuaja*, Kindle

78 Ivi. *O exemplo de Job Hamukuaja*.

79 L. Vieira - *Vidas Novas*, cit. *Dina*, Kindle

Nunca encontrei esta expressão no curso dos meus estudos, mas no contexto em que a maneira de dizer se encontra, é possível intuir o significado: ela rebela-se contra os policiais porque mataram um homem por ser preto, portanto os “dentes para morder” representam o seu rancor e ao mesmo tempo a sua vontade de “morder” aqueles homens cuja ação foi injusta.

Decidi de manter o sentido da língua original e por isso traduzi assim:

I: Pazza dal dolore, quasi posseduta, urlando, con i denti pronti a mordere, Dina corse verso i poliziotti, combattendo, insultando (...).

Outra maneira de dizer sobre a qual refleti foi no capítulo *Á Sexta-Feira*:

PLV: Nela desceu no meio do monte de mulheres sentadas ou encostadas, catando os monas dando de mamar ou olhando-se umas nas outras com os olhos vazios e quietos, pondo só palavras pequenas e baixas⁸⁰.

I: Nela scese, tra il gruppo di donne sedute e addossate l'una all'altra, cercando i bambini, allattandoli o guardandosi l'un l'altra con occhi vuoti e tranquilli, parlando poco e sottovoce.

Inicialmente traduzi a palavra “monte” como “montagna”, porque também na língua italiana encontra-se a mesma maneira de dizer, “montagna di gente”, que indica um grupo muito amplo de pessoas. Porém neste caso a tradução não ficava bem, porque depois no texto de Luandino Vieira há a mesma palavra mas num contexto diferente, onde a tradução italiana “montagna” resulta excessiva:

PLV: Um sopro de admiração saiu do monte de pessoas e uma mulher de panos correu e agarrou a criança⁸¹.

É evidente que assim a tradução seria um exagero, enquanto com a palavra italiana “gruppo” o resultado resulta diferente, melhor:

I: Dal gruppo di gente, si alzò un'ondata di ammirazione e una donna vestita di stracci corse e acchiappò la bambina.

80 L. Vieira - *Vidas Novas*, cit. *Á Sexta-feira*, Kindle.

81 Ivi. *Á Sexta-feira*.

Relativamente às expressões, há muitas que representam as características da fala angolana como: “andar nas portas”⁸², ou seja quem merece (mendicante); “fazer pouco”⁸³, ou seja provocar alguém (prender in giro); “ralhar de mentira”⁸⁴, ou seja fingir (far finta di).

A dificuldade aqui foi a pesquisa por atrás das palavras, para compreender o sentido e torná-lo inteligível.

Emfim, tentei também preservar a fluência poética do texto; o autor usa as vírgulas extensivamente para criar uma corrente, uma fluidez das palavras e das frases. Este ritmo é importante para o estabelecimento das imagens constitutivas da obra.

Por isso, tentei seguir a sintaxe original, tanto quanto foi possível.

82 L. Vieira - *Vidas Novas* cit. *O feitiço do bufo Toneto*, Kindle.

83 L. Vieira - *Vidas Novas* cit. *A Sexta-feira; O exemplo de Job Hamukuaja*, Kindle.

84 L. Vieira - *Vidas Novas* cit. *Cardoso Kamukolo, Sapateiro*, Kindle.

VIDAS NOVAS
LUANDINO VIEIRA

Estas narrativas foram escritas de 28/6 a 28/7/62, no Pavilhão Prisional de PIDE, em Luanda.

Apresentadas ao concurso literário da Casa dos Estudantes do Império, Lisboa, foram distinguidas com o Prémio João Dias, 1962, por um júri de que faziam parte, entre outros, Urbano Tavares Rodrigues, Orlando da Costa, Lília de Fonseca, Noémia de Sousa e Carlos Ervedosa.

NUOVE VITE
LUANDINO VIEIRA

Questi racconti furono scritti dal 28/6 al 28/7/1962, nel Padiglione Carcerario della PIDE, a Luanda.

Presentati al concorso letterario della *Casa dos Estudantes do Império*, Lisbona, fu loro attribuito il *Prémio João Dias*, 1962, da una giuria della quale facevano parte, tra i tanti, Urbano Tavares Rodrigues, Orlando da Costa, Lília da Fonseca, Noémia de Sousa e Carlos Ervedosa.

*Para Linda
e a vida nova
que tem no sorriso dela.*

*Per Linda
e la nuova vita
che c'è nel suo sorriso.*

*Hablo de cosas que existen
Dios me libre de inventar cosas
cuando estoy cantando!*

Pablo Neruda

*Parlo di cose che esistono
Dio mi liberi dall'inventare cose
quando sto cantando!*

Pablo Neruda

DINA

Estes casos passaram no Santo Rosa, em Maio de 61.

Dina estava lá, nessa hora do fim da tarde, quase sem sol já, sentada na porta da cubata, coçando as pernas. As moscas não lhe largavam na ferida, e as mãos já sabiam mesmo o jeito de lhes enxotar.

Pelas areias fora, como ainda a luz do dia, as pessoas voltando no serviço iam-se escondendo, guardar sua tristeza ou alegria nas cubatas pequenas e escuras, e nas portas e quintais os monas brincavam só.

E essa tristeza que tem nos fins das tardes de Maio amarrava mais, adiantava comer alegria que ia precisar no serviço desse dia. A mais-velha já tinha-lhe avisado:

- Dina! É hoje ele vai vir. Menina t'alegra-se! Mas também alegrar como então nesses dias assim, nessas horas de confusão das pessoas e das coisas, tiros dentro das noites, muitas vezes gritos de cubatas invadidas, choros e asneiras e mais tiros e depois ainda o fugir de passos, o correr de jipes com soldados de metralhadora disparando à toa, nas sombras e nas luzes, nos gatos e nas pessoas? Alegria como ainda com esses olhos grandes, lá em cima da torre deles, de ferro com tinta de alumínio, que mijavam a luz amarela nas areias vermelhas dos

DINA

Questi fatti accaddero a Santo Rosa, nel maggio del '61.

Dina era lì, nell'ora tarda del pomeriggio, ormai quasi senza sole, seduta davanti alla porta della capanna, a grattarsi le gambe. Le mosche non davano tregua alla ferita, e le mani si muovevano ormai automaticamente nel gesto di scacciarle.

Le persone, tornando dal lavoro, camminavano sulla sabbia e si nascondevano così come aveva fatto la luce del sole, tenendo la propria tristezza o allegria nelle piccole e scure capanne, mentre i ragazzini continuavano a giocare davanti alle porte o nei cortili.

E questa tristezza, che caratterizza i tardi pomeriggi di maggio, li avvinghiava di più, era inutile essere allegri pensando al lavoro che avrebbe dovuto svolgere quel giorno. L'anziana l'aveva già avvisata:

-Dina! Oggi lui verrà. Ragazza, rallegrati!

Ma come ci si può rallegrare in questi giorni, in questi momenti di confusione di gente e di cose, di spari nelle notti, spesso grida provenienti da capanne invase, pianti e imprecazioni e ancora spari e poi ancora il rumore di passi che fuggono, di jeep che corrono guidate dai soldati con le mitragliatrici, sparando a caso, nell'ombra e alla luce, ai gatti e alle persone? Quale allegria con quegli occhi grandi che, dalla cima delle loro torri di ferro verniciato di alluminio, pisciavano luce gialla

musseques, despindo cubatas, sombras boas de cambular fregueses, dar encontro com alguém que lhe queria fora desse serviço dessa velha Mabunda, sempre lhe avisando, sempre arreganhando:

- Adiantou queixar você agora já não fazes serviço bem feito! Não sei mesmo o que pensa na sua cabeça, menina. Um rapaz bonito então!... E amigo, como você sabe! Mas não, não pode se lembrar assim nessa hora que o sol escondia envergonhado da luz amarela, parecia era azeite-palma, dos quatro olhos dos projectores desrespeitando os segredos dos musseques. Era uma impressão que vinha de muito longe, não sabia mais como, ou mesmo ainda nunca tinha-lhe pensado, isso é que era mais verdade. Essa coisa trepava, crescia parecia era capim com a chuva, amarrava-lhe no coração na hora que trabalhava e os fregueses começavam refilar, cinquenta escudos pagar assim para quê, dormir então com mulher de pau e outras coisas... Como é ela ia ainda explicar na madrinha Mabunda, esse sentir? Não ia lhe querer aceitar, certeza mesmo. Ameaçava só, arreganhando só, dia inteiro a lamentar o dinheiro pouco, a comida cara e outras coisas para lhe chatear, para lhe obrigar a fazer o serviço em condições, senão os fregueses estavam ir embora, a culpa era dela, já se via.

- Sukuama! Menina de vinte anos parece é uma

nelle sabbie rosse dei *musseques*, spogliando capanne; ombre buone di uomini ingannevoli, che volevano incontrare qualcuno che li desiderasse fuori, qualcuno al servizio di quella vecchia Mabunda, sempre avvertendola, sempre sghignazzando:

- Si è lamentato del fatto che il tuo servizio non è più buono! Io davvero non so cosa ti passa per la testa, bambina. Un bel ragazzo, poi! E amico, come ben sai!

Ma no, non poteva ricordare questo nell'ora in cui il sole si nascondeva timidamente dalla luce gialla, sembrava olio di palma, dei quattro occhi dei proiettori, irrispettosi nei confronti dei segreti dei *musseques*. Era un'impressione che arrivava da molto lontano, non sapeva come, o meglio, non ci aveva mai pensato, questa era la verità. Questa cosa si arrampicava, cresceva come l'erba con la pioggia, le stringeva il cuore nell'ora in cui lavorava e i clienti iniziavano a lamentarsi, cinquanta *escudos* spesi così per cosa, dormire con una donna di legno e altre cose...

Come avrebbe fatto a spiegare questo sentimento alla protettrice Mabunda? Non l'avrebbe accettato, questo è certo. Minacciava soltanto, ghignava soltanto, si lamentava tutto il giorno del poco denaro, del cibo caro e di altre cose per infastidirla, per costringerla a svolgere il servizio come si deve, altrimenti i clienti se ne sarebbero andati e la colpa sarebbe stata sua, già lo sapeva.

- Maledizione! Una ragazzina di vent'anni

acabada. Se você queres eu vou lá te ensinar ainda...

Como ia explicar então, como? E na madrinha é que ia perceber o que estava dentro dela se ela mesmo ainda não dava encontro na verdade? Falar esse peso que ficava com a poeira dos jipes e dos homens de metralhadora ou a raiva das berridas de toda a gente no musseque, depois do escuro? Não adiantava nada, já sabia mesmo!

A velha, xacatando seu passo antigo, passava a vida no quintal, panela e comida, não podia ainda ver que lá fora tudo está mudado agora. E mesmo que as orelhas dela ainda ouviam os gritos das pessoas acordadas com porradas nas portas ou os berros dos homens caçados a tiro, ela só falava isso eram confusões desses rapazes bandidos, malandros, fabricantes de quimbombo, gente que não respeitava mais-velhos.

Enxotando nas moscas dessa ferida no pé, Dina estava a pensar, outra vez, essas coisas. A matutar nesse princípio de nojo que estava sentir muitas vezes no serviço; quando deitava com os tropas tinha qualquer coisa dentro dela não aceitava, mesmo que nas mamas ficavamo rijas e as pernas apertavam o homem que sabia, lá dentro, bem no fundo, na pele dela e na carne dela, um bicho que não conhecia, não sabia, torcia-se, mexia, refileva.

E o homem depois, zangado, punha queixas na velha, e ela só muxoxava já sem mais coragem

penso, e sembri già finita. Se vuoi posso ancora insegnarti come si fa...

Come gliel'avrebbe spiegato quindi, come? E la madrina come avrebbe capito quello che c'era in lei se lei stessa ancora non lo sapeva, in verità? Parlare di ciò che le pesava come la polvere delle jeep e degli uomini con la mitragliatrice, o della rabbia delle urla di tutta la gente del *musseque*, dopo il tramonto? Era tutto inutile, già lo sapeva!

La vecchia, trascinando il suo antico passo, trascorreva la vita nel cortile, pentola e cibo, non poteva di certo vedere come là fuori tutto fosse cambiato. E anche se le sue orecchie sentivano ancora le grida della gente svegliata a suon di mazzate sulle porte, o le urla degli uomini colpiti dagli spari, lei sosteneva che si trattasse solamente di disordini di piccoli teppisti, mascalzoni, produttori di *kimbombo*, gente che non rispettava gli anziani.

Scacciando le mosche dalla ferita del piede, Dina stava pensando, ancora una volta, a queste cose. Stava rimuginando su questa sensazione di disgusto che molte volte sentiva durante il lavoro; quando giaceva con i soldati, c'era qualcosa in lei che non lo accettava, nonostante il seno si irrigidisse e le gambe stringessero l'uomo che sapeva; ma all'interno, nel profondo, nella sua pelle e nella sua carne, una creatura a lei sconosciuta, di cui non sapeva niente, si contorceva, si muoveva e resisteva.

E quindi l'uomo, infuriato, si lamentava con la vecchia, la quale sbuffava senza avere il

para repetir as palavras que falava todos os dias.

A noite chegava pelo dia fora e a luz de azeite-palma cobria os risos dos monandengues brincando, as falas das pessoas nas portas gozando os bocados de vento, na hora que os jipes já passavam devagar, a espreitar.

Dina, a se coçar, pensava como ia fazer mesmo nessa noite. Talvez ele ia vir e ela já não queria mais dele, só mesmo a velha é que lhe obrigava, no corpo não aceitava mais esse cheiro de sola, de suor da tropa que ele vestia sempre.

Sem querer mesmo, na cabeça começava pensar essas pessoas estendidas na areia, no capim, nos primeiros dias da confusão, bocas abertas para o céu da manhã, olhos a mirarem as nuvens que já não viam, o sangue vermelho a ficar também negro, junto com a areia.

O bicho que lhe roía crescia nessas horas. Nessas horas mesmo lembrava sua vida, no antigamente não estava pensar ainda, só quem lhe mandava era madrinha Mabunda, as farras e os miúdos suinguistas.

E, nesse acabar da tarde, a tristeza era mais. No seu nariz já o cheiro da tropa, mesmo que ele não vinha ela já lhe via, essa mania de dono-de-tudo, essa maneira de pendurar aquele fato pintado parecia era sardão, as gargalhadas com a velha Mabunda, sempre agradecendo, sempre desculpando:

coraggio di ripetere le parole che diceva tutti i giorni.

La notte scendeva lasciando il giorno alle spalle, e la luce dell'olio di palma copriva le risate giocose dei bambini e le parole delle persone alle porte che si godevano una boccata d'aria nell'ora in cui le jeep passavano lentamente, per controllare.

Dina, mentre si grattava, pensava a come avrebbe fatto quella notte. Forse lui sarebbe venuto e lei già non lo avrebbe più voluto, era solo la vecchia a obbligarla, il suo corpo non accettava più quell'odore di suola, del sudore della divisa che lui indossava sempre.

Involontariamente, la sua testa cominciava a pensare alle persone distese nella sabbia e nell'erba durante i primi giorni dei disordini, con le bocche aperte rivolte verso il cielo mattutino, gli occhi esanimi fissi sulle nuvole, il sangue rosso che, unendosi alla sabbia, diventava nero. La creatura che la rosicchiava internamente cresceva in questi momenti. In questi momenti, ricordava anche la sua vita, quando un tempo non pensava a niente, solo a chi le ordinava la protettrice Mabunda, alla baldoria e ai giovani dandy.

E, sul far della sera, la tristezza era troppa. Già sentiva l'odore del soldato nelle narici, anche se lui non fosse venuto lei già lo immaginava, con quel fare da padrone di ogni cosa, quel modo di appendere la divisa colorata come una lucertola, le risate con la vecchia Mabunda, che ringraziava, che si scusava sempre:

- Sabe, ela anda doente! Parece lhe puseram feitiço, não sei!

Então, má como o vento que começava assobiar com força nos zínco soltos, nas mulembas, nas mandioqueiras, vida dela de menina apareceu nessas lágrimas que não queria, não gostava. As mãos enxotaram nas moscas e passearam nas mamas já secas e caídas, lembrando Bernardo, as coisas antigas, a vigilância da velha quando ela estava miúda, não deixando-lhe de noite nas brincadeiras da rua, avisando:

- Quando você vai ter dezasseis anos, já sabe, minha filha! Sô Tonho te quer na cama dele. Prometeu na tua felicidade! Juízo, menina! Um bom branco, como ele, te pode dar mesmo casamento!

Era a raiva que estava chegar na boca junto no vômito do peixe da tarde, essa dor de lhe crescerem como galinha, engordarem-lhe para comer na festa.

Não era ainda raiva na velha, não, era raiva na vida, raiva de tudo. Madrinha Mabunda lhe gostava de pequenininha, lhe criara ainda de vestido e comida, senão não sabia como ia viver assim, cinco anos, sozinha, no *musseque*, naquele dia que ela queria mas não podia mais se esquecer.

Era domingo de sol, manhã bonita de 43 ou 44, não lembra mais, os tropas correram nos capins disparando nas pessoas e os carros da polícia e dos batalhões adiantaram derrubar mesmo

- Sai, lei è malata! Sembra le abbiano fatto il malocchio, non so!

Allora, cattiva come il vento che iniziava a fischiare forte tra le lamiere staccate, tra le *mulembas*, tra gli alberi di manioca, la sua vita da bambina si trasformava in lacrime che non voleva, non le piacevano. Le mani scacciarono le mosche e poi passarono a toccare i seni già cadenti e secchi, ricordando Bernardo, le cose antiche, la sorveglianza della vecchia quando lei era ancora bambina, non lasciandola giocare nella strada la notte, avvertendola:

- Quando avrai diciassette anni, già lo sai, figlia mia! Il Signor Tonho ti vuole nel suo letto. Ha promesso di renderti felice! Abbi giudizio, bambina! Un buon bianco come lui può addirittura sposarti!

Era la rabbia che le raggiungeva la bocca mescolata al vomito del pesce della cena, il dolore che provava perché la crescevano come un pollo ingozzato per essere mangiato nei giorni di festa. Non era rabbia nei confronti della vecchia, no, era rabbia per la vita, rabbia di tutto. Da piccola, piaceva alla protettrice Mabunda, le aveva dato da mangiare e da vestire, altrimenti non avrebbe saputo come avrebbe vissuto, a cinque anni, sola, nel *musseque*, in quel giorno che per quanto volesse, non riusciva a dimenticare.

Era una domenica di sole, una bella mattina del '43 o '44, non si ricorda, i soldati correvano nella sterpaglia sparando alle persone e le macchine della polizia e dei battaglioni

cubatas. Tinha cinco anos e não chorou.

A cubata caiu metade só, mamã ficou em baixo da parede e na noite quente desse dia, deitada na esteira de nga Mabunda, lhe contaram também o pai estava deitado, dormia com um grande buraco no peito, nas areias da missão de São Paulo.

A lembrança desse dia antigo, os gritos de agora nesses tempos outra vez maus, barulhos de botas e jipes e tiros no meio da noite, essas luzes quilebas sem respeito nas estrelas bonitas de sempre, moscas comendo na ferida velha que não queria se curar, a voz usada de nga Mabunda arreganhando do fundo do quintal, tudo isso enche-lhe de vergonha na cara, de raiva, dessa vontade de querer saber, de matar essa mania a lhe comer por dentro, pondo-lhe fria, quieta, mesmo quando as mãos dos homens sabem esfregar no corpo usado de muitas noites de serviço.

O sol já tinha fugido todo, lhe deram berrida nas estrelas invejosas e a lua nasceu, pelejando nas nuvens para lá do Rangel. Um silêncio mais grosso caiu, mesmo com o roncar dos jipes teimosos, em cima das cubatas escondidas e encostadas nas pequenas ruas e quintais. Pela cara da noite corre um vento mau que arreganha as chapas de zinco e levanta papéis e folhas pelo musseque fora. E é nos pés desse vento que chega o barulho da confusão, de

avevano abbattuto anche le capanne. Aveva cinque anni e non pianse. La capanna cadde solo per metà, la mamma era sotto alla parete e nella calda notte di quel giorno, stesa sulla stuoia di juta della signora Mabunda, le raccontarono che anche il padre era sdraiato, dormiva con un grande buco nel petto, nelle sabbie della missione di San Paolo.

Il ricordo di quel giorno antico, le grida di adesso in quei tempi un'altra volta malvagi, rumori di stivali e di jeep e di spari nel bel mezzo della notte, quelle luci abbaglianti, irrispettose nei confronti delle stelle belle di sempre, le mosche che mangiano nella vecchia ferita che non voleva curarsi, la voce usata dalla signora Mabunda che ghignava dal fondo del cortile: tutto questo le riempiva il volto di vergogna, di rabbia, di questa volontà di voler sapere, di uccidere questa ossessione che la divorava da dentro, rendendola fredda, silenziosa, anche quando le mani degli uomini le strofinavano il corpo usurato dalle molte notti di servizio.

Il sole era già completamente sparito, lo hanno fatto scappare le stelle invidiose, e spuntò la luna, facendosi strada tra le nuvole dal lato di Rangel. Cadde un profondo silenzio nelle capanne nascoste, nelle piccole stradine e nei cortili, nonostante il rombare fastidioso delle jeep. Sul volto della notte scorre un vento cattivo che fende le lamiere di zinco e solleva carte e foglie in tutto il *musseque*. Ed è dai piedi di questo vento che arriva il frastuono

gritos de “agarra, agarra”, das portas se fecharem com barulho e mais choros e gritos de monandengues arrancados nas suas brincadeiras, escondidos dentro das cubatas. Pelo areal, esquivando entre os quintais, o homem corre, e tiros, ninguém que sabe mesmo onde estão sair, passam a cantar na boca do escuro.

É um velhoão, e os olhos grossos do medo brilham parece é brasas, corre e tropeça, cansado, e a voz rouca e medrosa fica atrás, deixa suas palavras no meio das cubatas:

- Não sou eu! Não sou eu!

Na zuna, atrás dele, correm os perseguidores e sujam as sombras nas paredes assustadas, berram e gritam parece é festa e tem mesmo outra vez tiros de pistola que vão bater pelas paredes.

De pé, a tremer, as mãos na frente da cara, o velho tapa só os olhos e nem quer mais se esquivar dos socos, dos pontapés, as porradas de paus e pedras que todos estão a lhe pôr, com grandes gritos. Grita, grita, parece é maluco, pedindo socorro, jurando:

- Não sou eu! Não sou eu! Juro! Não me matem...

Asneiras, o barulho do ar cansado nos peitos soprando com força da corrida, a raiva de bater, o medo, tudo sai, aproveitando na esquiva que a noite dá e rebenta o velho negro encostado na parede, se deixando escorregar, pisado no chão.

della confusione, di grida “prendilo, prendilo”, delle porte che sbattono e ancora pianti e grida di ragazzini strappati dai loro giochi, nascosti nelle capanne. Un uomo corre lungo l'arenile schivando gli spari tra i cortili, nessuno sa da dove partano, esplodono nella bocca dell'oscurità.

È un vecchio, e gli occhi sbarrati dalla paura brillano, sembrano carboni ardenti, corre e inciampa, stanco, e la voce roca e spaventata rimane indietro, lasciando le sue parole tra le capanne:

-Non sono io! Non sono io!

I persecutori lo rincorrono e le ombre macchiano le pareti terrorizzate, urlano e gridano, sembra una festa, e sparano ancora addosso alle pareti.

Il vecchio è in piedi e trema, con le mani si copre solo gli occhi e non vuole più schivare i pugni, i calci, i colpi di bastone e pietre con cui tutti lo stanno colpendo, urlando a squarciagola. Grida, grida, sembra impazzito, chiedendo aiuto e giurando:

- Non sono io! Non sono io! Lo giuro! Non ammazzatemi...

Sciocchezze, il rumore dell'aria stanca che soffia forte sui petti, la rabbia dei colpi, la paura, è uscito tutto, approfittando della sfuggevolezza tipica della notte e colpendo il vecchio negro appoggiato al muro, che si lascia scivolare penstando il suolo .

Na hora que Dina correu ma confusão não pensou ainda nada. Sentiu só o bicho dentro dela roer, parecido quando deitava no serviço com os tropas e os outros, só a raiva é que saía no coração, trepava na cabeça, e se atirou no meio do monte de pessoas.

As unhas, os socos, os pontapés da mulher espantaram-lhes um bocado, mas, num instante mesmo, as mãos fortes lhe agarraram, brutas, e a areia vermelha lhe entrou na boca, nos olhos, sentiu o corpo pisado, muitos pés em cima dela, ainda o chorar do velho, as gargalhadas e, quando a cabeça parecia lhe fugir, um barulho de pés a correr e chicotadas de tiros outra vez: na rua vermelha do musseque, buzinando raivoso, o carro corria com seu grito atrás:

- Polícia!

Fechou todas as janelas e portas, amarrou raivas nos corações, pôs choros de lágrimas nos olhos. Só mesmo Dina é que ficou, levantando, sacudindo na poeira, no barro da boca e dos olhos, com essa dor grande que lhe dava alegria no mesmo tempo, a bater no peito pisado pelos sapatos.

O carro limpou o escuro com faróis e, na luz amarela que varreu o chão, o velho negro nasceu, os dentes arreganhados para o céu, a boca torcida para trás despejando sangue em cima dos cabelos brancos e a camisa aberta, mostrando o vermelho a correr no buraco do peito com a picareta sem cabo, espetada e suja.

Nel momento in cui Dina entrò nella ressa, non pensò a nulla. Sentì solamente la bestia ruggire dentro di sé, come quando si concedeva ai soldati e agli altri per lavoro, dal cuore le usciva solo rabbia, le si arrampicava in testa, e si gettò in quella marea di gente.

Le unghie, i pugni, i calci della donna li spaventarono un po' ma, dopo un istante, le forti mani la afferrarono, brutali, e la sabbia rossa le entrò nella bocca, negli occhi, sentì il corpo calpestato, molti piedi sopra di lei, ancora una volta il pianto del vecchio, le risate e, quando la sua testa sembrava sul punto di scoppiare, un rumore di passi che correvano e altri colpi di pistola: nella via rossa del *musseque*, l'auto correva suonando il clacson con insistenza e urlando:

-Polizia!

Si chiusero tutte le porte e le finestre, il cuore di tutti era avvolto dalla rabbia, gli occhi bagnati di lacrime. Rimase solo Dina, che si alzò e si scrollò la polvere e il fango, dalla bocca e dagli occhi, provando questo immenso dolore che la rallegrava al tempo stesso, battendole nel petto calpestato dalle scarpe. L'auto illuminò l'oscurità con i suoi fari e, nella luce gialla che spazzò il terreno, si vide il vecchio negro, con i denti digrignati verso il cielo, la bocca contorta all'indietro, sgorgando sangue sui capelli bianchi e la camicia aperta, mostrando il rosso che usciva dal buco nel petto dato dal piccone senza manico, infilzato e sporco.

Maluca de dor, xinguilando, a berrar, dentes para morder, Dina correu nos polícias, pelejando, insultando:

- Mataram-lhe! Eu vi, mataram-lhe! Filhos da puta!

Então, em cima dos seus olhos, uma noite mais negra que a noite que corria lhe tapou nas estrelas e o cassetete arrancou-lhe para longe, para o tempo onde nada lembra.

Apalpando a cabeça magoada, Dina sentia bem os saltos do carro, seguindo pelas avenidas fora.

Mas, dentro do corpo dela, aquele bicho tinha parado de roer. Só nos olhos a picareta plantada no peito do velho não saía mais.

Aí ficou a fazer companhia ao pai caído no capim, com buraco de bala, aos choros de mamã falecendo em baixo da cubata. Mas um pequeno riso, teimoso como essa estrela que lhe mira no céu negro, acorda na cara dela, larga e inchada.

164 Rezando parecia era domingo na missão, fechou os olhos e falou baixinho:

- Nunca mais! Juro! Com estes gajos, nunca mais!

E como assim o trovão do princípio da chuva, deixou sair num berro grande toda a raiva que lhe enchia na vida:

- Nunca mais! Juro!

O polícia ao lado do chofer, sem mesmo se mexer, falou só:

- Tá xalada, a gaja!

Pazza dal dolore, quasi posseduta, urlando, con i denti pronti a mordere, Dina corse verso i poliziotti, combattendo, insultando:

- Lo hanno ucciso! Li ho visti, lo hanno ucciso! Figli di puttana!

Allora, sopra ai suoi occhi, una notte più nera di quella che scorreva copri le stelle e il manganello la trascinò lontano, in un tempo in cui non ricorda niente.

Tastando la testa dolorante, Dina sentiva bene i balzi dell'auto, lungo il viale esterno. Ma all'interno, nel suo corpo, quella creatura aveva smesso di ruggire. Davanti agli occhi, aveva solo il piccone piantato nel petto del vecchio, che non le sarebbe più uscito dalla testa.

Rimase lì, a tenere compagnia al padre morto tra la sterpaglia, con il buco di un proiettile, alle lacrime di mamma, che moriva sotto alla capanna. Ma un piccolo sorriso, ostinato come quella stella che la guarda dal cielo nero, le apparve in viso, grande e gonfio.

Pregando come se fosse di domenica nella missione, chiuse gli occhi e sussurrò:

- Mai più! Giuro! Con questi uomini, mai più!

Così, come il tuono che annuncia l'inizio della pioggia, con un urlo enorme, liberò tutta la rabbia che le riempiva la vita:

- Mai più! Giuro!

Il poliziotto a lato dell'autista, senza nemmeno muoversi, disse solo:

- È matta, questa tipa!

E estava. Xalada e feliz dessa coisa nova a
disparar dentro dela.

(28-6-62)

E lo era. Matta e felice di questa nuova cosa
che le era scattata dentro.

(28-6-62)

À ESPERA DO LUAR

João Matias Kangatu andava devagarinho, macio, sobre a areia amarela muito molhada da maré da tarde, agarrando com força o pacote contra o peito largo de pescador.

A noite, no princípio ainda, não estava fria. Agosto já tinha chegado e era mesmo a lua desse dia que ia dar berrida no cacimbo cinzento que pinta de triste as águas azuis e verdes. Os pés largos no quedes faziam chorar a areia e a noite espreitava o andar do homem com os seus olhos pequenos e brilhantes das janelas das estrelas.

No lado direito o mar estava falar, mas João Matias não lhe ligava, habituado dessa conversa de sempre, desde pequeninho no dongo até na traineira de mestre Rufino, da ilha do Cabo.

As palavras pequenas e mansas vinham na boca das águas fazer barulho na areia e o vento, em cima de tudo, dicanzava nos coqueiros lá longe, na Pescaria.

O barulho dos passos dele fez ainda Kangatu assobiar e apertar mais esse embrulho pequeno, de papel alcatrão, bem amarrado com fio e acabado com esse nó, só ele mesmo sabia lhe desamarrar.

Não era a fala do mar que podia-lhe mesmo distrair nessa hora, porque ali, amachucando a areia e espiando com os olhos acostumados as águas quietas da Samba, ele não sentia outra

ASPETTANDO IL CHIARO DI LUNA

João Matias Kangatu camminava lento, tranquillo, sulla sabbia gialla bagnata dalla marea pomeridiana, stringendo con forza il pacco contro il petto largo da pescatore.

La notte, appena iniziata, non era fredda. Agosto era già arrivato e la luna di quella notte metteva in fuga l'erba grigia che tingeva di tristezza le acque azzurre e verdi. I piedi larghi nelle ciabatte facevano piangere la sabbia e la notte osservava l'andamento dell'uomo con i suoi piccoli occhi luminosi, dalle finestre delle stelle.

Sulla destra il mare parlava, ma a João Matias non gli prestava attenzione, da sempre abituato a questa conversazione, da quando era piccolino nel dongo fino ad ora nel peschereccio del maestro Rufino, nella Ilha do Cabo.

Le tenere e dolci parole dell'acqua s'infrangevano sulla sabbia e il vento, sopra a tutto, faceva suonare gli alberi di cocco dalle parti della Pescheria.

Il rumore dei suoi passi fece addirittura fischiare Kangatu e afferrare con più forza questa piccola confezione di carta catramata, ben annodata con il filo e chiusa con un tipo di nodo che solo lui avrebbe saputo aprire.

Nemmeno la voce del mare avrebbe potuto distrarlo in quel momento, perché lì, urtando la sabbia e spiando con gli occhi abituati alle acque tranquille della Samba, non sentiva

coisa, era só o coração aos pulos de alegria e medo no serviço que ia fazer.

A pescaria piscava ainda lá longe as luzes pequenas. No meio das folhas e dos paus e avançando devagar pela fita areia, João Matias lembrava as palavras do amigo, no Ambrizete:

- No dongo! Espera lá mesmo. Mas não esquece o dia, veja lá!

Ainda adiantara escrever no bloco, mas o amigo do Ambrizete rasgou logo e avisou-lhe, com bondade:

-Nunca escreve essas coisas, Kangatu!

Lembrava bem como tinha querido ainda explicar, mas o sorriso e as palavras verdadeiras do amigo ajudaram-lhe logo:

- Eu sei! É a primeira vez! Compadre Zuza falou-me que você é dos bons!

E depois, sem mais palavras, vestiu-se com o escuro dessa noite e deixou-lhe lá na ponte com o pacote. Nem mesmo nome, nem nada. Só essa fala de compadre Zuza para lhe mostrar ainda que confiava era porque o velho maquinista tinha-lhe mandado.

A conversa tinha começado mesmo nessas noites de pesca, mar dentro, quando chegava na hora do turno descansar e compadre Zuza vinha sempre junto dele xingar-lhe essa vida na loja do branco Kamuanhu, do vinho, essas pelepas sempre lá na sanzala e outros casos que o velho falava ele devia ter mas é vergonha mesmo.

João Matias ouvia, nessas noites, calado ou acabando por irritar como ele sabia o velho não

nient'altro che i salti di gioia e di paura del cuore per il servizio che stava per compiere.

La pescheria lampeggiava in lontananza, con le sue lucine. Avanzando lentamente nella fitta sabbia, tra rami e foglie, João Matias ricordava le parole dell'amico di Ambrizete:

- Nel dongo! Aspetta proprio lì. Ma non dimenticarti il giorno, mi raccomando!

Voleva scriverselo nel blocco, ma l'amico di Ambrizete glielo tolse subito di mano e con tono gentile lo avvisò:

- Non scrivere mai queste cose, Kangatu!

Si ricordava bene anche di come avrebbe voluto spiegare, ma il sorriso e le parole sincere dell'amico lo aiutarono subito:

- Lo so! È la prima volta! Il compare Zuza mi ha detto che tu sei dei buoni!

E poi, senza aggiungere altro, si vestì dell'oscurità della notte e lo lasciò là, sul ponte, con il pacchetto. Nemmeno un nome, niente. Solo questo discorso del compare Zuza per dimostrargli che, se si fidava, era solo perché il vecchio macchinista l'aveva proposto.

La conversazione era iniziata proprio in quelle notti di pesca, in mezzo al mare, quando arrivava il suo turno di riposo e il compare Zuza andava sempre da lui per maledire quella vita nel negozio del bianco Kamuanhu, del vino, quelle battaglie costanti nella capanna e altri fatti di cui il vecchio parlava, ma più imbarazzanti.

João Matias ascoltava, in quelle notti, in silenzio o finendo per infastidirlo, in un modo

gostava: miar como gato que anda nos telhados cambulando as gatas.

Compadre lamentava, disparatava-lhe, saía a resmungar ameaças para esses rapazes perdidos, não pensavam com a cabeça.

Como o barulho do mar, caminhando agora mais devagar e espreitando sempre, as falas do velho chegavam-lhe nas orelhas, obrigavam-lhe a sorrir desses meses de luta de gato e rato, compadre a convencer-lhe e ele, talvez era mesmo só para lhe aborrecer, a fazer cada dia pior.

Mas o dia bom chegara. Sempre que lhe lembrava, João Matias não esquecia mais a cara velha do sal, do vento, do mar, e o riso cabobo de compadre Zuza na Administração, pagando a multa na conta dele.

E a vergogna que lhe agarrou mesmo, quando espreitou nos olhos do velho maquinista.

Tinha sol e céu azul, a traineira saía mesmo nessa tarde e já dois dias que estava ali preso, levando com a porrada dos cipaios de manhã, comendo funji de fuba podre, sem dinheiro ainda para pagar a multa de beber.

E porquê então? Sô Kamuanhu andava-lhe perseguir, queria-lhe pôr na rua da quitanda e aproveitou mesmo esse dia na volta da pesca para chamar o carro da polícia para lhe levar.

che al vecchio non piaceva: miagolando come un gatto che cammina sui tetti alla ricerca delle gatte.

Il compare si lamentava, farneticava, finiva col borbottare minacce nei confronti di questi ragazzi persi, che non sapevano ragionare con la testa.

Camminando più lentamente e senza smettere di osservare, come il rumore del mare in sottofondo, gli tornavano alle orecchie le parole del vecchio, facendolo sorridere al pensiero di quei mesi di litigi, come gatto e topo, con il compare che tentava di convincerlo e lui a peggiorare le cose, forse solo per infastidirlo.

Ma il giorno giusto era arrivato. Ogni volta che lo ricordava, João Matias non dimenticava più la vecchia faccia di sale, di vento, di mare, e la risata sdentata del compare Zuza nell'amministrazione, pagando la multa per conto suo. E la vergogna che lo pervase quando guardò negli occhi il vecchio macchinista. C'era il sole e il cielo era limpido, il peschereccio sarebbe partito quel pomeriggio e lui era stato imprigionato già da due giorni, prendendo le mazzate dei soldati indigeni fedeli agli inglesi, mangiando *funji* di farina grezza, senza nemmeno i soldi per pagare la multa della bevuta.

E quindi perché? Il signor Kamuanhu lo seguiva, avrebbe voluto portarlo nella strada del mercato e ne approfittò quel giorno di ritorno dalla pesca per chiamare i poliziotti per venirlo

Verdade que nem tinha sentido nada, a barriga cheia de cerveja e vinho, o corpo magoado da porrada com o cangundo do empregado...

Todas essas coisas já eram velhas também, muito tempo esses dois meses novos que tinham saído na boca de compadre Zuza, falando pelas ruas da cidade cheia de gente, caminho do cais.

- Possa, Kangatu! Assim não... você pensa eu é seu pai? Essa já a terceira vez que lhe tiro na esquadra. Rapaz como você, não tem mais juízo!

Devagarinho, como a maré a subir na muralha, a bater sempre as ondas pequenas das palavras, o velho foi metendo a estopa o alcatrão, calafetando os rombos na cabeça de João Matias, explicando, zangado ou feliz, espiando o resultado com os olhos pequenos.

-... nessa hora mesmo os seus irmãos estão morrer parece é cão, João Matias!

João Matias ele só chamava-lhe quando estava muito zangado ou muito satisfeito e esse nome assim metia-lhe vergonha nos olhos e no coração.

-... um rapaz que sabe ler e escrever e a cabeça dele não pensa, como então? O quê você pensa a sua idade serve para quê? Possa! Dinheiro que você ganha é só para beber e para gastar com as mulheres e com as prendas, Kangatu? E o seu irmão a morrer, a lhe prenderem todos os dias, caçando-lhe como é pacassa, de jipe e

a prender.

La verità è che non aveva sentito niente, la pancia era piena di birra e vino, il corpo dolorante per la legnata con il dipendente bianco...

Tutte queste cose erano ormai vecchie, questi due nuovi lunghi mesi erano usciti dalla bocca del compare Zuza, parlando per le strade della città piena di gente, in direzione del molo.

-Avanti, Kangatu! Non così... pensi che sono tuo padre? Questa è già la terza volta che ti tiro fuori dalla stazione di polizia. Un ragazzo come te, non ha la testa a posto!

Lentamente, come la marea che sale lungo il muro, sbattendo continuamente le piccole onde delle parole, il vecchio mise il catrame sull'asfalto, sigillando i buchi nella testa di João Matias, spiegando, arrabbiato o felice, spiando il risultato con i suoi occhietti.

-... proprio in questo momento i tuoi fratelli stanno morendo come bestie, João Matias!

Lo chiamava "João Matias" solo quando era molto arrabbiato o molto soddisfatto, e il suo nome pronunciato così lo imbarazzava, sia nello sguardo che nel cuore.

-...un ragazzo che sa leggere e scrivere e che non pensa con la testa, com'è possibile? Pensi che la tua età serve per che cosa? Avanti! I soldi che guadagni li usi solo per bere e da spendere in donne e regali, Kangatu? E tuo fratello muore, viene arrestato tutti i giorni, cacciato come un bufalo, con la jeep e le torce?

farolim?

Zangado com as falas dele, cuspiu, limpava os beiços grossos na manga da camisa e continuava, teimoso como o mar, a comer nas traineiras velhas apodrecendo nas praias.

João Matias Kangatu, avançando, ria. Esse velho Zuza! Verdade que quando estava novo era dono de muitas mulheres. Também, com essa língua dele!

Da pescaria já perto, um barulho soltou-se por cima das águas e as luzes da traineira endireitaram no caminho Kurimba. O ruído sempre o mesmo obrigou Kangatu a seguir-lhe com os olhos, a estudar a maretta pela dança das luzes.

A noite ia ficando tarde por cima da cabeça de João Matias, naquela hora já parado, espiando nas águas, mirando a figura preta do dongo quieto, amarrado perto da praia.

Largou o olhar até onde conseguia ver e não avistou mais nenhum dongo. Só aquele ali, grande e escuro, baloiçava-se nas costas das ondas pequenas. Lá atrás, na estrada-de-alcatrão, gritavam às vezes os carros na zuna, e, sem querer mesmo, nessas horas João Matias abaixava, queria ficar mais pequeno junto com a areia.

Se sentou na frente do mar. O pacote ficava debaixo do mataco, a servir ainda de cadeira, e então meteu com jeito a mão na camisa, tirou o cigarro de fumar. Mas a sabedoria de compadre Zuza estava ali a vigiar-lhe:

- Kangatu, você veja lá! Cuidado! Nesses dias

Adirato per le sue parole, sputava, si puliva le grosse labbra sulla manica della camicia e continuava, caparbio come il mare, a mangiare fra i vecchi pescherecci che marcivano sulle spiagge.

João Matias Kangatu, avanzando, rideva. Quel vecchio Zuza! È vero che quando era giovane era signore di molte donne. Figurati, con quella sua lingua!

Vicino alla pescheria, un rumore si liberò sopra le acque e le luci del battello si indirizzarono verso Kurimba. Sempre il solito rumore, obbligò Kangatu a seguire con lo sguardo, a studiare la maretta attraverso la danza delle luci.

Si stava facendo tardi anche sulla testa di João Matias, in quel momento già immobile, sbirciando le acque, e osservando la figura nera del dongo fermo ormeggiato vicino alla spiaggia. Spostò lo sguardo fin dove riusciva a vedere e non vide nessun altro dongo. Solo quello, grande e scuro, che si dondolava sul dorso di piccole onde. Lì dietro, lungo la strada asfaltata, a volte qualche macchina rombava, e, senza volerlo, in quei momenti João Matias si chinava, voleva rendersi piccolo, un tutt'uno con la sabbia.

Si sedette di fronte al mare. Il pacco era sotto al suo sedere, usato come sedia, e allora si mise abilmente la mano nella camicia e prese una sigaretta. Ma la saggezza del compare Zuza era lì a sorvegliarlo:

- Kangatu, lo vedi! Attenzione! In questi giorni

o perigo, você sabe só!

E tinha mesmo essa amizade que o velho dava-lhe agora naquelas palavras que queria falar sem mostrar pena.

- Quando você chega lá, espera no dongo. Melhor mesmo é deitar lá dentro e esperar. Não esquece, o rapaz na praia vai miar...

E riu, mostrando a boca caboba, satisfeito, na cara de burro, zangado, de João Matias.

- Porquê então miar, compadre Zuza?

- Eh! Eh! Assim eu sei a certeza você vai lhe conhecer!

O pacote tinha vindo mesmo de longe, o amigo do Ambrizete estava esperar alguém para lhe enviar em Luanda, e velho Zuza, nesse mês, pensou melhor mesmo para corrigir o rapaz era dar-lhe ainda um serviço.

Mau, ele não era.

Tinha suas manias, pensava só com a cabeça dele; mas na hora de refilar com mestre Rufino, pedir abono ou mais descanso em terra, estava sempre na frente da confusão. O melhor era mesmo deixar dessas conversas de gato e rato e apanhar-lhe na ratoeira.

Da PIDE ele não era, isso jurava pelo sangue de Cristo, e depois queria-lhe mesmo, parecia era filho dele. Já mesmo na terra de Luanda, velho Zuza ainda pensou mais uma vez, antes de lhe mandar na Samba. Foi ainda Artur quem lhe obrigou:

- Se já lhe experimentaste e o rapaz aguenta,

pericolosi, lo sai bene!

E sentiva davvero quell'amicizia che il vecchio gli donava attraverso quelle parole, con le quali parlava senza mostrare il dolore.

- Quando arrivi lì, aspetta nel dongo. Ancora meglio: coricati lì dentro e aspetta. Non dimenticare, il ragazzo sulla spiaggia miagolerà...

E rideva, mostrando la bocca sdentata, soddisfatto, nella faccia stupida, arrabiata, di João Matias.

- Ma perché miagolare, compare Zuza?

- Eh eh! Così sono sicuro che lo riconoscerai!

Il pacco era arrivato proprio da lontano, l'amico di Ambrizete stava aspettando qualcuno per mandarlo a Luanda, e il vecchio Zuza, a quel tempo, pensò che il modo migliore per correggere i comportamenti del ragazzo fosse dargli un lavoretto. Non era cattivo.

Aveva le sue manie, pensava solo con la sua testa; ma al momento di rispondere al maestro Rufino, chiedere un anticipo o più giorni di riposo, era sempre fra i primi. La cosa migliore era lasciar perdere queste conversazioni da gatto e topo e catturarlo con la trappola.

Non era della PIDE, questo lo avrebbe giurato sul sangue di Cristo, e poi gli voleva davvero bene, sembrava fosse suo figlio. A Luanda, il vecchio Zuza ci pensò ancora una volta prima di mandarlo nella Samba.

Fu Artur che lo costrinse:

- Se l'hai messo alla prova e il ragazzo riesce a

melhor é acabar o serviço. Você sabe bem a gente agora está pouca, Chico lhe prenderam e o melhor é mesmo esse caso acabar com a mesma pessoa até no fim.

Velho Zuza coçou a cabeça a pensar ainda bem, disse que sim, os dois acabaram a decisão na loja, com meio litro à saúde do rapaz.

Isso mesmo tinha-lhe contado, e essas palavras Kangatu lembrava outra vez, sentado ali.

Sabia bem o vento ainda um pouco fresco a encher a camisa e o corpo de sal, o molhado da areia a brincar com os pés e aquele calor do fumo do cigarro, o fumo branco a subir no preto da noite, custava a se ver.

Gozou as palavras de compadre Zuza e falou por ele:

- Sukuama! Esse velho tem cuidado de mais!

Nessa hora ele devia estar mesmo era ainda dentro do dongo, esperar o companheiro que vinha lhe buscar no pacote. Mas o céu estava bonito, furado de estrelas, o mar falava macio ali pertinho, o dongo balouçando fazia barulho de dormir.

Lá adiante, nas folhas dos coqueiros da pescaria, o vento tocava música. O quente do cigarro era camisola na noite de Agosto, fugindo no cacimbo.

Na larga estrada de alcatrão que corre no Kuanza, os carros continuavam passar, sempre com depressa, as luzes a rasgar o pano negro

gestirlo, è meglio terminare il lavoro. Sai bene che al momento la gente è poca, Chico è stato arrestato e la cosa migliore è che tutto questo termini con la stessa persona, fino alla fine.

Il vecchio Zuza si grattò la testa per riflettere meglio, disse di sì, i due presero la decisione nel locale, con mezzo litro, alla salute del ragazzo.

Gli aveva raccontato proprio questo, e Kangatu lì seduto ricordava ancora una volta queste parole. L'aria era fresca e gli riempiva la camicia e il corpo di sale, mentre giocava con i piedi sulla sabbia bagnata e osservava il calore del fumo della sigaretta, quel fumo bianco che saliva nella notte nera, e che era difficile da vedere. Godette delle parole del compare Zuza e parlò fra sé e sé:

- Maledizione! Questo vecchio è troppo attento!

In quel momento, sarebbe dovuto essere accovacciato nel dongo, ad aspettare il compagno che sarebbe venuto a cercarlo per il pacco. Ma il cielo era bello, bucherellato di stelle, il mare parlava tranquillo lì accanto, il dongo, dondolando, creava il giusto rumore per dormire.

Lì davanti, il vento suonava una melodia passando tra le foglie delle palme della pescheria. Il calore della sigaretta era come una camicia nella notte di agosto, tra la rugiada.

Lungo la larga strada asfaltata che attraversa il Kuanza, le macchine continuavano a passare, sempre di fretta, con le luci che squarciavano

da noite. A lua ia nascer grande nesse dia, tinha-lhe avisado compadre Zuza, e, se o rapaz não aparecesse a lhe buscar o pacote antes de ele acordar, o melhor era ainda deixar na canoa, debaixo da rede.

Era um perigo, mas o pior era ainda voltar na cidade, de noite, com um pacote, agora que os jipes corriam pelas avenidas, com fome de presos.

O medo que lhe atacara quando saiu no cais de cabotagem amarrou-lhe outra vez. O coração começou bater no peito parecia ngoma.

Medo de pelear ele não tinha. Na luta não virava a cara, mas assim na noite, sozinho, com esse pacote que ele não sabia o que estava lá dentro e demais o perigo dessa gente que ele sabia, esperando alguém que não conhecia, era diferente mesmo.

Cada carro que adiantava passar, agarrava o pacote com força e abria os olhos para o escuro da estrada.

Lá para cima, atrás do morro, o céu já tinha começado a ficar claro, mostrando que a lua preparava-se para colorir toda a terra com a sua luz branca, para abrir uma estrada pelo mar até no Musulu e mesmo para lá das águas dessa ilha verde. Na pescaria as luzes da ponte, junto ao mar, já tinham-se apagado e nenhum barulho de pés pela areia chegava no vento que soprava.

O frio tinha fugido mais um bocado e o vento

il panno nero della notte. Il compagno Zuza l'aveva avvisato che la luna sarebbe spuntata grande in quella notte e, se il ragazzo non si fosse presentato a chiedergli il pacco prima che lui si risvegliasse, la cosa migliore da fare era lasciarlo nella canoa, sotto alla rete.

Era pericoloso, ma ancora peggio sarebbe stato tornare in città di notte con un pacco, ora che le jeep correvano per le vie, con la brama di arrestare.

La paura che lo aveva colpito quando uscì dal molo, lo attanagliò un'altra volta. Il cuore cominciò a battergli nel petto, come un tamburo ngoma. Non aveva paura di combattere. Non si tirava indietro durante la lotta, ma così, di notte, da solo, con questo pacco che non sapeva nemmeno cosa contenesse e ancora il pericolo di quelle persone che lui sapeva, aspettando qualcuno che non conosceva, così era diverso. A ogni macchina che passava, stringeva il pacco con forza e apriva gli occhi nell'oscurità della strada.

Lì in alto, dietro alla collina, il cielo aveva già iniziato a schiarirsi, mostrando la luna che si stava preparando per colorare tutta la terra con la sua luce bianca, aprendo una strada dal mare al Mussolo, e addirittura oltre le acque di quell'isola verde. Nella pescheria le luci del ponte, riflesse nel mare, si erano già spente e non si udiva nessun rumore di piedi sulla sabbia provenire dal soffio del vento.

Il freddo se n'era andato, e il vento era più lieve

era mais pequeno e estava bom, assim deitado, deixando os olhos perderem-se na cacimba negra do céu, onde às vezes as estrelas corriam e se afogavam.

Compadre Zuza tinha-lhe ensinado essas luzes eram muitos sóis e, muitas vezes, essas luzes tinham também outras terras como essa em que a gente vivia, e João Matias agora deixava escorregar o pensamento para essas coisas que ele gostava, esse sentir que queria lhe agarrar no coração, de estar sozinho numa areia molhada, numa bola pequenina, girando na roda de uma pequena estrela, dum grande, grande mar negro onde que brilham muitas terras mais, como o sol e a lua.

Mas não foi a luz da lua, ainda escondida no morro, que lhe bateu no corpo, enchendo-o desse medo que os pensamentos, agasalhados pelo barulho do mar, tinham mesmo afogado. No escuro, com as luzes do carro a apagar, chegou um riso malandro de mulher.

Com o pacote agarrado junto do corpo, João Matias deitou-se com a barriga e sentiu o sangue a correr depressa, quente e picante como jindungo, o coração a bater sobre a areia vermelha, os ombros esticados para a frente, querendo espiar, saber.

E com força, com vergonha a crescer na cara, ouviu a voz séria e velha de compadre Zuza:
- Não fica na praia, Kangatu! Vai no dongo!

Já não podia, já não tinha mais tempo de correr aquele bocado de areia, entrar no mar sem

e si stava bene, così distesi, lasciando che gli occhi si perdessero nella volta nera del cielo dove, a volte, le stelle correvano e annegavano.

Il compare Zuza gli aveva insegnato che queste luci erano molti soli e, spesso, quelle luci possedevano anche altre terre come questa in cui la gente viveva, e João Matias ora stava lasciando liberi i pensieri su queste cose che gli piacevano molto, questo sentimento che voleva tenere nel cuore, di stare solo in una spiaggia bagnata, in una bolla piccolina, ruotando attorno a una piccola stella, a un grande, grande mare nero sul quale brillano molte più terre, come il sole e la luna.

Ma non fu la luce della luna, ancora nascosta dalla collina, a colpirgli il corpo, riempiendolo di quella paura che i pensieri, protetti dal rumore del mare, avevano affogato. Dal buio, con i fari dell'auto che si spegnevano, arrivò una risata malandrina di donna.

João Matias si stese a pancia in giù con il pacco stretto vicino al corpo e sentì il sangue scorrere più velocemente, caldo e piccante come un peperoncino, il cuore che batteva sulla sabbia rossa, le spalle tese in avanti, desiderando spiare, sapere.

E con forza, con imbarazzo crescente nel volto, sentì la voce seria e vecchia del compare Zuza:
- Non stare sulla spiaggia, Kangatu! Vai nel *dongo!*

Ormai non poteva, ormai non aveva più il tempo di attraversare correndo quel pezzo di

fazer barulho de chamar as orelhas das pessoas, ele sentia os passos a chegar, a arrastar devagarinho, com vozes baixas e risos pelo areal adiante.

A rapariga ria parecia era maluca e quis ainda sair nas mãos do homem só para lhe xingar, correu pela praia levantando o vestido branco que punha na noite e nos olhos de Kangatu uma nódoa de luz, a correr, a correr...

- Ai! Um negro!

A boca de riso da mulher se calou nesse grito grande, assustado, tapando o barulho do mar a roçar na areia. Sem pensar ainda em nada, João Matias Kangatu levantou e correu para o mar.

As mãos estavam agarradas pareciam eram nós de marinheiro, o pacote junto no corpo que chocou com as águas, com força, molhando-se e salpicando-lhe, metendo em cima do frio do medo ainda esse frio do cacimbo, que o mar guardava.

Mas não consegui de chegar dentro do dongo. Quando estendeu a mão e atirou com o pacote para o fundo da canoa, o tiro pôs uma chapada seca na cara da noite e um calor maior que o sol de Fevereiro mordeu-lhe nas costas e comeu no peito de João Matias, enquanto uma água quente também e doce como abafado subia-lhe na boca.

Com a outra mão tinha agarrado na borda e, procurando parecia cego, a sentir ainda o calor começar a descer devagar, a arrefecer e morrer no corpo todo molhado e frio da água quieta,

sabbia, di entrare nel mare senza fare rumore e attirare l'attenzione delle persone, sentiva i passi avvicinarsi, trascinarsi lentamente, con voci basse e risate sulla spiaggia davanti a lui.

La ragazza rideva come una pazza, e voleva liberarsi dalle mani dell'uomo solo per canzonarlo, correva sulla sabbia alzando il vestito bianco che nella notte e agli occhi di Kangatu era una macchia di luce, correndo, correndo...

- Ah! Un negro!

La bocca ridente della donna si zittì con questo forte urlo, spaventato, coprendo il rumore del mare che sfiorava la sabbia. Senza pensare più a niente, João Matias Kangatu si alzò e corse verso il mare.

Le mani erano legate come nodi di marinaio, il pacco attaccato al corpo sbatté sulle acque con forza, bagnandosi e schizzandogli addosso, aggiungendo al freddo della paura anche quel freddo della rugiada che il mare custodiva.

Ma non riuscì a entrare nel dongo.

Quando allungò la mano per gettare il pacco sul fondo della canoa, lo sparo diede uno schiaffo secco al volto della notte e un calore maggiore del sole di febbraio gli morse la schiena e divorò il petto di João Matias, mentre un'acqua altrettanto calda e dolce, ma soffocante, gli saliva in bocca.

Con l'altra mano aveva afferrato il bordo e, cercando come un cieco, sentendo ancora il calore che iniziava a scendere lentamente, raffreddarsi e morire nello specchio umido e

com pena, deu encontro com o pacote, empurrou-lhe devagar para baixo da rede. Cada vez que mexia, uma dor grande trazia-lhe mais estrelas a brincar diante dos olhos, e na sua cabeça só as palavras de Zuza é que batiam, batiam...

- Não fica na praia, Kangatu!

No meio do frio que adiantava embrulhar-lhe, lembrou ainda que era só para esperar até na hora da lua cheia ou então deixar e voltar.

Sorriu e fez força para agarrar-se com jeito mas as mãos já não prestavam, não seguravam, os olhos parecia o cacimbo antigo estava a cair assim à toa nesse mês de Agosto e parecia também as orelhas sentiam longe, muito longe, tapando o xaxualho dos coqueiros da pescaria e do chorar do mar na praia amarela, o barulho assustado dum carro, arrancando com um grito de pneus, no alcatrão.

Então, nessa hora mesmo, desistiu esperar o companheiro ou o luar. Deixou-se ir no fundo, com um barulho macio para não magoar as águas e os peixes do nosso mar.

(29-6-62)

freddo dell'acqua ferma, con tristezza, trovò il pacco, e lo spinse lentamente sotto alla rete.

Ogni volta che si muoveva, un forte dolore gli faceva vedere sempre più stelle che giocavano davanti ai suoi occhi, e in testa aveva solo le parole di Zuza che gli rimbombavano, rimbombavano...

- Non stare nella spiaggia, Kangatu!

Attorniato dal freddo che continuava ad avvolgerlo, si ricordò che doveva solo aspettare il momento della luna piena, oppure abbandonare e tornare.

Sorrise e si fece forza per aggrapparsi, ma le mani ormai non servivano più, non lo reggevano, negli occhi sembrava ci fosse la nebbia antica che cadeva casualmente in quel mese di agosto e sembrava anche che le orecchie sentissero lontano, molto lontano, coprendo il fruscio delle palme della pescheria e del pianto del mare sulla spiaggia gialla, e il rumore allarmato di un'auto, messa in moto con uno stridio di pneumatici, sull'asfalto.

Allora, in quella stessa ora, smise di aspettare il compagno o il chiaro di luna. Si lasciò andare a fondo, con un rumore lieve per non ferire le acque e i pesci del nostro mare.

(29-6-62)

À SEXTA-FEIRA

Passava sempre assim, à sexta-feira de manhã. E mesmo se era como essa, de chuva fininha a furar a gente, grupo de mulheres segurando as imbambas para a família não deixava de sentar ali no chão, na frente da porta grande, esperando a vez de entregar e receber essas coisas que falavam a pessoa de cada qual ainda estava viver lá dentro daqueles muros amarelos, com canos de metralhadoras a espreitar nas mãos dos policiais de capacete de aço.

Mas mesmo que tinha ainda muitas pessoas e até os monas que lhes traziam nas costas e nas mãos, o barulho era sempre pouco. Alegria não tinha ali, os olhos novos e velhos estavam esquivados atrás desse fumo cinzento de chuva magrinha, molhando tudo até no coração. Só os monandengues, sem perceber nada, às vezes riam, punham brincadeiras ou berravam nas costas e nos braços das mães, reclamando a comida ou chorando de dor.

Cada vez que a porta abria e uma pessoa adiantava entregar as coisas no rapaz preso que ajudava o guarda, os olhos todos espreitavam lá dentro as janelas pequenas e as portas das grades, onde muitas vezes quem tinha sorte dava encontro com olhos gulosos da vida a espreitar ou fazer sinais mesmo. A pessoa que lhe recebiam as roupas e as comidas ficava ainda a esperar para lhe chamarem outra vez, na vaza dela, receber embora a roupa suja.

DI VENERDÌ

Passava sempre così, il venerdì mattina. E anche se era una mattinata come quella, di pioggerellina leggera, il gruppo di donne che reggeva gli oggetti per la famiglia non smetteva di stare seduto lì sul pavimento, davanti al portone, aspettando il turno per consegnare e ricevere quelle cose che dichiaravano che la persona a loro vicina era ancora in vita dietro a quelle mura gialle, con le canne delle mitragliatrici che vigilavano nelle mani dei poliziotti con l'elmetto d'acciaio.

Ma anche se c'era molta gente e anche ragazzini che portavano la merce sulla schiena e tra le mani, c'era sempre poco rumore. Non c'era allegria, gli occhi vecchi e giovani erano schivi dietro a quel fumo grigio di pioggia sottile, bagnando tutto, fino al cuore. Solo i bambini, senza rendersi conto di niente, a volte ridevano, scherzavano o urlavano sulla schiena o in braccio alle mamme, chiedendo da mangiare o piangendo di dolore.

Ogni volta che la porta si apriva e una persona avanzava per consegnare le cose al ragazzo prigioniero, che aiutava la guardia, e tutti gli occhi spiavano dietro alle finestrelle e alle porte con le inferriate da cui, spesso, chi era fortunato incontrava occhi avidi di vita che sbirciavano o facevano segnali. La persona da cui ricevevano i vestiti e il cibo rimaneva in attesa perché la chiamassero un'altra volta, quando era il suo turno, per ricevere indietro i

A chuva já tinha acabado mesmo nessa hora que o táxi parou na frente da gente espalhada por ali. Nela desceu no meio do monte de mulheres sentadas ou encostadas, catando os monas, dando de mamar ou olhando-se umas nas outras com os olhos vazios e quietos, pondo só palavras pequenas e baixas. Atrapalhada, a carteira branca numa mão e o saco das coisas na outra, Nela mirava sem perceber o que passava. Era ainda a primeira vez que vinha nesse sítio, nesse dia de entrega das roupas, como lhe avisaram quando tinha telefonado no director da cadeia. Andou devagar, sentindo a areia a entrar nos sapatos de salto e essa terra vermelha, e a admiração da gente assim por ali atirada irritou-lhe, fez subir uma raiva que não sabia ainda se era dela mesmo, se era de quem. Fudou, com jeito, a fila de mulheres, pedindo licença, e andou para a porta, mas, nessa hora, uma miúda levantou a rir e veio lhe chocar nas pernas, arrancando-lhe da mão o saco que se abriu pela areia vermelha, espalhando as coisas que tinha.

Um sopro de admiração saiu do monte de pessoas e uma mulher de panos correu e agarrou a criança. Pondo os olhos velhos na cara de Nela, falou tirando a areia na boca da miúda:

- Desculpa só, menina! Eu apanho mesmo as laranjas!

A voz dela parecia não era dos olhos nem do

vestiti sporchi.

Aveva già smesso di piovere nel momento in cui il taxi si fermò davanti alla gente lì sparsa. Nela scese, tra il gruppo di donne sedute e addossate l'una all'altra, cercando i bambini, allattandoli o guardandosi l'un l'altra con occhi vuoti e tranquilli, parlando poco e sottovoce. Confusa, con il portafoglio bianco in una mano e il sacco con le cose nell'altra, Nela osservava senza capire cosa stava succedendo.

Era la prima volta che veniva in quel luogo, nel giorno della consegna dei vestiti, come l'avevano avvisata quando aveva chiamato il direttore della prigione. Camminò lentamente, sentendo la sabbia entrare nei tacchi e quella terra rossa, e l'ammirazione da parte della gente buttata lì la irritò, le fece salire una rabbia che non sapeva bene se era proprio sua, se era di chi. Saltò abilmente la fila delle donne, chiedendo permesso, e andò verso la porta ma, in quel momento, una bambina si alzò ridendo e inciampò sulle sue gambe, facendo cadere il sacco che teneva tra le mani e che si aprì sulla sabbia rossa, sparpagliando le cose che c'erano all'interno.

Dal gruppo di gente, si alzò un'ondata di ammirazione e una donna vestita di stracci corse e acchiappò la bambina. Parlò, posando i vecchi occhi sul viso di Nela, e togliendo la sabbia dalla bocca della bambina:

- Scusa, ragazza! Raccolgo io le arance!

La sua voce sembrava non appartenere né agli

corpo em baixo dos panos, velho, seco e estragado pelo trabalho da vida.

Tinha uma fala macia e nova, parecia era cantiga, e Nela ainda não tinha ouvido falar dessa maneira assim.

Abaixando depressa, começou apanhar as laranjas para o saco, e a rapariga, quieta e espantada, não sabia mesmo o que ia fazer. Só no fim já, abaixou também e disse, a voz a sair escondida, envergonhada dos olhos mirando-lhe o vestido, os sapatos, a carteira:
- Obrigada! Não se incomode...

Mas a palavra «senhora» prendeu na garganta e isso é que fez-lhe ficar encarnada, a tremer, sentindo outra vez a raiva de dantes, que lhe atacava sempre, sem perdão. As mãos arranharam a areia para apanhar a fruta, mas a mulher de panos pegou-lhe mesmo no pulso, ofendida, querendo-lhe obrigar a não fazer, pedindo:

- Deixa ainda, menina! Eu apanho.

Um sorriso pequeno, Nela não lhe percebeu se estava bom se era ainda a fazer pouco, espreitou, e a mulher continuou falar:

- Ih! Uma menina bonita assim, a fazer serviço... A raiva cresceu-lhe mais com a dor da vergonha dentro do peito, sentindo todos os olhos colados no corpo dela, nos movimentos, nos seus jeitos, e um cuspo amargo encheu a boca de Nela, dando berrida nas palavras de desculpa que queriam ainda sair.

Agarrando no saco, chegou-se no muro. Queria mesmo descansar, deixar sair tudo que estava

occhi, né al corpo che stava sotto ai vestiti, vecchio, secco e distrutto dal lavoro della vita.

Aveva un modo di parlare delicato e giovane, sembrava una canzone, e Nela non aveva mai sentito nessuno parlare così.

Si abbassò velocemente e iniziò a raccogliere le arance buttandole nel sacco mentre la ragazza, ferma e sorpresa, non sapeva cosa fare. Solo alla fine, si abbassò e disse, con la voce che usciva nascosta, imbarazzata per gli occhi che ammiravano il vestito, le scarpe, il portafoglio:
- Grazie! Non si disturbi...

Ma la parola “signora” le si bloccò in gola e questo la fece arrossire, tremare, sentendo ancora una volta la rabbia di prima, che la attaccava sempre senza pietà. Le mani sfiorarono la sabbia per prendere la frutta, ma la donna vestita di panni le prese il polso, offesa, perché voleva obbligarla a non farlo e pregandola:

- Lascia stare, signorina! Le raccolgo io.

Le fece un sorrisetto, Nela non comprese se era sincero o per prenderla in giro, la osservò, e la donna continuò a parlare:

- Ah, una ragazza così bella, a lavorare...

La rabbia aumentò con il dolore della vergogna nel petto, sentendo tutti gli occhi incollati sul suo corpo, sui movimenti, sui suoi gesti, e la bocca di Nela si riempì di un sapore amaro, lasciandosi sfuggire parole di perdono che volevano ancora uscire.

Afferrando il sacco, raggiunse il muro. Sentiva il bisogno di riposare, far uscire tutto quello

sentir dentro dela, do vestido, das suas coisas que os olhos das mulheres de panos miravam com curiosidade. Mas a mãe não lhe largou logo, adiantou ainda endireitar o vestido curto da filha e, enxotando-lhe na direcção de Nela, falou-lhe na orelha:

- Vai ainda na menina bonita pedir desculpa.

O riso triste e envergonhado da criança e a cara satisfeita da mãe sacudindo o pano no ombro e tapando a cabeça amarraram Nela, fizeram chegar na mesma hora as palavras de Zé Pedro, apareceram-lhe redondas, desenhadas, parecia ele estava ali mesmo:

- Cuidado, Nela! O perigo é o paternalismo!

São nossos iguais, não são crianças...

Ficou quieta, os braços abaixados, sem saber mesmo o que ia fazer então, enquanto a criança, os olhos metidos na areia, falava de cor a humilhação que não percebia.

A mãe levou-lhe depois para a fila e sentou-se outra vez no lugar dela, junto do embrulho de pano, a olhar, de dentro dos olhos velhos, a rapariga mulata encostada no muro. O sol rasgava os trapos de nuvens e batia-lhe na cara, mas Nela não deixava os olhos das mulheres que lhe miravam, as caras delas, quietas e paradas, não tinham idade.

A vida tinha posto tatuagens em todas, riscos que lhes faziam iguais, feitos pelo mesmo artista, mas também cada qual era diferente, uma só força naquele grupo. Sentadas ou

che sentiva dentro, del vestito, delle sue cose che gli occhi delle donne vestite di panni osservavano con curiosità. Ma la madre non la lasciò subito, si affrettò a raddrizzare anche l'abito corto della figlia e, spingendola verso Nela, le disse all'orecchio:

- Vai a chiedere scusa alla bella ragazza.

La risata triste e imbarazzata della bambina e il viso soddisfatto della madre, scuotendo il panno sulle spalle e coprendosi la testa, legarono Nela e contemporaneamente le tornarono alla memoria le parole di Zé Pedro, che le apparvero definite, distinte, sembrava che lui fosse lì:

- Attenta, Nela! Il pericolo è il paternalismo!

Sono uguali a noi, non sono bambini...

Rimase tranquilla, le braccia abbassate senza nemmeno sapere cos'avrebbe fatto a quel punto, mentre la bambina, con gli occhi rivolti verso la sabbia, parlava a memoria dell'umiliazione che non capiva. La madre la portò poi nella fila e si sedette un'altra volta al suo posto, accanto al fagotto di panni, a guardare con i suoi vecchi occhi la ragazza mulatta appoggiata al muro. Il sole squarciava gli sprazzi delle nuvole e le batteva in faccia, ma Nela non distoglieva lo sguardo dalle donne che la guardavano: i loro volti, tranquilli e immobili, non avevano età.

La vita aveva lasciato delle cicatrici in tutte loro, situazioni che le rendevano uguali, come se fossero state create dallo stesso artista; ma ognuna era anche diversa, il che era un punto di

abaixadas, caladas nas mãos e nos olhos, mesmo assim saía uma impressão do monte, uma coragem que afogava Nela, agarrada de repente na armadilha dos seus pensamentos, pelejando com aquelas vidas.

Sentindo sempre os olhos no corpo dela e o coração a bater com força, devagar, sem poder colar os bocados das ideias que fugiam da cabeça, tocou a campainha.

Toda a gente ali estava de manhã cedinho, esperando com paciência a hora de receber e entregar as únicas notícias autorizadas das pessoas que gostavam, essa roupa que lhes trazia um corpo, um cheiro conhecidos, muitas vezes mesmo um sangue que não conheciam mas adiantavam adivinhar.

E Nela tinha chegado, tinha tocado a campainha e sabia, de certeza, o guarda ia abrir a porta, ia lhe receber as coisas, entregar a roupa logo nessa hora.

Viu-se suja, má, nos olhos das mulheres sentadas e caladas. Um arrepio andou-lhe nas costas quando pensou isto e encostou na parede, para não cair. O sol já quente, o buraco no meio das coisas que pensava e das coisas que fazia, estava nu, viu-lhe bem nessa hora, sem sombras nem esquivas, com a luz que espreitava nas últimas nuvens de chuva e lhe batia em cheio.

E foi mesmo a recordação de Zé Pedro que lhe

forza in quel gruppo. Nonostante fossero sedute o chinate, con sguardi e movimenti silenziosi, il gruppo lasciava il segno di un coraggio che sommergeva Nela, improvvisamente intrappolata nei suoi pensieri, combattendo con quelle vite.

Sentendo sempre gli occhi puntati sul suo corpo e il cuore battere forte, lentamente, incapace di controllare le idee che le uscivano dalla testa, suonò il campanello.

Tutta la gente stava lì la mattina presto, aspettando pazientemente il momento di ricevere e fornire le uniche notizie autorizzate dalle persone a cui volevano bene, di ricevere quegli abiti che davano loro un corpo, un odore conosciuto, e molte volte anche del sangue che non conoscevano ma che potevano immaginare.

E Nela era arrivata, aveva suonato il campanello e sapeva, con certezza, che la guardia avrebbe aperto la porta, avrebbe preso le cose, e avrebbe consegnato i vestiti subito in quel momento.

Si sentiva sporca, cattiva, agli occhi delle donne sedute e silenziose. Quando pensò a questo, un brivido le salì lungo la schiena e si appoggiò alla parete per non cadere. Il sole già caldo, il vuoto tra ciò che pensava e ciò che faceva, era nudo, se ne rese conto proprio in quel momento, senza ombre né elusioni, con la luce che spiava tra le ultime nuvole di pioggia e la colpiva in pieno.

E fu proprio il ricordo di Zé Pedro che le

agarrou as lágrimas ainda dentro dos olhos.

Nela mordeu os lábios para responder no homem que lhe perguntava:

- Não! Não fui eu que toquei...

O guarda ficou banzo a olhar, mas depois, zangado, bateu com força o postigo. Uma paz serena, crescida dessas palavras, uma alegria boa pela coragem da recusa, o amor de repente pelos braços de Zé Pedro para lhe consolar, para proteger não sabia de quê, furaram por todos os lados o corpo novo e forte e sentiu a certeza que nada podia fazer para matar o sorriso que lhe rebentou nos lábios grossos e vermelhos.

Os olhos taparam-se do sol com um cacimbo brilhante e não queria ainda pensar que era choro. Mas através dessa lua de água viu, do outro lado da fila, a mulher de panos que sorria-lhe outra vez.

E esse sorriso era o sol que lhe colava no muro, parecia era a água fresca da chuva que tinha caído para lhe lavar a vergonha do princípio, para lhe estender as mãos na direção da cara da criança, na sua frente, as mãos a puxar a bainha do vestido de chita, pedindo com os olhos cheios de esperteza:

- Me dá'mbora uma laranja!

A mãe levantou e chegou com depressa, meio zangada, mas Nela já tinha dado a fruta.

Abaixada, perguntava saber:

- Como te chamas?

- Madiquita, m'nha senhora! - respondeu a mãe. - Desculpa ainda essas miúdas...

trattenne ancora le lacrime. Nela si morse le labbra per rispondere all'uomo che le chiedeva:

- No! Non sono stata io a suonare...

La guardia rimase impassibile, ma poi, arrabbiata, chiuse lo sportello con forza. Una pace serena, data da quelle parole, una bella gioia per il coraggio del rifiuto, l'amore improvviso tra le braccia di Zé Pedro per consolarsi, per proteggerla non si sa da cosa, esplosero in questo corpo giovane e forte, ed ebbe la certezza che niente avrebbe potuto uccidere il sorriso che le si formò sulle grosse labbra rosse.

Gli occhi le si chiusero per il sole con una pioggia brillante, e non voleva nemmeno pensare che fosse una lacrima. Ma fu attraverso quella luna d'acqua che, dall'altro lato della fila, vide la donna vestita di panni che le stava sorridendo un'altra volta. E questo sorriso era il sole che la inchiodava al muro, sembrava che fosse una pioggia di acqua fresca caduta per lavare l'imbarazzo iniziale, per farle allungare le mani verso il volto della bambina, davanti a lei le mani che sistemavano l'orlo del vestito, chiedendo con gli occhi pieni di vita:

- Però dammi un'arancia!

La madre si alzò e si avvicinò velocemente, un po' arrabbiata, ma Nela le aveva già dato il frutto. Chinata, le chiese:

- Come ti chiami?

- Madiquita, signora! - rispose la madre

- Mi scuso ancora per questa bambina...

- Deixe lá! Posso oferecer-lhe a laranja, senhora?

Aí a palavra «senhora» saiu sem fazer força, devagar, nova, com um barulho que Nela nunca lhe tinha sentido nas orelhas tapadas pelo cabelo curto, desfrisado. Espantada e satisfeita, a mãe olhava-lhe sem poder falar uma palavra.

- Queres que eu descasque? Dá cá!

Começou a tirar a casca da laranja, sorrindo, sem saber ainda porquê, para a mulher de panos na sua frente, sentindo que esse trabalho lhe ajudava mais a dar berrida na vergonha, no medo, nessa teimosia que sempre fazia-lhe resistir com Zé Pedro quando, cheio de amor e delicadeza, lhe adiantava falar dessa luta do povo, dessa luta da terra, da vida dele e dela nessa luta. A mesma coisa teimosa que não lhe largava nem mesmo quando ele zangava e falava alto, com o amor todo na voz, nessa voz que mostrava bem que lhe queria ainda melhor para a vida nova que falava:

- Não tens a culpa, Nela! O teu pai... o teu pai, esse sim! Esconder-te a verdade da tua mãe negra... esconder-te de ti num colégio de madres... encherem-te a cabeça com essas manias todas, esses defeitos da tua classe... E o gesto que ele tinha arranjado para lhe irritar nessas horas, as palavras que gostava de lhe gritar, para sentir menos culpa:

- A tua classe, também!

Nos olhos de Madiquita se desenhavam os

- Lascia stare! Posso offrírle un'arancia, signora?

Qui la parola “signora” uscì di bocca senza sforzo, lentamente, nuova, con un suono che prima d'ora non era mai giunto alle orecchie di Nela, coperte dai corti capelli lisci. La madre la osservava senza dire una parola, meravigliata e soddisfatta.

- Vuole che gliela sbucci? Dia qua!

Iniziò a sbucciare l'arancia per la donna vestita di panni davanti a lei, sorridendo, senza nemmeno sapere il perché, sentendo che questo lavoro l'avrebbe aiutata a vincere la vergogna, la paura, in questa tenacia che le permetteva sempre di resistere con Zé Pedro quando, pieno di amore e di delicatezza, iniziava a parlarle di questa lotta del popolo, di questa lotta della terra, delle loro vite in questa lotta. Con la stessa testardaggine che non la lasciava nemmeno quando lui si arrabbiava e urlava con l'amore nella voce, quella voce che ben le dimostrava il fatto che la volesse in questa vita nuova di cui parlava:

- Non hai colpa, Nela! Tuo padre... Tuo padre, lui sì! Nasconderti la verità su tua madre, negra... nasconderti da te stessa in un collegio di suore... riempirti la testa con tutte queste manie, questi difetti della tua classe...

E il gesto che aveva escogitato per irritarla in questi momenti, le parole che le sarebbe piaciuto urlare, per sentirsi meno in colpa:

- È anche la tua classe!

Negli occhi di Madiquita si riflettevano le

lábios a tremer, sem cor, os olhos parados de Zé Pedro quando Nela falava estas palavras que lhe magoavam lá no fundo do coração, tocavam no que tinha mais fraqueza, lhe obrigavam a responder, de repente mais velho e triste:

- Desculpa, Nela. Um dia eu mostro que não me libertei só com as ideias! Juro que mostro, vais ver!

E vinha então o amor com os perdões e promessas e as conversas compridas, cada qual querendo matar, vencer esse bicho velho das manias que não queria sair.

Madiquita chupava com gosto a laranja e Nela deu na mãe a outra metade, ouvindo Zé Pedro ali, ela lhe via nessa manhã quando foram lhe buscar e lhe abraçou, calmo e sorrindo, subindo-lhe para cima da orelha o teimoso cabelo claro desfrisado, como era sua mania, falando com o coração que só ela mesmo é que sentiu batucar nessa hora, debaixo da camisa caqui:

- Chegou o dia, querida...

Limpando os dedos, recordava e sorria, mas tinha uma dor grande por dentro do sorriso. A mulher de panos, na frente dela, ria também com os olhos um pouco espantados, não percebendo ainda essa rapariga que tinha água e fogo nos olhos na mesma hora. Nela interrompeu o silêncio:

- Como se chama?

- Inácia, menina!

labbra tremanti, senza colore, e gli occhi fermi di Zé Pedro quando Nela diceva queste cose che la ferivano nel profondo del cuore e che toccavano ciò che era più fragile, obbligandolo a rispondere improvvisamente più vecchio e più triste:

- Scusa, Nela. Un giorno ti mostrerò che non mi sono liberato solo con le idee! Giuro che te lo mostro, vedrai!

E arrivava poi l'amore con il perdono e le promesse e le lunghe conversazioni, ognuno con il desiderio di ammazzare, di vincere questa vecchia bestia delle abitudini che non voleva andarsene.

Madiquita succhiava di gusto l'arancia e Nela diede l'altra metà alla madre, sentendo Zé Pedro lì: lo vedeva in quella mattina quando andarono a prenderlo, e la abbracciò, calmo e sorridendo, scostandole i capelli chiari e lisci dietro all'orecchio, come era sua abitudine, parlando con il cuore che solamente lei sentiva battere in quel momento, sotto alla camicia color cachi:

- Il giorno è arrivato, cara...

Pulendosi le dita, ricordava e sorrideva, ma nascondeva un'enorme dolore dietro al sorriso. Anche la donna vestita di panni, davanti a lei, rideva con un po' di stupore negli occhi, non capendo ancora questa ragazza che aveva al contempo acqua e fuoco negli occhi. Nela interruppe il silenzio:

- Come si chiama?

- Inácia, signorina!

- Não me chame menina, don'Inácia!

- Ih! Vou lhe chamar como então? Não é menina?

Nela quis ainda rir mas falou desse calor que sentia, satisfeita, na barriga, a crescer todas as horas, a semente de Zé Pedro a mexer dentro do corpo dela.

Nas palavras que falava chegou o amor do homem, do companheiro assim bom como era e tinha-lhe visto há três dias, sereno, a felicidade na cara dele, na frente dos policiais envergonhados, falando-lhe na orelha, uma voz quente que não tinha-lhe largado mais:

- Coragem, querida. Isto não é nada, lembra-te sempre...

Don'Inácia tinha calado a boca com a tristeza dos olhos de Nela e fazia festas em Madiquita agarrada no pano.

No chão, as outras mulheres estavam outra vez distraídas nas vidas delas e Nela pensou que não tinha o direito de esconder as suas lágrimas na frente daquela mulher. Então pôs os olhos cheios de água na cara da velha don'Inácia e fez força para rir.

O sol subindo nas dez horas batia-lhe, guloso, nos cabelos brilhando parecia era ouro, as lágrimas quentes correram num instante na cara de menina e o braço sentiu então agarrar-lhe uma mão dura e mais quente que o sol no céu, que a saudade dentro dela, derrotando a tristeza naquela hora.

Mamã Naxa, segurando-lhe como filha dela, encostou-lhe devagarinho na sombra do muro e

- Non mi chiami signorina, signora Inácia!

- Ah! Come la devo chiamare allora? Non è una signorina?

Nela voleva anche ridere, ma parlò di questo calore che sentiva, soddisfatta, nella pancia, che cresceva di ora in ora, il seme di Zé Pedro che si mescolava con il suo corpo.

Nelle parole che utilizzava, si percepiva l'amore dell'uomo, di un compagno così buono, e che aveva visto tre giorni prima, sereno, con il viso felice, davanti ai poliziotti imbarazzati, parlandole all'orecchio, con una voce calda che non l'aveva più abbandonata:

- Coraggio, cara. Questo non è niente, ricordatelo sempre...

La signora Inácia si era zittita osservando la tristezza negli occhi di Nela e coccolava Madiquita, aggrappata al suo panno.

Le altre donne, sedute a terra, erano nuovamente distratte dalle loro vite e Nela pensò che non aveva il diritto di nascondere le sue lacrime davanti a quella donna. Allora posò gli occhi pieni d'acqua sul volto della vecchia signora Inácia e si fece forza per ridere.

Il sole alto delle dieci batteva, goloso, sui suoi capelli luminosi facendoli sembrare d'oro e le lacrime calde scivolarono in un istante lungo il volto della ragazza. Sentì poi una mano dura e calda, più calda del sole in cielo e della nostalgia dentro di lei, afferrarle il braccio, vincendo la tristezza del momento.

Mamma Naxa si avvicinò lentamente all'ombra del muro, stringendola come se fosse figlia sua

punha baixinho palavras boas:

- Menina sai ainda no sol. Precisa não ficar doente para o tempo mau aguentar menos a passar...

Nela limpou os olhos, envergonhada.

Mamã Naxa encostou o saco no muro e continuou falar com essa voz nova e quieta que Nela sentia puxar-lhe nas veias parecia era Zé Pedro. Tinha ainda o mesmo amor à vida, a mesma certeza na felicidade de todos. Sentia-se que não aceitava esses dias, mas não estava zangada também.

- Meu homem, meu filho e mesmo outra família estão lá dentro. Menina, pára ainda esse choro! Não pode chorar. Esses brancos aí não merecem nossas lágrimas, nossa tristeza ia ser ainda a alegria deles.

Mas, mesmo assim, voz doce de mamã Naxa foi tapada num bocadinho de tristeza, fugiu logo:

- ... Alguns não sei mais se estão vivos se estão mortos, na porrada. Mas o tempo bom vem aí...

Essa água limpa das palavras de don'Inácia agarrando-lhe outra vez no braço, conversando devagarinho, palavras quietas e sabedoras, encheu Nela:

- Não chores! Precisa continuar divertida. Na vida, vê só menina, tem muitas coisas boas para te dar!

As lágrimas já não corriam nos olhos novos de Nela, só um sorriso, teimoso e forte, queria abrir caminho agora, devagar, até correr depois

e sussurrandole parole di conforto:

- Signorina, fuori c'è ancora il sole. Non devi ammalarti così il brutto tempo passa prima...

Nela si asciugò gli occhi, imbarazzata.

Mamma Naxa appoggiò la borsa contro il muro e continuò a parlare con questa voce giovane e tranquilla che a Nela pulsava nelle vene, come se fosse Zé Pedro. Aveva lo stesso amore nei confronti della vita, la stessa certezza nella felicità di tutti. Si sentiva che non accettava quei giorni, ma al contempo non era arrabbiata.

- Il mio uomo, mio figlio e anche altri parenti sono chiusi lì dentro. Ragazza, smetti subito con questo pianto! Non puoi piangere. Quei bianchi non meritano le nostre lacrime, la nostra tristezza sarebbe la loro allegria.

Ma, nonostante ciò, la dolce voce di mamma Naxa fu presa da un po' di tristezza e si lasciò sfuggire:

- ... Alcuni non so se sono vivi o sono morti per le botte. Ma i tempi buoni stanno arrivando...

Questo fiume di parole limpide della signora Inácia, che le afferrò un'altra volta il braccio e conversava lentamente con parole tranquille e sagge, riempì Nela:

- Non piangere! Devi continuare allegra. Vedi, ragazza, la vita ha ancora molte cose buone da darti!

Le lacrime avevano smesso di scendere dagli occhi giovani di Nela e solo un sorriso, ostinato e forte, voleva ora farsi strada, lentamente, fino

numa chuva de alegria, rindo para mamã Naxa e sentindo outra vez Zé Pedro com ela, mesmo lá atrás dos muros amarelos.

Começou a limpar a cara onde o sol da manhã fazia festas e mirou o grupo de mães e irmãs, companheiras caladas, esperando notícias das famílias.

E tinha nesses olhos outro sol diferente, Nela não tinha-lhe percebido bem. Era verdade mesmo, todas as caras estavam mais novas, os olhos eram outros, os sorrisos eram outros e o sol sobre tudo, sobre todos, ali, em cima de toda a terra luandense, era sempre o mesmo e outro também.

E quando o guarda abriu o portão com um sorriso e lhe quis segurar no saco da fruta e da roupa, falando desculpas por ter feito esperar um bocadinho, Nela olhou-lhe nos olhos, serena e fria, e respondeu-lhe as palavras que as mulheres sentadas no areal, que Zé Pedro e outros lá atrás das paredes odiadas e esse filho que crescia na sua barriga mulata reclamavam: - Obrigada! Mas eu espero pela minha vez!

Virou-se devagar com a mesma expressão que tinha na cara das outras mães e companheiras, por ali, ao sol, nessa manhã de sexta-feira.

a correre incontro a una pioggia di allegria, ridendo con mamma Naxa e sentendo ancora una volta con lei la voce di Zé Pedro, proprio lì, dietro a quei muri gialli.

Cominciò a pulirsi il viso dove il sole mattutino festeggiava, e osservò il gruppo di madri e sorelle, compagne silenziose, che aspettavano notizie dalle famiglie.

E in quegli occhi splendeva un altro sole, diverso, Nela non l'aveva capito bene. Era vero: tutte le facce erano più giovani, gli occhi erano diversi, i sorrisi erano diversi e il sole su tutto, su tutti, lì, sopra alla città di Luanda, era sempre lo stesso ma era anche un altro.

E quando la guardia aprì il portone con un sorriso e le volle prendere il sacco della frutta e dei vestiti, scusandosi per averla fatta aspettare un po', Nela lo guardò negli occhi, serena e fredda, e gli rispose con parole che sia le donne sedute sulla sabbia, sia Zé Pedro e gli altri lì dietro alle pareti odiate, sia il figlio che le cresceva nella pancia mulatta, reclamavano: - Grazie! Ma aspetto il mio turno!

Si girò lentamente, con la stessa espressione che avevano le altre madri e compagne, lì, al sole, in quel venerdì mattina.

(30-6-62)

(30-6-62)

O FEITIÇO DO BUFO TONETO

I

João Santo calou a boca. Os amigos ficaram ainda quietos e lá fora sentia-se o vento refilar nas folhas da mandioqueira. Depois, de muito longe, nem sabiam se era Sambizanga se era Rangel, o silêncio transportou o barulho de três tiros. Estudante, gordo e de óculos, cambuta parecia era bocado de cana, torcia as mãos, calado, e mirava Kakuiji, que não queria parar ainda de fumar e ficar quieto.

As últimas palavras do mulato estavam na cabeça de todos por ali espalhados no quarto quase negro da luz pequena do candeeiro.

O vento assobiava com mais força, e às vezes, tapando o zunir dos jipes pelo areal, ficavam os zincos a bater com barulho de metralhadora.

Estava cedo na noite, dez horas não eram ainda, mas só os olhos amarelos dos reflectores passeavam pelas ruas. Atrás das paredes de pau-a-pique, madeira ou outras coisas à toa, o povo, acordado e assustado, sentia os jipes gargalharem, roncando no escuro.

Foi Estudante quem adiantou falar, parando de torcer as mãos parecia era lavadeira:

- Tens a certeza, João?

- Juro por tudo quanto há mais sagrado! Morra mesmo! Esqueceram eu estava no recreio e vi o gajo entrar...

LA STREGONERIA DI TONETO IL DELATORE

I

João Santos si zittì. Gli amici rimasero ancora tranquilli e fuori si sentiva il vento soffiare tra le foglie di manioca. Poi, da molto lontano, non sapevano se fosse dal Sambizanga o dal Rangel, il silenzio portò il rumore di tre spari. Estudante, grasso e con gli occhiali, basso come un pezzo di bastone, si torceva la mani in silenzio e guardava Kakuiji che non voleva smettere di fumare e stare tranquillo.

Le ultime parole del mulatto erano rimaste nella testa di tutti i presenti nella stanza, che ormai era quasi nera a causa della luce fioca del candelabro.

Il vento fischiava con più forza e, a volte, si sentivano le lamiere battere come se fossero mitragliatrici e coprire il rombo delle jeep che correvano sulla sabbia.

Era già notte fonda sebbene non fossero ancora le dieci, ma solo gli occhi gialli dei fanali passeggiavano lungo le strade. Dietro alle pareti di torchis, legno o altre cose casuali, il popolo, sveglio e spaventato, sentiva le risate provenienti dalle jeep, che rombavano nell'oscurità.

Fu Estudante a parlare, smettendo di torcersi le mani come se fosse una lavandaia:

- Sei sicuro, João?

- Giuro su tutto ciò che c'è di più sacro! Potrei morire! Si sono dimenticati che io fossi in ricreazione e ho visto il tipo entrare...

Kakuiji tossiu, abriu a janela, furou o silêncio com os olhos pequenos e cuspiu na cara da rua:

- Possa! Mas não tem a certeza ele é que te queixou?

As palavras de Kakuiji não tinham força, sentia-se era ainda para lhe convencerem também que punha essas falas assim.

João Santo levantou na cama e respondeu chateado:

— Sukua! Não sou mais criança, caramba! Como é o chui ia saber aquelas conversas da oficina? Sim! Explica-me você como é ele ia saber aquela conversa com Maneco no dia em que refilámos aumento?

Kakuiji muxoxou e sacudiu os ombros, mirando Estudante. Queria ajuda, mas o rapaz estava outra vez a torcer as mãos, olhando esses jeitos com os olhos pequenos lá detrás dos óculos. Zangado, não sabia ainda porque, refilou:

- Possa! Parece você pensa eu estou lhe defender. Possa! Parece você não me conhece. Mas não quero mesmo a gente vai arranjar maca escusada. Se não foi o rapaz?

Veio então a gargalhada de João Santo estragar a falta de barulho e Estudante tossiu, já sabia Kakuiji ia xingar o amigo, passava sempre assim quando o mulato punha essas gargalhadas gordas e boas como ele.

- Não ri assim, João, porra! Não ri assim, você

Kakuiji tossì, aprì la finestra, ruppe il silenzio con gli occhi piccoli e sputò sulla strada:

- Cazzo! Ma sei sicuro che sia stato lui a denunciarti?

Le parole di Kakuiji non avevano forza, si sentiva che le aveva dette solo per convincerli.

João Santos si alzò dal letto e rispose scocciato:

- Diamine! Non sono più un bambino, maledizione! Come poteva sapere lo sbirro di quelle conversazioni dell'officina? Sì! Spiegami come poteva sapere di quella conversazione con Maneco, il giorno in cui ci siamo lamentati per l'aumento?

Kakuiji schioccò la lingua e scosse le spalle, guardando Estudante. Cercava aiuto, ma il ragazzo si stava contorcendo le mani un'altra volta, guardando i movimenti con i piccoli occhi dietro agli occhiali. Arrabbiato, non sapeva nemmeno perché, replicò:

- Cazzo! Sembra che pensi che lo sto difendendo. Cazzo! Sembra che non mi conosci. Ma non voglio proprio che ci mettiamo nei casini inutilmente. Se non è stato il ragazzo?

Arrivò quindi la risata di João Santo a rovinare la mancanza di rumore e Estudante tossì, sapendo già che Kakuiji avrebbe insultato l'amico, succedeva sempre così quando il mulatto si faceva risate buone e grasse, come lui.

- Non ridere così João, cazzo! Non ridere così,

sabe... - O que a gente sabemos é uma coisa: Toneto é mesmo um bufo! Não vale a pena discutir mais! Se não foi ele que te fez queixa para você passar lá cinco meses e tal, levando porrada todos os dias, não vão querer ainda esquecer o Domingos...

Quando Estudante falava, toda a gente calava a boca. Podia ficar ainda uma noite inteirinha nem uma palavra saía nos beiços dele, pareciam eram sapato. Mas aí, à-toa, ninguém sabia mais quando, saía parecia galo, e pronto, punha logo o assunto como devia ser. Até porque Kakuiji era bom sempre, falava que é preciso todas as provas e outras coisas dessa maneira e então a conversa passava a noite inteira e nada que resolviam.

Naquela hora em que meteu ainda o nome de Domingos, toda a gente concordou. Kakuiji foi na janela cuspir outra vez e João Santo voltou a sentar na cama. Mas, quando todos ficavam calados, Estudante não sentia mais vontade de falar, gostava só de acabar as macas, não queria mesmo esses gritos que ele dizia não servem para nada e as pessoas têm fala é para concordar, não é para refilar como os bichos, e, sempre que a pessoa pensa com a cabeça e não quer ainda inventar desculpas, descobre a verdade.

- Manias do Estudante - gostavam xingar-lhe os amigos - o gajo parece ainda está andar lá no liceu...

E por isso ele ficou outra vez a torcer a roupa

lo sai...- Quello che tutti noi sappiamo è solo questo: Toneto è anche un delatore! Non vale la pena discutere ancora! Se non è stato lui a denunciarti per farti passare lì cinque mesi e cose del genere, venendo picchiato tutti i giorni, non dimentichiamoci di Domingos...

Quando Estudante parlava, tutti stavano in silenzio. Poteva stare anche una notte intera senza che una parola uscisse dalle sue labbra, che sembravano scarpe. Ma così, dal nulla, nessuno sapeva quando, se ne usciva come un gallo e diceva le cose come stavano. Anche perché Kakuiji era sempre buono, diceva che era necessario avere tutte le prove e altre cose così, e allora la conversazione continuava tutta la notte senza risolvere niente.

In quel momento in cui menzionò il nome di Domingos, tutti concordarono. Kakuiji andò alla finestra, a sputare un'altra volta e João Santo tornò a sedersi sul letto. Ma quando tutti rimanevano in silenzio, Estudante non aveva più voglia di parlare: gli piaceva solo mettere fine alle liti, non voleva nemmeno quelle grida, che diceva che non servono a niente e che le persone hanno il dono della parola per trovare un accordo e non per reagire come le bestie, e che ogni volta che qualcuno pensa con la propria testa senza inventare scuse può scoprire la verità.

- Sono le abitudini di Estudante - si divertivano a prenderlo in giro gli amici -il ragazzo sembra che va ancora al liceo...

E per questo stava ancora facendo finta di

de mentira nas mãos e os olhos a bater atrás das lentes. Mas Kakuiji não gostava desistir:

- Pronto! Deixa só, vocês têm razão. Então a gente o que vai fazer então? Digam. Mandem-me mesmo o gajo, eu mato.

- Ih! Matar-lhe p'ra quê? O gajo precisa ser ensinado só.

João Santo pôs outra gargalhada dele, mas Kakuiji já não lhe disparatou e ele continuou falar:

- Vocês sabem o que eu sofri lá.

Sabem o perigo mesmo se eu ia falar as outras coisas. Vocês mesmo, meus amigos, iam ir presos ainda. Nessas horas que eu ficava sem poder deitar, o corpo todo cheio de porrada de cavalo-marinho, então eu adiantava pensar: foi o Toneto, filho da puta, se lhe apanho, mato-lhe.

- E é melhor mesmo, esse gajo já queixou muitos - Kakuiji estava outra vez de pé a passear e o seu corpo quileba punha uma sombra parecia era de pau nas paredes pequenas.

- Deixa só, Kakuiji! Deixa ainda ele falar!

- ... e agora eu penso como vocês. Esse gajo precisamos lhe ensinar duma vez. Eu tenho a certeza, aqui no coração, foi o sacana que foi me queixar, mas não posso provar...

Kakuiji abriu muito a boca, zangado, e praguejou, as veias do pescoço esticadas pareciam eram cordas de viola:

attorcigliarsi i vestiti tra le mani, sbattendo le palpebre dietro alle lenti. Ma a Kakuiji non piaceva mollare:

- Va bene! Lascia stare, avete ragione. Quindi cosa facciamo, allora? Ditelo. Mandatemi anche il tipo, lo ammazzo io.

- Ah! Ucciderlo per quale motivo? Il tipo ha solo bisogno di essere istruito.

João Santo fece un'altra risata delle sue, ma Kakuiji stavolta non scoppiò e lui continuò a parlare:

- Voi sapete quello che ho passato in quel posto. Sapete anche il pericolo stesso se avessi raccontato le altre cose. Anche voi, amici miei, sareste andati in prigione. In quei momenti in cui non ero in grado di sdraiarmi, il corpo pieno di frustate, allora pensavo: è stato Toneto, figlio di puttana, se lo prendo lo ammazzo.

- E sarebbe meglio, questo tipo ne ha già denunciati tanti - Kakuiji era di nuovo in piedi a camminare su e giù, e il riflesso del suo corpo alto sulla parete creava un'ombra simile a un palo.

- Lascia stare, Kakuiji! Lascialo almeno parlare!

- ...e ora io la penso come voi. Questo tipo si merita una bella lezione. Sono sicuro, qui nel cuore, che è stato quel mascalzone a denunciarmi, ma non lo posso provare...

Kakuiji spalancò la bocca, arrabbiato, e bestemmiò, le vene del collo tese come corde di violino:

— Possa! Provas... provas... Santo! Esse gajo que lhe aumentam na oficina, mecânico de serviço leve é agora o serviço dele... não, Santo. Provar? Você precisa melhor prova? Mas já Estudante, puxando os óculos na cabeça como era sua mania, ficava parecia aviador, e, esfregando os olhos cansados dos livros, metia outra vez na conversa, devagar como sempre, para arranjar tudo:

- Pronto, malta! Discutir mais para quê? Ago ra a gente só combina o que vamos fazer nesse bufo, mais nada. Você, Kakuiji, que tem tanta vontade de... - sorriu os dentes brancos e os olhos ficaram mesmo mais pequeninos. - Fala: fazemos-lhe o quê?

As palavras do amigo apanharam-lhe deslocado, sem uma ideia ainda o que iam fazer nesse bandido que queria ganhar o dinheiro a queixar os outros. Dentro dele, do corpo dele, do seu corpo quileba e magro, só queria mesmo uma coisa: apanhar-lhe numa esquina e matar-lhe com porrada. Era esse o destino que ele queria.

Essa gente assim, o melhor é matar-lhe como cão sarnento para não adiantar ainda estragar os outros.

João Santo e Estudante aceitaram com respeito as palavras do mecânico, a voz crescida com a raiva que saía, e não lhe interromperam. Só quando ele acabou, João Santo levantou, passeou ainda um bocado a matutar e veio espreitar na janela.

- Cazzo! Prove... prove... Santo! Quel tipo è cresciuto in officina ed è un abile meccanico, ora è il suo lavoro... no, Santo. Provare? Hai bisogno di una prova migliore?

Ma subito Estudante, sistemandosi gli occhiali in testa come era sua abitudine, sembrava quasi un aviatore, e strofinandosi gli occhi stanchi dai libri, si inserì ancora una volta nella conversazione, lentamente come al solito, per sistemare tutto:

- Ehi, ragazzi? Continuare a discutere per cosa? Ora pensiamo tutti solo a cosa fare a questo delatore, nient'altro. Tu, Kakuiji, che hai tutta questa voglia di... - sorrise con i denti bianchi e gli occhi diventarono ancora più piccoli. - Parla: cosa gli facciamo?

Le parole dell'amico lo presero alla sprovvista, non aveva idea di che cosa avrebbero fatto a quel bandito che voleva guadagnare denaro tradendo gli altri. Dentro di lui, nel suo corpo, nel suo corpo alto e magro, voleva solo una cosa: voleva prenderlo in un angolo e ammazzarlo di botte. Era questo il destino che voleva.

Questo tipo di persone è meglio ucciderle come cani rognosi, per non fargli rovinare ulteriormente gli altri.

João Santo e Estudante accettarono e rispettarono le parole del meccanico, la cui voce cresceva man mano che la rabbia saliva, senza interromperlo. Solo quando finì, João Santo si alzò, rimurginò ancora un po' e andò a sbirciare alla finestra.

O vento frio da noite, aumentando, sacudiu a luz do candeeiro e molhou os homens, ali, no quarto pequeno, atirando as suas caras de sombra umas contra as outras, no cinema da parede.

- Eu aceito essa ideia de lhe esperarmos para lhedar uma surra de porrada...

- Não!

Era fala de Estudante, de pé, sério, guardando os óculos no bolso da camisa, ficando com essa cara de cafofo que assustava. A sua fala, assim irritada, espantou os amigos.

Poucas vezes lhe conheciam dessa maneira, era mesmo muito custoso alguém fazer-lhe ficar zangado para adiantar tirar os óculos.

Bateu com o pé pequeno no chão, parecia monandengue com mania, e gritou outra vez:

- Não! Nada disso!

João Santo sentou, já conhecia essas zangas, já sabia bem o que ia sair. Só Kakuiji, alto como era, ficou debruçado em cima do rapaz, pareciam era garrafa e copo. E essa ideia de inveja atacou-lhe no coração como já tinha passado muitas vezes. Sempre queria lhe dar berrida, para nunca mais, e nem ainda com a ajuda de João Santo tinha conseguido, o mulato sempre conversava quando Estudante não aparecia, para lhe aconselhar, pedir para Kakuiji não deixar ainda esse bicho comer-lhe. E nessas horas o mecânico quase chorava de vergonha, torcia os pulsos, falava parecia era

Il freddo vento della notte, aumentando, mosse la luce del candelabro e bagnò gli uomini lì, nella stanzetta, guardandosi l'un l'altro nell'ombra, nel cinema della parete.

- Io accetto l'idea di aspettarlo per dargli una bella bastonata...

- No!

Era la voce di Estudante, in piedi, serio, mettendo gli occhiali nella tasca della camicia, con quella faccia da miope che intimoriva. La sua voce, così irritata, spaventò gli amici.

Poche volte l'avevano visto così, era davvero molto difficile che qualcuno lo facesse arrabbiare così tanto da togliersi perfino gli occhiali.

Batté con il piccolo piede sul pavimento, sembrava un bambino capriccioso, e gridò un'altra volta:

- No! Niente di tutto ciò!

João Santo si sedette, conosceva già queste liti, sapeva bene cosa sarebbe successo. Solo Kakuiji, alto com'era, rimase chino sul ragazzo, sembravano un bicchiere e una bottiglia. E l'invidia lo colpì nel cuore come già gli era accaduto molte altre volte. Ha sempre voluto metterlo in difficoltà, nient'altro, e nemmeno con l'aiuto di João Santo ci era riuscito, il mulatto gli parlava sempre quando Estudante non veniva, per consigliarlo, chiedere a Kakuiji di non lasciare che questa bestia lo mangiasse. E in quei momenti il meccanico quasi piangeva dalla vergogna, si torceva i polsi, parlava come

mona a pedir perdão:

— Possa, João! Eu não quero! Não queria mesmo ser assim. Mas você sabe, você me conhece de pequenininho, sabe porquê eu saí mesmo na escola, não adiantei continuar a estudar...

João Santo sabia bem, tinha muita gente que não sabia, amigos mesmo e companheiros, não conheciam essa história de Kakuiji, menino largado no musseque à toa, a mãe maluca de andar nas portas e o pai na Baía dos Tigres, o melhor era mesmo não falar.

Por isso ele sofria com a sabedoria de Estudante, rapaz do 7º ano de liceu perdendo só sua habilitação como amanuense, queria saber, queria estudar, falar com as palavras de Estudante, dizer todas as coisas que lhe adiantavam perguntar, arranjar assim saída para todos os casos.

É por isso a inveja sobe-lhe na garganta, põe passo na frente da cabeça dele para não pensar mais e fala devagar, a gozar:

- Então? Convidamos-lhe para beber com a gente, não é?

- Kakuiji, então?...

- Deixa, Santo! Eu já dou-lhe a resposta. Você sabe, Kakuiji, o que sucedeu no Santo, nessa prisão agora? Sabe, diz só? Sabe?

Kakuiji ainda quis ficar com a cara dele, gozona, mas não conseguiu. Falou:

- Sei.

- Você sabe, Kakuiji, que eu e você não fomos

un bambino che chiedeva scusa:

- Cazzo, João! Non voglio! Non vorrei proprio essere così. Ma tu lo sai, tu mi conosci fin da piccolo, sai perché ho lasciato la scuola, non potevo continuare a studiare...

João Santo lo sapeva bene, c'era molta gente che non lo sapeva, anche amici e compagni, non conoscevano quella storia di Kakuiji, un bambino arrivato nella baraccopoli per caso, la madre mendicante pazza e il padre nella Baía dos Tigres, era meglio non parlare.

Ecco perché soffriva per la saggezza di Estudante, ragazzo del 7º anno di liceo perdendo solo la sua abilità di copista, voleva sapere, voleva studiare, parlare usando le parole di Estudante, dire tutte le cose provavano a chiedergli, trovare così una soluzione a tutti i problemi.

È per questo che l'invidia gli saliva in gola, prendendo posto nella testa tanto da non farlo pensare e poi parlava lentamente, prendendolo in giro:

- Quindi? Lo invitiamo a bere con noi, no?

- Kakuiji, quindi?....

- Basta, Santo! Ti rispondo subito. Sai, Kakuiji, cos'è successo a Santo in questa prigione, adesso? Lo sai, eh? Lo sai?

Kakuiji voleva mantenere la sua espressione di sfida e scherno, ma non ci riuscì. Disse:

- Lo so.

- Sai, Kakuiji, che io e te non siamo andati lì

lá porque João aguentou?

- Sim, sei, possa!

- E então, Kakuiji, você quer apanhar o homem aí na esquina do musseque, dar-lhe uma surra, para ele te ver com os olhos dele, as pessoas te verem, e depois?

- E depois o quê? - a voz era ainda arreganhadora, mas não tinha mais a força do princípio.

- Sukuama! Você ainda pergunta depois o quê? Você quer ir lá na prisão, te matarem se calhar, com a fome e a porrada, por causa dum bufo? Você pensa a sua terra tem muita gente com a cabeça para pensar e essas mãos de você, tudo quanto você pega, trabalha, tudo que você conserta, fica bom, não interessa é carburador, não interessa é diferencial? Responde, Kakuiji, responde!

Uma força grande lutava no peito do mecânico, uma peleja estava passar, a inveja antiga que queria lhe vencer e essa vontade nova de abrir bem os braços, os olhos, a boca, e rir para Estudante, dizer sim, senhor, ele é que tinha razão, o melhor mesmo era não ligar na cabeça desse negro burro que ele era, só sabia ainda era de mecânico e mais nada.

Mas, nessa hora, o braço do rapaz agarrou-lhe para sentar na cama junto com João Santo, e a voz dele, quieta outra vez, mais baixa que o barulho do vento lá fora, correndo nos caminhos que os jipes tinham cortado pelo meio das cubatas, adiantava falar, explicar,

perché João ha tenuto duro?

- Sì, lo so, cazzo!

- E allora, Kakuiji, vuoi prendere un uomo alle spalle nel *musseque*, picchiarlo in modo che lui ti possa vedere con i suoi occhi, e le persone ti vedano, e poi?

- E poi cosa? - la voce era ancora sghignazzante, ma non forte come all'inizio.

- Maledizione! Mi chiedi ancora e poi cosa? Vuoi andare lì, in prigione, a farti ammazzare magari, con la fame e le percosse, per un delatore? Pensi che la tua terra abbia molte persone con la testa per pensare e queste tue mani, tutto quello che prendi, lavori, tutto quello che tu aggiusti diventa buono, non importa che sia un carburatore, non importa che sia un differenziale? Rispondi Kakuiji, rispondi!

Stava combattendo contro una grande forza nel petto, il meccanico, c'era una lotta in corso, l'antica invidia voleva vincere su di lui e questa nuova voglia di aprire bene le braccia, gli occhi, la bocca, e ridere in faccia a Estudante, dirgli sì, signore, che aveva ragione, la cosa migliore era proprio non ricordare a quell'asino negro il fatto che sapeva solo cose da meccanico, nient'altro. Ma in quel momento, il braccio del ragazzo lo prese per farlo sedere sul letto accanto a João Santo, e la sua voce, di nuovo calma, più bassa del rumore del vento lì fuori, correndo sui sentieri che le jeep avevano tagliato tra le capanne, continuava a parlare,

pedir ainda a opinião para essa ideia que tinha-
lhe nascido nessa hora mesmo, hora que as
sombras pareciam cazumbis nas paredes e era
preciso castigar Toneto Gomes, mecânico de
carros e bufo da PIDE.

spiegare, chiedendo ancora l'opinione su
quell'idea che gli era venuta proprio in quel
momento, ora che le ombre sembravano spiriti
sulle pareti ed era necessario punire Toneto
Gomes, meccanico d'auto e delatore della
PIDE.

A noite feia entrava aos bocados pela janela aberta. Lá fora nem sopro de vento corria pelos areais, só calor e suor é que estavam ainda a escorregar, no quarto apagado, caminhando no corpo nu de Estudante, deitado na esteira. Kakuiji, no seu lado, de barriga para baixo, dormia com barulho de maximbombo do Munhungo.

Tinha acordado mesmo pouco tempo e, de barriga para cima, espreitava na janela aberta o musseque das estrelas.

O barulho do sono do amigo assustava as baratas espalhadas pelas paredes e muitas vezes até parecia o zinco estava a tremer. Ou então era impressão de Estudante, nessa hora ele não sabia bem, a cabeça não queria pensar como antigamente e o corpo ainda estava inchado da comida.

João Santo tinha posto teima e ninguém que podia lhe resistir quando falava Emília ia fazer um *quitande* para todos. O feijão estava bom, quentinho, e o azeite-palma tinha-lhes adoçado na boca, pondo conversa de rir, durante a comida. Mas era verdade também que tinha uma coisa escondida atrás dessa conversa, muitas vezes parecia era fingida.

Emília desconfiava mesmo, e, com os braços gordos no pescoço do companheiro, adiantara perguntar:

- Verdade, Estudante, vão é aonde?
- Juro Mília, não posso te dizer!

La terribile notte irrompeva dalla finestra aperta. Neppure un soffio di vento correva sulla sabbia e nella stanza buia, solo il calore e il sudore scorrevano scivolando sul corpo nudo di Estudante, sdraiato sulla stuoia.

Kakuiji, nel suo lato, dormiva a pancia in giù, facendo il rumore dell'autobus del Munhungo.

Si era svegliato da poco e, a pancia in su, osservava dalla finestra aperta il *musseque* di stelle.

Il rumore del sonno dell'amico spaventava gli scarafaggi sparsi sulle pareti e molte volte sembrava addirittura che la lamiera tremasse. Oppure era un'impressione di Estudante, in quel momento non lo sapeva bene, la testa non voleva pensare come un tempo e il corpo era ancora gonfio di cibo.

João Santo aveva insistito e nessuno gli resisteva quando Emília diceva che avrebbe cucinato il *quitande*. I fagioli erano buoni, caldi, e l'olio di palma aveva addolcito la bocca di tutti, facendoli conversare con risate durante il pasto. Ma era anche vero che dietro a quelle conversazioni c'era qualcosa di nascosto, che molto spesso sembrava finta.

Anche Emília lo sospettava e, con le grosse braccia intorno al collo del compagno, aveva provato a chiedere:

- Dimmi la verità, Estudante, dove andate?
- Lo giuro, Mília, non te lo posso dire!

Mas a cara dela não aceitou bem essa desculpa. Estudante pensou talvez ela já sabia, o caso tinha corrido depressa, ali, no Sambizanga, toda a gente lhe conhecia. Se mesmo Toneto Gomes é quem que queixou, na loja do Rafael Manco, que andavam lhe ameaçar de pôr feitiço, queriam lhe matar com essas coisas, ele era um homem honrado, só trabalho-casa, casa-trabalho, não andava com esses rapazes de agora sempre metidos com conversas proibidas, com papéis proibidos. Que sim, senhor, que era verdade, jurava, tinham lhe avisado na oficina, iam lhe feitiçar. Quem? Não sabia mesmo, mas quando as conversas passam alguém falou e então agora, nessas horas, muita gente estava falar Kakuiji, colega dele, morador no Rangel, era feiticeiro. Jurava, sim senhor! Esses ambrizetes são feiticeiros e o rapaz não me gosta, porque eu mando nele na oficina e então anda me pôr falsos eu sou da PIDE.

Um mês já tinha passado depois do dia da saída de João Santo na prisão e dessa noite mesmo que tinham combinado castigar Toneto Gomes. Estudante lembrava bem aquela noite de vento em que adiantou propor essa maneira de lhe pôr castigo, e agora, que faltava pouco mesmo, sentia uma força que lhe puxava para não fazer, um medo dessa brincadeira combinada.

Kakuiji tinha refileado muito, durante semanas, não quis aceitar falava essas coisas dos velhos não são para desrespeitar assim, mesmo que ele

Ma il volto di lei non accettava questa scusa. Estudante pensò che forse lei già lo sapeva, la voce si era sparsa velocemente lì, nel Sambizanga, lo conoscevano tutti. Se anche Toneto Gomes si era lamentato, nel negozio di Rafael Manco, del fatto che lo minacciavano di stregoneria, che volevano ammazzarlo con queste cose, e lui era un uomo d'onore, solo casa-lavoro, lavoro-casa, non usciva con quei ragazzi che facevano sempre discorsi proibiti, con giornali proibiti. Che sì, signore, era la verità, lo giurava, l'avevano avvisato nell'officina, l'avrebbero stregato. Chi? Non lo sapeva proprio, ma quando le conversazioni si diffondono qualcuno parla e quindi, ora, in quel momento, molta gente parlava di Kakuiji, il suo collega, abitante di Rangel, che era uno stregone. Lo giurava, sì signore! Gli abitanti di Ambrizete sono stregoni e al ragazzo non piaccio, perché gli comando nell'officina e lui mi accusa ingiustamente di essere della PIDE. Era già passato un mese dal giorno dell'uscita di prigionia di João Santo, e da quella stessa notte in cui si erano accordati per punire Toneto Gomes. Estudante si ricordava bene di quella notte ventosa in cui avanzò la proposta di castigarlo in quel modo e ora, che mancava davvero poco, sentiva una forza che lo spingeva a non farlo, la paura di questo scherzo combinato.

Kakuiji era resistito molto, per settimane, non voleva accettare che dicesse queste cose dei vecchi, non gli si deve mancare di rispetto in

não concordava era verdade, mas tinha respeito. Isto e outras palavras que irritaram Estudante. Escapou passar discussão quando, sem pensar ainda, falou-lhe com voz alta parecia queria ele também ouvir bem o que inventava para falar no outro:

- Isso tudo são aldrabices, para explorar o povo! Você mesmo acredita em feitiço, Kakuiji? Só porque um homem pensa no quarto dele, bungula de noite, vai matar outro? Você acredita essas coisas que não podem se explicar? Como é, Kakuiji?

O rapaz calara a boca, se todos mandavam ele ia, sim, senhor, e depois ficou João Santo a lhe convencer para fazer o serviço.

E agora, naquela hora, mesmo que Estudante não queria, a ideia do feitiço não saía mais na cabeça. Talvez era mesmo a barriga cheia de feijão de azeite-palma ou ainda o calor e o suor que punham essa dor de cabeça e lhe faziam lembrar a avó xinguilando nos óbitos, nas dissaquelas, e as estórias que a mãe punha à noite, sunguilando, com cazumbis, diquixes, camucala e outras coisas.

E a recordação mesmo do velho Kamukuta que lhe chamavam de feiticeiro, lá, no musseque Cabessa, nessa noite que lhe viu e ouviu parecia era bode, a coçar o mataco na cubata de nga Fefa, que morreu mesmo depois, todo o mundo sabe e lembra-se, e se não fosse ainda Adão

quel modo, anche se lui non era d'accordo, era vero, ma aveva rispetto. Queste e altre parole che irritarono Estudante. La discussione era passata quando, senza nemmeno pensarci, gli parlò con voce alta, sembrava che lui stesso volesse ascoltare bene quello che si stava inventando per parlare all'altro:

- Sono tutte fregature per gestire il popolo! Anche tu credi nella stregoneria, Kakuiji? Solo perché un uomo pensa nella sua stanza, maledice di notte, ne ucciderà un altro? Tu credi in queste cose che non si possono spiegare? Che altro, Kakuiji?

Il ragazzo si era zittito, se tutti glielo ordinavano lui sarebbe andato, sì signore, e poi rimase João Santo a convincerlo a fare il lavoro.

E ora, in quel momento, anche se Estudante non lo voleva, l'idea della stregoneria non gli usciva più dalla testa. Forse era la pancia piena di fagioli e di olio di palma o ancora il calore e il sudore che gli facevano venire mal di testa e ricordare la nonna posseduta ai funerali, nelle sedute spiritiche, e le storie che la madre raccontava di notte, passando le serate con le anime dell'altro mondo, mostri a mille teste, mostri dal corpo dimezzato e altre cose.

E anche il ricordo del vecchio Kamukuta, chiamato stregone, lì, nel *musseque* di Cabessa, quella notte che lo vide e lo sentì, sembrava un caprone, a grattarsi il sedere nella capanna di nga Fefa, che morì subito dopo, tutti lo sanno e si ricordano, e se non ci fosse stato Adão Beto,

Beto, que era homem-do-chicote, lhe anular, o velho ia fazer mais estragos na família da falecida.

Porquê então estava pensar isso tudo, nessa hora? Sabia muito bem esses homens dizem mesmo essas coisas para roubar os outros, comer as coisas boas das casas dos pobres, dormir com as mulheres que querem.

Estudante, que é isso que lhe agarra no coração, não quer lhe deixar dormir, põe dúvida na sua cabeça, quer anular essa sua ideia para castigar Toneto Gomes?

O suor continuava correr parecia era cacimbo, quando a porta abriu e a sombra de João Santo desenhou-se na luz.

- Estão acordados?

Estudante pôs um soco nas costas de Kakuiji e começou a se vestir sentindo ainda essa ideia que não lhe largara mais no fim do jantar, essa dúvida no serviço que iam fazer.

Nga Emília veio ainda na porta, cara de sono, recomendar o cuidado com as patrulhas dos jipes, e os três amigos saíram para dentro da noite feia, sem lua e sem vento, e, com depressa, no intricado do musseque, becos e desvios que sabiam, andando mansinho como onça chegaram na cubata de Toneto Gomes.

Lua não tinha, luz não tinha. Mulato Santo sentiu Estudante lhe agarrar no braço, baixou a

que era un bacchettone, a fermarlo, il vecchio avrebbe fatto ancora più danni alla famiglia della defunta.

Perché quindi si era messo a pensare a tutto ciò, in quel momento? Sapeva molto bene che quegli uomini dicevano quelle cose per derubare gli altri, mangiare le cose buone nelle case dei poveri, dormire con le donne che volevano.

Cos'è che stringe il cuore a Estudante, che non lo vuole lasciare dormire, mettendogli dubbi nella testa, che vuole annullare quella sua idea di punire Toneto Gomes?

Il sudore continuava a sgorgare come se fosse nebbia, quando si aprì la porta e l'ombra di João Santo si disegnò nella luce.

- Siete svegli?

Estudante diede un pugno sulla schiena a Kakuiji e cominciò a vestirsi sentendo ancora quell'idea che non lo aveva più abbandonato dalla fine della cena, quel dubbio sul lavoro che avrebbero fatto.

Nga Emília venne alla porta, la faccia assonnata, a raccomandargli di stare attenti alle pattuglie nelle jeep, e i tre amici uscirono addentrandosi nella terribile notte, senza luna e senza vento e, rapidamente, nell'intricato *musseque*, per i vicoli e per le deviazioni che conoscevano, camminando mansueti come giaguari, arrivarono alla capanna di Toneto Gomes.

Non c'era luna, non c'era luce. Il mulatto Santo sentì la mano di Estudante afferrargli il

cabeça para lhe ouvir:

- Pronto! Vai no teu lado. Já sabes, se vês alguém, é o assobio...

Toneto Gomes estava morar com uma tia, velha doceira, numa cubata de madeira e luandos pintados que tinha mesmo agora mais um quarto de caixote de carro, o patrão tinha-lhe dado para ele.

Ficava longe da rua dos jipes e a luz dos reflectores se prendia ainda nas folhas da mulemba dum quintal ali pertinho.

João Santo ficou vigiar uma entrada desse beco, metido no meio das aduelas, e, antes de afastar para o outro sítio dele, Estudante agarrou Kakuiji, que já estava de cara pintada e com a lata na mão – ngoma, como ele gostava, não quiseram lhe arranjar – para bater.

Trazia também na cintura uns paus pendurados e quis rir para Estudante, mas o amigo calou-lhe:

- Eu sei, Kakuiji. Tens medo?

- Não, Estudante. Medo... eu não tenho! Mas... Estudante segredou-lhe:

- É! Esse receio eu também sinto, Kakuiji! Fui eu que te falei tudo isso é aldrabice desse gatunos do povo, mas quando chega na hora de a gente fingir, assim no escuro, temos que lembrar ainda essas histórias de monandengues, não é?

- É isso mesmo, você percebe. E juro, sangue de Cristo, eu faço! Estudante, a você mesmo que estudou é que eu falo, João não ia perceber, mas medo tenho. Cadavez eu penso isso pode

braccio, quindi abbassò la testa per sentirlo:

- Svelto! Vai al tuo posto. Già sai, se vedi qualcuno, fischia...

Toneto Gomes viveva con una zia, una vecchia pasticcera, in una capanna di legno e stuoie dipinte che aveva proprio adesso una stanza in più di spazzatura dell'auto, che il padrone gli aveva dato.

Era lontano dalla strada in cui c'erano le jeep e la luce dei fanali si rifletteva anche nelle foglie del ficus di un terreno lì vicino.

João Santo rimase a vigilare un'entrata del vicolo, tra le doghe e, prima di allontanarsi verso un altro posto, Estudante prese Kakuiji, che già aveva già la faccia dipinta e un barattolo in mano - ngoma, come piaceva a lui, non gliel'avevano voluto prendere – da battere. Portava anche dei bastoni appesi alla cintura e voleva ridere con Estudante, ma l'amico lo zitti:

- Lo so, Kakuiji. Hai paura?

- No, Estudante. Paura... non ne ho! Ma... Estudante gli confidò:

- Sì! Anche io provo quest'ansia, Kakuiji! Sono stato io a dirti che tutto questo è una fregatura degli impostori del popolo, ma quando arriva il momento di fingere, così al buio, dobbiamo ricordare ancora queste storie da ragazzini, vero?

- È proprio così, hai capito. E giuro sul sangue di Cristo che lo faccio! Estudante, parlo a te che hai studiato, João non capirebbe, ma ho paura. A volte penso che questo mi possa

me trazer feitiço de verdade!

Se ouviu riso de Estudante e Kakuiji sentiu a mão quente, no corpo nu, e a voz serena e já segura outra vez, falando:

- Isso não existe, Kakuiji, juro! Tudo é mentira deles.

E, com medo de mais palavras, saiu pelo escuro, rente nos quintais, para outro lado do beco.

Sozinho assim, ali, Kakuiji sentiu chegar a hora que ele tinha medo. Tinha prometido, agora não podia mesmo dizer mais que não, os amigos lá estavam à espera que ele fizesse ainda o serviço combinado. Mas no coração doía e saltava e o seu corpo deitava mesmo um cheiro grande de suor que estava lhe correr e lavar as tintas da cara.

Mirou os reflectores lá para trás das folhas da mulemba: um pequeno vento estava acordar as folhas, e essas luzes amarelas fizeram lhe sentir outra vez, a crescer, essa raiva no bufo Toneto.

Então, devagar, com as pernas mesmo a tremer parecia caniço, avançou na cubata do mecânico.

João Santo, no seu quintal, espreitava com os olhos esticados, queria ver mesmo o jeito desse Kakuiji para magicaria, queria gozar bem essa hora da partida no Toneto, mas nada que ele conseguia ver no escuro da noite. Do outro lado, Estudante tinha virado as costas, tapava as orelhas com as mãos, não queria ouvir nada, sabia, com esse calor e essas conversas na

portare delle maledizioni per davvero!

Si udì la risata di Estudante e Kakuiji sentì la mano calda, sul corpo nudo, e la voce serena e di nuovo sicura dire:

- Questo non esiste Kakuiji, lo giuro! Sono tutte bugie inventate da loro.

E, con la paura di altre parole, uscì nel buio, vicino ai cortili, dirigendosi all'altro lato del vicolo.

Così solo, lì, Kakuiji sentiva di avere paura. L'aveva promesso, ora non poteva più tirarsi indietro, gli amici lì fuori erano in attesa che lui facesse il lavoro che avevano stabilito. Ma il cuore gli faceva male e sussultava e il suo corpo emanava un forte odore di sudore che lo bagnava, scorrendo lungo il viso.

Guardò i fanali da dietro alle foglie del ficus: una leggera brezza muoveva quelle foglie e queste luci gialle gli fecero sentire, un'altra volta, questa rabbia nei confronti del delatore Toneto.

Poi, lentamente, con le gambe che gli tremavano come se fossero canne, avanzò verso la capanna del meccanico.

João Santo, nel suo cortile, era appostato con gli occhi vigili, voleva vedere proprio la vocazione magica di Kakuiji, avrebbe voluto gustarsi bene questa partenza di Toneto, ma non riusciva a vedere niente nell'oscurità della notte. Dall'altra parte, Estudante si era voltato, si tappava le orecchie con le mani, non voleva sentire niente, sapeva, con quel calore e quelle

cabeça, se sentisse mesmo o amigo bungalow, ia lhe mandar calar e estragar todo o trabalho que queriam ainda fazer.

De dentro do escuro da noite só com estrelas, chegou o barulho, primeiro baixinho, espremido, rouco, da fala do bode. Saindo assim no fundo da garganta para disfarçar, e do escuro ninguém que lhe via, esse ruído de voz de animal, acompanhado do bater da lata, devagar também, trazia vento frio de medo, obrigou mais Estudante a tapar nas orelhas.

Mas a voz do bicho ele ouvia cada vez mais, cada vez mais alto, maluca com o bater da lata, entrava no corpo dele com o calor, o suor, a dor de cabeça, o sangue medroso a gritar nas veias e então tudo ficou calado com o barulho da lata a roçar nas paredes de madeira caiadas de branco e a voz outra vez disfarçada, de Kakuiji, a falar, com som terrível, as palavras dos feiticeiros:

- Ando de noite, sou parvo? Ando de noite, sou parvo?

E cada vez mais tremiam os gemidos do bode, o bater na lata e essas palavras malucas, parecia Kakuiji estava mesmo xalado, ele é que estava com o feitiço, tinham lhe avisado para fazer baixinho, só quem precisava ouvir era mesmo Toneto, e agora todo o musseque ia acordar e iam lhe caçar como feiticeiro de verdade.

conversazioni in testa, che se avesse sentito anche solo una maledizione dell'amico, l'avrebbe zittito e avrebbe rovinato tutto il lavoro che ancora dovevano fare.

Dall'oscurità della notte fatta solo di stelle, arrivò il rumore, prima basso, schiacciato, roco, del verso della capra. Uscendo così dal profondo della gola per camuffarsi, e senza che nessuno lo vedesse nel buio, quel rumore della voce dell'animale accompagnato dallo sbattere della latta, molto lento, portava un vento gelido di paura che costrinse Estudante a tapparsi le orecchie.

Ma sentiva sempre di più la voce della bestia, ogni volta più forte, pazza per il rumore della latta, entrava nel suo corpo con il calore, il sudore, il mal di testa, il sangue timoroso a gridare nelle vene, e poi tutto rimase in silenzio, con il rumore della latta che sfregava contro le pareti di legno imbiancate a calce, e poi di nuovo la voce di Kakuiji, mascherata, che diceva con un suono terribile, le parole degli stregoni:

- Cammino di notte, sono stupido? Cammino di notte, sono stupido?

E i gemiti della capra tremavano sempre di più, lo sbattere della latta e quelle parole pazze, sembrava che Kakuiji fosse davvero suonato, era lui quello con il malocchio, l'avevano avvisato di fare piano, quello che doveva sentire sarebbe dovuto essere solo Toneto, e ora tutto il *musseque* si sarebbe svegliato e lo avrebbe cacciato come se fosse un vero

E na hora que sentiu mesmo esse perigo, João Santo berrou, desatou a correr pelo beco adiante, acompanhado já pelo ladrar de cães dos quintais e de galos acordados a cantar.

- Fugam!

Estudante saltou num quintal, desapareceu, e João Santo correu outra vez para trás, para Kakuiji. O rapaz estava maluco mesmo, os olhos esticados a brilhar parecia era bicho, a boca a babar-se toda, o suor tinha lhe borrado a cara com as tintas que disfarçavam-lhe e gritava, gritava, batendo na lata:

- Ando de noite, sou parvo? Ando de noite, sou parvo?

Rouco, medonho, berrava a fala do bode e bungulava na parede da cubata de madeira que abanava com a força do seu corpo quileba a roçar o mataco.

João Santo pôs-lhe uma chapada na cara, atirou a lata para cima do zinco da cubata e, nos pés de Estudante, desapareceram na noite escura, enquanto em todas as casas as luzes se acendiam mesmo com o perigo das patulhas e as pessoas amedrontadas calavam os monas assustados com esse barulho de feiticeiros como muitos anos já ninguém lhes tinha ouvido ali.

stregone.

E nel momento in cui sentì questo pericolo, João Santo urlò, cominciò a correre lungo il vicolo, accompagnato dal latrato dei cani dei cortili e dal canto dei galli svegli.

- Fuggite!

Estudante saltò in un cortile, sparì, e João Santo tornò di corsa da Kakuiji.

Il ragazzo era proprio pazzo, gli occhi tesi che brillavano come quelli di un animale, la bocca sbavava, il sudore gli aveva imbrattato la faccia con le tinte che lo mascheravano e gridava, gridava, colpendo la latta:

- Cammino di notte, sono stupido? Cammino di notte, sono stupido?

Roco, spaventoso, urlava il discorso della capra e malediceva verso la parete della capanna di legno, che scuoteva con la forza del suo corpo alto, strusciando il sedere.

João Santo gli tirò uno schiaffo in faccia, gettò la latta sulla lamiera della capanna e, seguendo Estudante, scomparvero nella notte scura, mentre in tutte le case si accendevano le luci, si diffondeva il pericolo delle pattuglie e le persone

spaventate zittivano i bambini, terrorizzati da quel rumore di stregoni, che da anni nessuno aveva più udito.

Andando, meio xalado, pelo areal e com um sol quente que lhe atacava na cabeça, Toneto Gomes seguia a baloiçar os braços parecia era boneco, falando as coisas que lhe enchiam as ideias, e as pessoas ficavam a mirar-lhe, curiosas, nas portas da cubatas.

Tinha passado uma semana, sempre esse medo dessa noite não saía-lhe do coração, nas orelhas dele todos os dias o bode a encher-lhe de terror, esse barulho do mataco do feiticeiro a roçar na madeira da cubata, não deixava-lhe dormir de noite, parecia cada dia ele ia voltar.

Era verdade mesmo tinham-lhe posto feitiço, esse feitiço terrível dos ambrizetes, a comida não queria entrar na boca, tudo vomitava, o corpo assim mole só gostava esteira no sol, no quintal, enquanto a tia, assustada, falava-lhe com a sabedoria de mais-velha:

- Menino, vai ainda no quimbanda. Eu conheço-lhe, esse feitiço só ele mesmo é que pode te livrar ainda!

Mas o corpo sempre quente a tremer de frio não queria andar, os pés pareciam estavam a inchar mesmo, pernas e tudo, a vida estava lhe fugir devagarinho, o feitiço trepava no corpo inteiro.

Camminando, mezzo scosso, lungo la spiaggia e con il sole caldo che gli batteva sulla testa, Toneto Gomes continuava a dondolare le braccia come un pupazzo, parlando delle cose che gli riempivano la mente, e le persone rimanevano a guardarlo, curiose, dalle porte delle capanne.

Era passata una settimana e la paura di quella notte non gli usciva dal cuore, sentiva tutti i giorni il verso della capra che lo riempiva di terrore, il rumore del sedere dello stregone che strusciava sul legno della capanna non lo faceva dormire la notte, sembrava che ogni giorno dovesse tornare.

Era proprio vero che gli avevano fatto un incantesimo, la terribile maledizione degli abitanti di Ambriz, il cibo non voleva entrargli in bocca, vomitava tutto: al corpo, così debole, piaceva solo stare su una stuoia al sole, i cortile, mentre la zia, spaventata, gli parlava con la saggezza da anziana:

- Ragazzo, vai dall'indovino. Io lo conosco, solo lui può liberarti da questa maledizione!

Ma il corpo sempre caldo che tremava di freddo non voleva andare, sembrava che anche i piedi si stessero gonfiando, le gambe e tutto, la vita gli stava sfuggendo lentamente, l'incantesimo si stava spostando in tutto il corpo.

Na cabeça, muitas vezes que pensava para mexer o corpo todo, mas nada. E depois a comida não queria, a tia tinha-lhe cozinhado *quitande*, e nada, nem *matete de bombó*, guloso como ele era, não aceitou.

Não era febre como ele falava e a tia não queria lhe acreditar. Não. Era feitiço do Kakuiji, a certeza era esse rapaz, toda a gente falava na oficina, era feiticheiro mesmo, a família dele tinha morrido de feitiço, o rapaz recebera embora essa magia.

Só nesse dia mesmo, oito dias já não ia no trabalho, cada vez só Pereira, encarregado, já tinha-lhe descontado um mês, sentiu ainda as forças a regressar, mas mesmo assim quando andava parecia as pernas não estavam lhe obedecer, todo enferryjado.

Kakuiji tinha-lhe posto esse feitiço de tirar a alma bocado-bocado e não podia lhe escapar.

Só que nessa manhã, a cabeça mais fresca, ele pensou ainda, talvez chefe Costa podia lhe ajudar, muito serviço que tinha-lhe feito já, mesmo que ele pagava quinhentos cada um que ele queixava, nessa hora agora podia lhe fazer mesmo um favor: tinha de prender embora o Kakuiji, mandar-lhe na Baía ou em Moçâmedes, talvez assim, depois, podia se livrar no feitiço.

Quando chegou no portão de ferro e adiantou tocar a campainha, a cabeça estava pensar bem outra vez, só o corpo é que não tinha vontade de mexer, os pés pareciam eram de ferro.

Nella testa, pensava spesso a muovere tutto il corpo, ma niente. E poi non voleva il cibo, la zia gli aveva cucinato il *quitande*, ma niente, non accettò nemmeno il *matete de bombó*, goloso com'era.

Non era febbre come diceva e la zia non gli credeva. No. Era l'incantesimo di Kakuiji, ne era sicuro, tutti ne parlavano nell'officina, era uno stregone, la sua famiglia era morta per un incantesimo, però il ragazzo aveva ricevuto questa magia.

Solo quel giorno, dopo otto giorni che non andava a lavoro, ogni volta il sig. Pereira, l'impiegato, gli aveva già trattenuto un mese, sentì le forze tornargli, ma anche in questo caso, quando camminava, sembrava che le gambe non gli obbedissero, tutte arrugginite. Kakuiji gli aveva lanciato questo incantesimo che gli prendeva l'anima un po' alla volta, e non gli poteva sfuggire.

Solo che in quella mattina, a mente fresca, pensò anche che forse il capo Costa lo avrebbe potuto aiutare, gli aveva già fatto molti lavori, anche se lui pagava cinquecento per tutti quelli che denunciava, in questo momento gli avrebbe potuto anche fare un favore: doveva far arrestare Kakuiji, mandarlo a Baía de Luanda o a Moçâmedes, forse così, poi, poteva sbarazzarsi della maledizione.

Quando arrivò al portone di ferro e avanzò per suonare il campanello, la testa ragionava bene di nuovo, solo il corpo non voleva muoversi, i piedi sembravano di ferro.

Chefe Costa, cambuta, os dentes podres, parecia rato de capim, recebeu-lhe com essa sua mania de rir que Toneto sempre tinha medo, os olhos encolhiam, pequeninos, atrás dos óculos, e então, nessa hora, ele adiantou piscar o olho no ajudante dele, grande e gordo parecia era pacassa.

- Então o que é que há?

Toneto ainda quis rir como gostava de fazer antes de pôr a conversa, mas esse riso ficou preso na garganta:

- Sô chefe, posso ainda falar sozinho?

O chefe sorriu, satisfeito e mau, sabia essas palavras de Toneto eram sempre para queixar uma pessoa.

- Diz lá!

- Nosso chefe, verdade mesmo, o rapaz pôs-me feitiço.

Toneto sentia outra vez a cabeça a ficar quente e gaguejou muito mal a história, contando o fim no princípio, o princípio no fim, os olhos abertos sempre a mirar o ajudante que brincava com o chicote cavalo-marinho.

Quando estava falar seu azar, sentiu mesmo zanga na cara do chefe e isso atrapalhou-lhe mais, não sabia mesmo como ia fazer para explicar, para contar esse medo, essa coisa que sentia a sair no corpo dele, era a alma mesmo que estavam lhe tirar, ia morrer...

- Isso tudo são histórias! Tens é febre. Pronto! Mais alguma coisa?

O chefe nunca lhe recebera assim, precisava

Il capo Costa, basso, i denti marci, sembrava un topo di campagna, lo ricevette con questo suo modo di ridere che da sempre spaventava Toneto, gli occhi ristretti, piccolini, dietro agli occhiali e poi, in quel momento, fece l'occhiolino al suo aiutante, grande e grosso come un bufalo.

- Allora, che cosa c'è?

Toneto voleva ridere come gli piaceva fare prima di iniziare una conversazione, ma questa risata gli si bloccò in gola:

- Capo, posso ancora parlare da solo?

Il capo sorrise, soddissatto e cattivo, sapeva che quelle parole di Toneto erano sempre per denunciare di qualcuno.

- Dillo!

- Capo, è la verità, il ragazzo mi ha fatto un incantesimo.

Toneto sentì la testa scaldarsi un'altra volta e balbettava molto male la storia, raccontando la fine all'inizio, l'inizio alla fine, gli occhi aperti che continuavano a guardare l'aiutante che scherzava con la frusta.

Quando stava raccontando della sua sventura, sentì che c'era della vera rabbia sul volto del capo e questo lo ostacolò ulteriormente, non sapeva proprio come fare per spiegare, per raccontare di quella paura, quella cosa che sentiva uscire dal corpo, era la stessa anima che gli stavano prendendo, stava per morire...

- Sono tutte storie! Hai la febbre. Ecco!

Altro?

Il capo non lo aveva mai ricevuto così, aveva

ainda de lhe convencer:

- Não é, nosso chefe! É ele, eu conheço bem, o nosso chefe tem de prender-lhe mesmo... senão vai me matar, nosso chefe.

O ajudante gargalhou alto, um riso parecia era hiena, e o chefe falou, fingendo zanga:

- Isso é o que tu mereces, bandido. És um sacana, julgas que eu não sei?...

A voz do chefe ficou má outra vez, a cara estava de pedra e falou parecia Toneto era ainda um preso dele:

- Denuncias os gajos e depois vais às famílias para te darem um conto e quinhentos para vires me pedir para pôr os tipos na rua... Não me apareças cá mais, senão já sabes. Não gosto de aldrabões!

Os olhos pequenos, atrás dos óculos, pousaram no chicote que o ajudante tinha ainda encostado na parede.

- És um aldrabão, não gosto de aldrabões! - tornou a dizer. Seu sacana! A dizer que o Santo era dos terroristas e afinal foi só para ganhar dinheiro, seu... Põe-te lá fora!

- Verdade, nosso chefe. E Kakuiji, ele é também! Juro, nosso chefe! Prende-lhe ainda, prende-lhe ainda. Não posso mais viver com esse homem na rua. Vai me matar, vai me matar, nosso chefe!

A cabeça estava zunir, o corpo não tinha mais força, a boca já não sabia falar o que queria, tudo estava baralhado e quente com o frio do suor a correr e esse grito de bode a chegar, a chegar nas orelhas, a entrar no coração aos

ancora bisogno di convincerlo:

- Non è così, capo! È lui, io lo conosco bene, il capo deve catturarlo... altrimenti mi ammazzerà, capo.

L'aiutante rise forte, sembrava la risata di una iena, e il capo parlò, fingendo rabbia:

- Questo è quello che ti meriti, bandido. Sei un bastardo, pensi che io non lo sappia?...

La voce del capo fu cattiva un'altra volta, il viso era di pietra e parlò come se Toneto fosse un suo prigioniero:

- Denunci i ragazzi e poi vai dalle famiglie perché ti diano un conto, e cinquecento per venire a chiedermi di lasciare i tipi per strada... Non presentarti più qui, altrimenti già lo sai. Non mi piacciono i bugiardi!

I piccoli occhi, dietro agli occhiali, si posarono sulla frusta che l'aiutante aveva appena appoggiato al muro.

- Sei un bugiardo, non mi piacciono i bugiardi! - ripeté. Bastardo! A dire che Santo era uno dei terroristi e alla fine era solo per guadagnare soldi, brutto... Vai fuori!

- Ma è vero, capo. E Kakuiji, anche lui lo è! Giuro, capo! Prendili, prendili. Non posso più vivere con quell'uomo per strada. Mi ammazzerà, mi ammazzerà, capo!

La testa gli fischiava, il corpo non aveva più forza, la bocca non diceva più quello che voleva dire, tutto era confuso e caldo con il freddo del sudore che gli scorreva, e quel grido della capra che tornava, tornava nelle orecchie,

pulos, a bater parecia era martelo na forja, a gritar, a gritar...

A gritar ajoelhou na frente do chefe, pediu mesmo perdão, perdão nosso chefe, prende o homem, prende o homem, e nem sentiu ainda que lhe agarravam no cinto, não sentiu as pancadas do chicote, o riso do ajudante a correr, a crescer, riso de hiena nas orelhas de Toneto.

Só o sol a bater rijo e mau na cabeça, as pernas não querendo andar pelo areal, os pés não lhes sentia mesmo, sentia ainda a alma, a vida lhe fugir, a ficar vazio, leve, com esse fogo vermelho de fogo nas costas, nos braços, nos olhos, nos olhos dele, de maluco sem ver nada, e a boca então abriu-se num grito grande, um grito da sua vida perdida com a alma que Kakuiji estava lhe roubar com o feitiço dele:
- Não sou da PIDE! Não sou da PIDE! Não sou da PIDE!

Por entre as cubatas caladas da manhã de sol, o grito do homem batia em todas as portas, que abriam os olhos curiosos e espantados das pessoas a espreitar e um monte de monandengues já atrás de Toneto, tropeçando, pelos montes de lixo, atirava pedras e fazia pouco, imitando:

- Não sou da PIDE! Não sou da PIDE!
Em todo o musseque nem uma parede, nem uma porta, devolvia embora esse grito. Nem mesmo essas pequenas folhas de mulemba com seus figos bons para os passarinhos, que, quando ficam juntos no pau

saltava nel cuore, batteva come un martello nella fucina, urlando, urlando...

Urlando, inginocchiato davanti al capo, chiese perdono, perdono capo, arresta l'uomo, arresta l'uomo, e non sentì nemmeno che lo avevano afferrato per la cinta, non sentì le frustate, la risata dell'aiutante che aumentava, risata di iena nelle orecchie di Toneto.

Solo il sole lo colpiva forte e malvagio in testa, le gambe non volevano camminare per la spiaggia, non sentiva i piedi, sentiva solo l'anima, la vita che gli stava sfuggendo, restando vuoto, leggero, con questo fuoco rosso fuoco sulla schiena, sulle braccia, negli occhi, nei suoi occhi, pazzo, senza vedere più niente, e poi la bocca si aprì in un grande grido, un grido della sua vita persa insieme all'anima che Kakuiji gli stava rubando con il suo sortilegio:
- Non sono della PIDE! Non sono della PIDE! Non sono della PIDE!

Dentro alle capanne silenziose nella mattinata di sole, il grido dell'uomo rimbombava in tutte le porte, che aprivano gli occhi curiosi e spaventati della gente che sbirciava, e un gruppo di bambini già dietro Toneto, inciampando, sulla montagna di spazzatura, gli tirava pietre e lo prendeva in giro, imitandolo:
- Non sono della PIDE! Non sono della PIDE!
In tutto il *musseque*, né una parete, né una porta, voleva ricambiare questo grido. Nemmeno quelle foglioline di ficus con i suoi fichi buoni per gli uccellini che, quando sono vicini sul loro ramo, nascondono le lune degli

deles, tapam as luas de olhos eléctricos que
cobrem o musseque nessas noites de jipes.

occhi elettrici, che coprono il *musseque* in
queste notti di jeep.

(7-7-62)

(7-7-62)

CARDOSO KAMUKOLO,
SAPATEIRO

Se não matarem todos os monandengues da nossa terra, eles contarão mesmo para seus filhos e seus netos dos tempos bons que vêm aí.

Contarão, porque os olhos ainda pequenos e burros guardaram essas confusões e conversas, os tiros das noites ficaram sempre nos corações, o pai que não apereceu mais em casa, morto no areal, o irmão mais velho que lhe vieram buscar no jipe com porrada logo ali mesmo e insultos e asneiras e cubatas incendiadas brilhando no escuro.

Então, nessas noites calmas dos tempos novos em que as pessoas ouvem mesmo o dormir de gato dos motores elétricos das fábricas a chegar no vento, enchendo os jardins de suas casas com música nova, ou vêem a lua grande e bonita acender o candeeiro dela por cima das lavras de milho grande, mais que um homem, a mandioca a crescer verde como nunca foi, o algodão de flores branquinhas e aquele vermelho-cereja do café pondo talvez lembranças do antigamente, mas com a mata a guardar para sempre o cheiro maluco dessas florzinhas brancas, que já foram vermelhas de sangue ou negras, queimadas nas bombas ou torcidas no fogo, eles vão contar.

Nessas noites os monandengues correrão a se sentar junto de papai ou vavô que estão lendo seus livros de agricultura ou desenhando, no

CARDOSO KAMUKOLO,
CALZOLAIO

Se non uccideranno tutti i ragazzini della nostra terra, essi racconteranno ai propri figli e ai propri nipoti dei bei tempi che stanno per arrivare.

Li racconteranno, perché gli occhi ancora piccoli e stupidi conservarono quel caos e quei discorsi, gli spari nelle notti rimasero sempre nei loro cuori, il padre che non tornava più a casa, morto in mezzo alla sabbia, il fratello maggiore catturato da una jeep, pestato proprio lì, con insulti e imprecazioni, e capanne incendiate che brillavano nel buio.

Allora, in queste notti calme dei tempi nuovi in cui le persone sentono anche il ronfare da gatto dei motori elettrici delle fabbriche, trasportati dal vento, riempiendo i giardini delle case con musica nuova, o vedono la luna grande e bella illuminare come una lampada gli estesi campi di granturco, alto più di un uomo, la manioca crescere verde come non lo era mai stata, i fiorellini bianchi del cotone e quel rosso amarena del caffè che forse ricordava il passato, ma con la foresta che conservava per sempre quel pazzo odore di fiorellini bianchi, che già divennero rossi di sangue o neri, bruciati dalle bombe o contorti nel fuoco, loro lo racconteranno.

In quelle notti i ragazzini correranno a sedersi vicino al papà o al nonno, che staranno leggendo i loro libri di agricoltura o

estirador, a peça mais melhor para facilitar ainda o trabalho da máquina que outros irmãos fizeram com a sabedoria deles e o trabalho deles. E gritarão, sem paciência para esperar, xingando esses livros da escola com um sorriso, aproveitando para ouvir mas é uma estória.

E querem uma estória que não vem nos livros. Papá vai ficar zangado de mentira, vavô vai tirar os óculos e talvez mesmo, quem sabe?, mamã vai chegar no quadrado da porta, ainda limpando a loiça do jantar antes de começar preparar a lição para a escola ou outra coisa, e vai querer ouvir também.

- Ai, vavô! Põe uma estória dos tempos do antigamente!

Vavô já sabe o truque, mas os monas também lhe conhecem. Vai acender primeiro o cachimbo dele, devagarinho como gosta, para lhes fazer ainda ficarem curiosos. Depois, nessa voz dele cheia de vida, nos olhos que viram os maus tempos e nas mãos que ajudaram a fazer a vida boa desses dias, os monas vão ver como vavô ou papá pode mesmo saber contar essas coisas que lhes põem ou medo, ou tristeza ou alegria ou coragem, mas que fazem ainda perguntar muitas perguntas: musseque é o quê, cubata é o quê, monangamba, contratado...

- Bem! Então ponho a estória do leão e do coelho!

disegnando, nelle tavole da disegno, il pezzo migliore per facilitare ulteriormente il lavoro della macchina che gli altri fratelli hanno creato con la loro saggezza e con il loro lavoro. E grideranno, senza la pazienza di aspettare, canzonando quei libri di scuola con un sorriso, cogliendo l'occasione per ascoltare ancora un'altra storia.

E vorranno una storia che non c'è sui libri. Papà si arrabbierà per le bugie, nonno si toglierà forse anche gli occhiali, chi lo sa?, mamma arriverà sul cornicione della porta, pulendo ancora i piatti della cena, prima di cominciare a preparare la lezione per la scuola o qualcosa del genere, e vorrà ascoltarla anche lei.

- Dai, nonno! Racconta una storia di una volta!

Il nonno conosce già il trucco, ma anche i bambini lo conoscono. Prima accende la sua pipa, lentamente come piace a lui, per mantenere viva la curiosità. Poi, con la sua voce piena di vita, negli occhi che videro il tempo cattivo e nelle mani che hanno aiutarono a creare la bella vita di questi giorni, i bambini vedranno come il nonno o il papà sanno raccontare queste cose che gli suscitano paura, o tristezza, o allegria, o coraggio, ma che fanno anche venir voglia di fare domande: cos'è il *musseque*, cos'è una capanna, il *monangamba*, il *contratado*...

- Bene! Allora racconto la storia del leone e del coniglio!

Os miúdos vão rir na brincadeira, os mais atrevidos vão lhe assobiar, bater as palmas.

Mamã vai aparecer para ralhar de mentira com o sorriso feliz:

- Então, meninos!

- Queremos uma estória de pessoas!

- Essas estórias dos animais que falam, não queremos mais. Vavô sempre conta essas...

Chupará o cachimbo com esses olhinhos pequeninos a rir, malandros, esse refilânço ele já sabia ia suceder, mas não deixa lhes avisar só:

- Meus filhos! Essas estórias são as estórias do nosso povo! Essas estórias mesmo são estórias antigas de todos os homens do mundo...

Um mais atrevido, cadavez, vai lhe interromper para pedir então que vavô vai contar mas é uma estória de mais cedo, dessas que ele assistiu.

E no fim mesmo, calados, com atenção, sentados por ali na bela esteira fabricada com boas fibras da nossa terra ou nos joelhos de vavô, ouvirão a voz madura do velho ou do homem começar a se encher na alegria e tristeza, talvez mesmo uma dor há-de lhe apertar no coração, mas vai fugir depois no brilho dos olhos do monandengues, limpos parece é água nas barragens dos nossos rios, quando ele adiantar falar assim:

- Então, vou pôr a estória de Cardoso Kamukolo, sapateiro!

Cardoso Kamukolo era um sapateiro cambuta e grosso como boa cana dos lados do Kuanza.

I bambini ridono allo scherzo, i più sfacciati fischiano e battono le mani.

La mamma si presenterà per far finta di rimproverare con un sorriso felice:

- Allora, bambini!

- Vogliamo una storia di persone!

- Non vogliamo più queste storie sugli animali che parlano. Il nonno racconta sempre quelle...

Fumerà la pipa con quei piccoli occhietti sorridenti, mascazoni, sapeva che ci sarebbe stata questa protesta, ma non smette di avvisarli:

- Figli miei! Queste storie sono le storie del nostro popolo! Queste storie sono anche le storie antiche di tutti gli uomini del mondo...

Uno dei più sfacciati, ogni volta, lo interrompe per chiedere allora che il nonno racconti una storia più vicina, di quelle in cui lui c'era.

E alla fine, silenziosi, attenti, seduti lì sulla bella stuoia fabbricata con le buone fibre della nostra terra, o sulle ginocchia del nonno, ascolteranno la voce matura del vecchio o dell'uomo, che inizierà a riempirsi di allegria e tristezza, a volte anche un po' di dolore gli stringerà il cuore, ma fugge subito dopo nel luccichio degli occhi dei ragazzini, limpidi, tanto da sembrare le acque delle dighe dei nostri fiumi, quando inizierà a parlare così:

- Allora, vi racconto la storia di Cardoso Kamukolo, calzolaio!

Cardoso Kamukolo era un calzolaio basso e grosso come la canna buona dalle parti del

Até mesmo tinha nascido nessas terras bonitas da Kisama e o seu riso parecia era água do grande rio que lhes atravessava e punha verdes.

Num sábado maluco de vento frio pelas ruas, caminhava encolhido no velho casaco de fardo, caminho da cubata. Estava morar ainda no Prenda, musseque que fica pendurado no morro da Maianga e vira as costas e a cara no mar da Samba.

O frio, que furava o casaco já velho, punha-lhe agulhas no corpo e fazia-lhe tossir. O ar estava mesmo cheio de cacimbo parecia era uma chuva fininha que estava chover. Pelas estradas de alcatrão, os carros corriam já com as luzes acesas e só poucas pessoas, gente como ele, que tinha acabado o serviço já era tarde, seguiam no mesmo caminho ou lhes cruzavam ainda, andando nesse caminho donde que saía. Nesses dias voltavam mais satisfeitos, alguns estavam já cantar, tinham parado ainda nalguma loja da Maianga para beber meio litro e o resto do dinheiro pouco, da semana, sentiam-lhe no bolso a convidar.

Cardoso Kamukolo andava com depressa. A companheira, nessa hora, estava lhe esperar já, sabia ainda nos sábados é assim, despachar serviço até tarde e depois o patrão demorava fazer as contas, era preciso muita atenção nessa hora, senão quando chegava na cubata e ia contar, o dinheiro não dava certo.

Cuanza.

Era nato proprio in quelle bellissime terre di Kisama e la sua risata sembrava l'acqua del grande fiume che le attraversava e le rendeva verdi.

In un pazzo sabato di vento freddo lungo le strade, camminava verso la capanna, riparato dalla sua giacca vecchia e pesante. Viveva ancora nel Prenda, *musseque* attaccato al colle di Maianga che volta sia le spalle che il volto al mare di Samba.

Il freddo, che penetrava nella giacca ormai vecchia, gli pungeva il corpo e lo faceva tossire. L'aria era anch'essa piena di nebbiolina, sembrava pioggerellina. Lungo le strade asfaltate, le macchine correvano con i fari già accesi e solo poche persone, gente come lui che aveva finito di lavorare troppo tardi, seguiva lo stesso cammino o incrociava il suo, camminando sul viale del ritorno.

In quei giorni tornavano più soddisfatti, alcuni stavano già cantando: si erano fermati in qualche locale di Maianga per bere mezzo litro, mentre il resto del poco denaro della settimana li invitava dalla tasca.

Cardoso Kamukolo camminava velocemente. La compagna, a quell'ora, lo stava già aspettando, sapeva che il sabato era così, che avrebbe lavorato fino a tardi e poi il padrone tardava nel fare i conti, era necessaria molta attenzione in quel momento, altrimenti quando tornava nella capanna e contava, i soldi non erano giusti.

Aí não podia mais refilar, o homem começava logo dizer ela era aldrabão, esses negros são assim, se calhar apanhou bebedeira e perdeu no caminho, se continuas refilar levo-te no Posto ou então ameaçava mesmo com essa polícia nova da PIDE.

Cardoso não queria mais confusões com esse branco. Não tinha medo, mas a vida estava diferente. O vencimento pequeno, trabalhar à obra assim, no patrão sempre com os descontos, era sapato de senhora, se suja desconta, se põe um ponto está diferente desconta e depois, no fim da semana, cento e cinquenta, duzentos escudos, para que chegava então? Com a mulher e esse mona, que ele gostava mais que tudo, crescendo cada dia para lhe alegrar, a renda para pagar, a comida cara, não dava mesmo.

Quando chegava na cubata, muitas vezes agarrava o biscate, meias solas para um patrício, cadavez com sorte umas gáspeas ainda. Mas para lhe receber custava também, pagavam bocado-bocado, a vida estava má para toda a gente.

Com esses pensamentos a lhe atacarem nessa tarde feia, Cardoso Kamukolo arrastava os sapatos velhos e remendados no alcatrão molhado, segurando, debaixo do braço, o assentador, a faca, o ferro de brunir que o mestre costumava lhe emprestar para trabalhar nos domingos.

A quel punto non poteva più replicare, l'uomo iniziava subito a dire che lei era un'imbrogliona, questi negri sono così, forse si era ubriacata e persa lungo il cammino, se continui a replicare ti porto dalla polizia, oppure la minacciava con quella nuova polizia della PIDE.

Cardoso non voleva più problemi con quel bianco. Non aveva paura, ma la vita era differente. Lo stipendio misero, lavorare così a cottimo, con il padrone sempre con le trattenute, era scarpe da donna, se è sporca si sconta, se ha un punto fuori posto si sconta e poi, nel fine settimana, cento e cinquanta, duecento *escudos*, a che serviva allora? Con la moglie e quel bambino, che amava più di ogni altra cosa, che cresceva ogni giorno per rallegrarlo, con l'affitto da pagare, il cibo caro, così non andava.

Quando tornava nella capanna, molte volte faceva qualche altro lavoretto, mezze suole per un connazionale, a volte, con un po' di fortuna, anche una tomaia. Ma per riceverli il prezzo era caro, le persone pagavano un po' alla volta, la vita era dura per tutti quanti.

Con quei pensieri che lo attaccavano in quella brutta sera, Cardoso Kamukolo trascinava le scarpe vecchie e rattoppate sull'asfalto bagnato, reggendo, sotto al braccio, il montatore, il trincetto, il ferro per levigare che il maestro era solito prestargli per lavorare durante le domeniche.

Nessa semana dinheiro ainda estava menos. Um azar mesmo! Um golpe na biqueira do sapato branco, a faca tinha-lhe escorregado, nem sabia ainda como. O mestre queria lhe arrear, Cardoso pediu desculpa, mas, depois, quando ele falou ia lhe descontar o preço dos sapatos, refilou:

- O preço, como? Eu pago mesmo o material, mas o trabalho é meu!

Não esquecia a cara espantada do branco. Até tinha tirado os óculos para ver bem Cardoso Kamukolo, que ficou ainda de pé, no meio dos colegas de cabeça abaixada nos sapatos, esticando as cerdas com respiração forte.

- Mas... o que é que há?

Explicou-lhe outra vez que queria pagar mesmo o calfe mas o trabalho dele e o lucro do mestre ele não podia pagar, não estava certo, não senhor. Ainda se estivesse trabalhar ao dia podia ser, mas, assim à obra, não tinha direito de lhe cobrar o preço inteiro.

O mestre nem quis mais lhe dar resposta. Virou as costas e foi embora; mas, mais tarde, Cardoso ouviu-lhe a falar no ajudante dele:

- Imaginem, enh! O lucro e o trabalho! Isto vai bonito! A culpa é de quem lhes corta a muquila, os ensina a ler e a escrever...

Essas palavras e outras, muitas que não chegou perceber bem, o mestre tinha falado essa mania dele agora, de manhã, quando chegava, ler ainda o jornal nos outros e ficar a discutir e ensinar-lhes essas coisas de política.

Quella settimana di soldi ce n'erano ancora meno. Una sfortuna! Un colpo sulla punta della scarpa bianca, il trincetto gli era scivolato, non sapeva nemmeno come. Il maestro lo voleva cacciare, Cardoso chiese scusa, ma poi, quando gli disse che si sarebbe trattenuto il prezzo delle scarpe, rispose:

- Il prezzo, cosa? Io pago anche il materiale, ma il lavoro è mio!

Non si dimenticò il volto stupito del bianco. Si era perfino tolto gli occhiali per vedere meglio Cardoso Kamukolo, che era rimasto in piedi, tra i colleghi con la testa china sulle scarpe, allungando le setole con un respiro forte.

- Ma... che ti succede?

Gli spiegò di nuovo che avrebbe anche pagato il materiale ma il suo lavoro e il guadagno del maestro non li poteva pagare, non era giusto, no signore. Se stesse lavorando a giornata poteva anche essere, ma così, a cottimo, non aveva il diritto di fargli pagare l'intero prezzo.

Il maestro non volle nemmeno più rispondergli. Si girò e se ne andò; ma, più tardi, Cardoso lo sentì parlare col suo assistente:

- Immaginate, eh! I soldi e il lavoro! È bellissimo! La colpa è di chi gli taglia la coda, insegnandogli a leggere e a scrivere...

Il maestro, con queste e altre parole che non riuscì a capire bene, aveva parlato di questa sua nuova abitudine, quando arrivava la mattina, di leggere addirittura il giornale agli altri e rimanere a discutere e a insegnare loro quelle cose sulla politica.

Pensando satisfeito essa conversa, a luta nesse sábado para aguentar sô Freitas e não lhe descontar, e ainda lhe emprestar a ferramenta para o biscate de domingo, Cardoso sorria também um pouco.

Mário ia ficar feliz quando falasse esse assunto, essa vitória das palavras dele, como tinha refilado mesmo com o mestre com a calma que todos lhe conheciam, tinha até os que diziam o rapaz era matumbo, mas só nos olhos dele é que falava a esperteza que tinha. O serralheiro era ainda o culpado desse golpe no sapato novo que estava fazer.

Se não fosse a fala desse amigo, as palavras que eles agora conversavam os dois, Cardoso não ia ficar assim uma noite inteira a beber, a falar com ele, a contarem essas coisas que só podiam dizer mesmo com voz baixa, enquanto lá fora os jipes e os carros das patrulhas passeavam sem barulho, pondo dentes nas sombras com as luzes.

Nessa manhã os olhos não queriam se abrir mais, nem com o sol atrevido a entrar ainda sem licença na janela.

A companheira veio lhe xingar para levantar, tomar matabicho e mesmo assim, quando chegou na oficina, oito e meia já passava. Com o sono parecia era pedra na cabeça, nem sentiu mesmo a faca a escorregar e sucedeu só: o sapato ficou todo cortado na biqueira.

Pensando soddisfatto a quella conversazione, alla lotta di quel sabato per affrontare il signor Freitas senza sconti, e farsi anche prestare gli strumenti per il lavoretto della domenica, Cardoso sorrideva un po'.

Mario sarebbe stato felice quando gli avrebbe raccontato, di quella vittoria delle sue parole, di come aveva replicato al maestro, con la calma che tutti gli riconoscevano, e c'era anche chi diceva che il ragazzo fosse ignorante, ma solo nei suoi occhi si vedeva la sua scaltrezza. Il fabbro era d'altra parte il responsabile di questo colpo alla scarpa nuova che stava costruendo.

Se non fosse per il discorso di quell'amico, per le parole della conversazione tra i due, Cardoso non avrebbe passato un'intera notte a bere, e a parlare con lui, a raccontare quelle cose che si potevano dire solo a bassa voce, mentre lì fuori le jeep e le macchine delle pattuglie si spostavano senza far rumore, come denti luminosi tra le ombre.

Quella mattina gli occhi non volevano proprio aprirsi, nemmeno con il sole sfacciato che entrava dalla finestra senza nemmeno chiedere il permesso.

La compagna lo canzonava per farlo alzare, per fare colazione, eppure, quando arrivò nell'officina, erano già le otto e mezza passate. Con il sonno che gli pesava in testa come una pietra, non sentì nemmeno il coltello scivolare e successe e basta: la scarpa si era tutta tagliata sulla punta.

O cacimbo já era menos no ar, tinha parado um bocado, mas nas ruas os candeeiros ainda estavam a acender. As pessoas se mexiam no meio dessa cor cinzenta pareciam eram sombras e só as luzes dos carros é que, às vezes, mostravam bem a cara delas.

Ora foi aí mesmo, nessa rua estreita da Maianga, que apareceu o monandengue. Vinha com devagar, pelo passeio, saltando num pé, saltando noutra pé, descalço e sem camisola, só mesmo uma camisa pequena que lhe defendia no frio. Estava cantar baixinho uma cantiga para acompanhar esse jogo que adiantava fazer com os quadrinhos do passeio e nada na cabeça dele que lhe avisava onde estava e o que estava a brincar. Na sua volta só mesmo ele e o cacimbo que lhe mordía e, para lhe calar ainda, punha essa brincadeira.

Cardoso passou a mão na cabeça pequena quando o mona ia chocar nas pernas dele.

Continuou o seu caminho, uma satisfação doce na boca grossa, a pensar esse dia miúdo Beto já ia estar assim grande para lhe mandar na escola.

Sim, porque muitas vezes, então já podia mesmo estar ganhar mais, o serviço ser outro, agora que Mário começava lhe ensinar mais coisas, ler e escrever mesmo, e o melhor ainda, essas conversas que um dia a vida deles ia mudar, já tinha mesmo começado a luta para essa felicidade para todos, na terra de todos.

C'era già meno nebbia nell'aria, si era un po' calmata, ma nelle strade i lampioni erano ancora accesi. Le persone si mescolavano in mezzo a questo colore grigio, sembravano ombre, e solo le luci delle macchine, a volte, mostravano bene i loro volti.

Fu proprio lì, in quella strada stretta di Maianga, che apparve il bambino. Avanzava lentamente, lungo il marciapiede, saltando su un piede, saltando sull'altro piede, scalzo e senza maglia, solo una camicetta lo proteggeva dal freddo.

Stava cantando una canzone a bassa voce per accompagnare quel gioco che continuava a fare sui quadratini del marciapiede e niente nella sua testa lo avvisava di dove fosse e di quello a cui stesse giocando. Attorno, c'erano solo lui e la nebbia che lo mordeva e, per metterla a tacere, faceva quel gioco.

Cardoso gli passò la mano sulla testolina quando il bambino stava per andare a sbattere sulle sue gambe.

Continuò il suo cammino, una dolce soddisfazione nella grossa bocca, al pensiero del giorno in cui il piccolo Beto sarebbe stato così grande da iniziare la scuola. Sì, perché molte volte avrebbe già potuto guadagnare di più, fare un altro lavoro, ora che Mario iniziava a insegnargli più cose, anche a leggere e scrivere, e meglio ancora, quelle conversazioni sul fatto che un giorno la vita sarebbe cambiata, che era già iniziata la lotta per quella felicità per tutti, sulla terra di tutti.

Ainda andava desconfiar esse rapaz não falava tudo o que ele sabia...

As palavras que punha, parecia era mesmo irmão mais velho, davam conselhos bons, mas devagarinho, explicando até ele perceber bem, ensinando-lhe com paciência, fazendo caça nessas manias antigas que estavam morar ainda na cabeça dele que a vida era aquela mesmo, Deus é que mandava, estava certo, talvez se calhar um dia o mestre ia lhe aumentar para ele mandar miúdo Beto na escola, mas também era assim a vida, se não lhe aumentassem, pronto, destino nasce com a pessoa, não somos nós que lhe fazemos e outras coisas ainda que ele costumava falar. Mário não ria, não gozava, nem gritava, não. Com devagar, voz quieta e segura, falava-lhe parecia era irmão: cada palavra ele estava julgar já muitos anos era verdade, o amigo mostrava-lhe a mentira escondida; cada coisa ele dizia ia fazer, Mário mostrava o perigo de querer fazer assim as acções sem pensar primeiro porquê, como vai fazer. E, com ele, Cardoso Kamukolo tinha um respeito grande, o companheiro serralheiro falava parecia era livro, cabeça dele estava sempre pensar bem, ou quando errava não tinha mesmo vergonha de confessar, queria era emendar logo, palavras dele traziam remédio em todas as confusões.

E, depois, o melhor mesmo: é que Mário não queria lhe obrigar a pensar como ele, não. Punha suas razões, mas ouvia sempre as conversas de Kamukolo com toda atenção e

Sospettava però che quel ragazzo non dicesse tutto quello che sapeva...

Le parole che usava, come se fosse il fratello maggiore, erano buoni consigli, ma piano piano, spiegando in modo che lui potesse capire bene, insegnandogli con pazienza, cacciando quelle abitudini antiche che continuavano a vivere nella sua testa, che la vita era la stessa, Dio comandava, ne era certo, forse un giorno il maestro gli avrebbe dato l'aumento per mandare il piccolo Beto a scuola, ma se non lo avesse fatto era la vita, il destino nasce con la persona, non siamo noi che lo costruiamo e altre cose delle quali era solito parlare. Mario non rideva, non scherzava, non gridava, no. Con voce lenta, calma e sicura, gli parlava come un fratello: ogni parola che credeva vera già da molti anni, l'amico gliene mostrava la bugia nascosta; a ogni cosa che diceva di voler fare, Mario mostrava il pericolo di voler compiere azioni senza pensare prima al perché, al come le avrebbe fatte. E, nei suoi confronti, Cardoso Kamukolo nutriva grande rispetto, il compagno fabbro parlava come un libro, la sua testa ragionava sempre bene, oppure, quando sbagliava, non si vergognava a confessarlo, voleva correggersi subito, le sue parole trovavano un rimedio a tutto il caos.

E poi, la cosa migliore è che Mario non voleva obbligarlo a pensare come lui, no. Esponeva le sue ragioni, ma ascoltava sempre le conversazioni di Kamukolo con tutta la sua

então -não esquecia mesmo nada-, bocado-bocado, partia-lhe essas manias dele, mostrando os erros, o que estava bem, o que estava mal.

Ninguém que podia zangar com esse homem, era bom sentir assim a sabedoria dele a ensinar quando falava, parecia a vida duma pessoa era cubata escura e as palavras dele a luz lá dentro.

Embrulhado nessas ideias quentes, Cardoso só ouviu o barulho atrás dele, já estava mesmo chegar no sítio que o alcatrão acaba e as barrocas começam a subir no Prenda.

No fundo da rua, entre as árvores que pareciam de mentira, no meio do cacimbo a cair outra vez, sentia-se o barulho de vozes de pessoas a falar alto, outras pessoas mesmo a gritar das varandas, crianças também a saltar os quintais, correr pela estrada, no caminho do lugar da confusão.

O sapateiro pensou o melhor, nesses dias, era não meter nessas confusões, confusão de branco, branco é que sabe, porque agora põem um tiro numa pessoa e ninguém que lhe leva na esquadra, nem nada. Mas quando decidiu o melhor era ainda continuar o caminho dele, é que viu sair do monte da confusão o monandengue que dera encontro a brincar no passeio.

O miúdo corria, na zuna, e atrás dele vinha um homem aos pontapés, insultando-lhe:
- Cabrão! Se t'apanho...

attenzione -non si dimenticava di niente- e, a poco a poco, spezzava quelle sue abitudini, mostrando gli errori, ciò che era giusto, ciò che era sbagliato.

Nessuno poteva arrabbiarsi con quell'uomo, era bello sentire il suo sapere insegnare mentre parlava, sembrava che la vita di una persona fosse una capanna scura e che le sue parole fossero la luce lì dentro.

Avvolto in quelle idee confortevoli, Cardoso sentì solo un rumore dietro di lui, era già quasi arrivato al punto in cui finisce l'asfalto e inizia l'argilla, salendo a Prenda.

In fondo alla strada, tra gli alberi che sembravano finti, tra la nebbia bassa che scendeva di nuovo, si sentiva il rumore di voci di persone che parlavano con toni alti, altre persone che invece gridavano dai balconi, anche i bambini che saltavano nei cortili, correvano lungo la strada, sul percorso del luogo della confusione.

Il calzolaio pensò che la cosa migliore, in quei giorni, fosse non mettersi in quella confusione, confusione da bianco, l'uomo bianco sa, perché ora sparano a una persona e nessuno li porta in questura, o altro. Ma quando decise che la cosa migliore era continuare per la sua strada, vide uscire da quella confusione il bambino che aveva incontrato mentre giocava sul marciapiede.

Il bambino correva, veloce, e dietro di lui un uomo che lo calciava, insultandolo:
- Canaglia! Se t'acchiappo...

O mona tinha esquivas, fingia que parava, o homem escorregava, mas isso não podia continuar, ele não ia arranjar mais fôlego para continuar, e outros homens já saíam dos quintais correndo ainda para ajudar a lhe agarrar.

Cardoso Kamukolo pensou ainda o que ia fazer, o perigo de meter na confusão, mas uma força dentro dele empurrou-lhe para salvar o mona.

Lá adiante, os homens já tinham-lhe agarrado, um, alto e gordo, punham-lhe socos na cabeça, no peito magro, nas orelhas e no meio das conversas todos a quererem bater, sentiam-se os gemidos de terror do mona, apanhando parecia era no meio da manada dos mabecos.

As mulheres, nos quintais, diziam esses cães dos negros não respeitam, vejam só um miúdo daqueles atirou a bomba de Carnaval no quintal e acordou o homem que estava descansar, se isso ia continuar assim onde íamos mesmo parar com a sem-vergonha desses cães, todos deviam mas é ser monos e outras coisas que faziam música estúpida à volta dos homens e os obrigavam a atirar mais pontapés no miúdo, rebolando na estrada. Foi aí que apareceu Cardoso Kamukolo.

O primeiro homem que lhe tapava no caminho ele puxou-lhe com a mão forte do seu corpo cambuta e grosso e afastou-lhe para segurar o mona chorando no chão. Apareceu assim

Il bambino li schivava, fingeva di fermarsi, l'uomo scivolava, ma non poteva continuare così, non avrebbe avuto più fiato per continuare, e altri uomini uscivano nei cortili correndo per aiutarlo a prenderlo.

Cardoso Kamukolo pensò ancora a ciò che avrebbe fatto, al pericolo di mettersi nella confusione, ma una forza dentro di lui lo spinse a salvare il ragazzo.

Lì davanti, gli uomini l'avevano già preso, uno, alto e grosso, lo prendeva a pugni in testa, sul petto magro, sulle orecchie e nel mezzo dei discorsi tutti lo volevano colpire, si sentivano i gemiti di terrore del bambino, i colpi, preso nel mezzo di quello che sembrava un branco di licaoni.

Le donne, nei cortili, dicevano che quei cani dei negri non hanno rispetto, avevano visto solo un bambino che aveva lanciato un petardo nel cortile, svegliando l'uomo che riposava, e se avessero continuato così dove saremmo finiti con la spudoratezza di quei cani, erano tutti scimmie e altre cose facevano musica stupida tra gli uomini, facendoli sentire in obbligo di tirare ancora più calci al bambino, che rotolava sulla strada.

In quel momento è apparve Cardoso Kamukolo.

Spinse il primo uomo che gli ostacolava il cammino, con la mano forte del suo piccolo corpo grosso, e lo allontanò per proteggere il bambino che piangeva per terra. Apparve così,

depressa, ninguém que contava, e todos ficaram ainda parados, burros, a olhar uns nos outros, as respirações a fazer um barulho mau no meio do cacimbo que continuava cair. Do quintal, junto ao passeio, furando as conversas, as raivas dos homens arreganhando à roda de Kamukolo com o mona nos braços, saiu então o grito afiado que ficou a se repetir em todas as paredes da rua:

- É um terrorista! Ai, meu Deus! É o Úcua, eu conheço...

E a mulher, vestida de luto, agarrava nos cabelos, batia na cara dela, chorava parecia estava maluca.

Como onda grande de calema crescendo desde longe, mas sem barulho nenhum, os homens apertaram a roda em volta de Cardoso, os olhos frios, quietos, pousados na cara dele e o sapateiro sentiu, em cima do frio do cacimbo teimoso a cair, o gelo do medo, a bexiga a querer rebentar, o cuspo a aparecer na boca, mas não largou o mona que segurava.

O pacote da ferramenta estava nos seus pés e o primeiro pontapé ele ainda esquivou, querendo mesmo tapar o corpo do monandengue das porradas que estavam a bater de toda a parte. As mãos fechadas e pesadas caíam na cabeça, nos olhos, em cima de todo o corpo e ele curvava-se mesmo, só pensando em tapar o miúdo.

Então a faca da sua ferramenta de sapateiro para biscate de domingo ardeu ainda uma vez,

velocemente, nessuno se lo aspettava, e tutti erano rimasti ancora fermi, stupidi, a guardarsi gli uni con gli altri, i respiri facevano un brutto rumore tra la nebbia che continuava a cadere. Dal cortile, vicino al marciapiede, l'avversione degli uomini che sghignazzavano attorno a Kamukolo con il bambino tra le braccia bloccò le conversazioni, e arrivò poi l'urlo acuto che si ripeté ai lati della strada:

- È un terrorista! Ah, Dio mio! È Úcua, lo conosco...

E la donna, vestita di lutto, si afferrò i capelli, si colpiva la testa, piangeva come se fosse pazza.

Come un'onda grande del mare che cresce da lontano, ma senza alcun rumore, gli uomini si avvicinarono attorno a Cardoso, gli occhi freddi, tranquilli, posati sul suo volto, e il calzolaio sentì, oltre al freddo ostinato della nebbia che cadeva, il gelo della paura, la vescica scoppiare, la saliva comparire in bocca, ma non lasciò il bambino che proteggeva.

Il pacchetto della ferramenta era ai suoi piedi e riuscì a schivare il primo calcio, volendo al contempo proteggere il corpo del ragazzino dalle mazzate che gli stavano giungendo da ogni lato. Le mani chiuse e pesanti gli piombavano sulla testa, sugli occhi, su tutto il corpo, e si era addirittura curvato, con il solo pensiero di proteggere il bambino.

Allora il coltello, tra i suoi attrezzi da calzolaio per il lavoretto della domenica, lo colpì una

duas vezes, três vezes nas luzes dos candeeiros agora acesos, mas que não podiam nada contra o cacimbo que chegou-lhe nos olhos, antes de lhes fechar com o peso desse sono grande que lhe atacava, e cair nessa noite cega de estrelas, negra, negra e longe, com o miúdo das brincadeiras escondido nos braços dele.

Ninguém que tinha mexido na esteira e quando vavô acabou ninguém que teve logo coragem de falar. Mamã estava na porta, o prato e o pano da louça sempre na mão, e toda a gente tinha posto cara séria. Vavô adiantou tossir para dar berrida nesses cazumbis do tempos do antigamente, fez festas nas cabeças sérias dos miúdos ainda respeitando a estória e falou a sabedoria dele:

- Pois é, meus netos! Como Cardoso Kamukolo, muitos irmãos morreram para não deixar matar os monandengues e fazer essa vida feliz que é a nossa... Aprendam as estórias bonitas dos animais da nossa terra, mas não esqueçam, no vosso coração, esse nome de Cardoso Kamukolo!

E fingiu para todos que a água que saía nos olhos dele era ainda do fumo do cachimbo. Quem sabe mesmo se aquele mona que lhe salvaram não era vavô?

(9-7-62)

volta, due volte, tre volte, tra le luci dei lampioni ora accesi, ma che non potevano fare niente con la nebbia che lo accecò, prima di spegnerlo in quel grande sonno che lo assaliva, facendolo cadere in quella notte priva di stelle, nera, nera e lontana, con il bambino dei giochi nascosto tra le sue braccia.

Nessuno si era mosso dalla stuoia e quando il nonno smise di parlare, nessuno aveva il coraggio di fiatare. Mamma era sulla porta, il piatto e lo strofinaccio sempre in mano, e tutti avevano una faccia seria. Il nonno si mise a tossire per smuovere quei fantasmi del passato, accarezzò le teste serie dei bambini che ancora rispettavano la storia, e fu la sua saggezza a parlare:

- Così è, nipoti miei! Come Cardoso Kamukolo, molti fratelli morirono per non far ammazzare i bambini e permetterci di vivere questa vita felice, che è la nostra... Imparate le belle storie degli animali della nostra terra, ma non dimenticate, nel vostro cuore, il nome di Cardoso Kamukolo!

E finse con tutti che l'acqua che gli usciva dagli occhi fosse dovuta al fumo della pipa. Chissà se quel ragazzo che era stato salvato non fosse proprio il nonno?

(9-7-62)

O FATO COMPLETO DE LUCAS MATESSO

I

O guarda prisional veio lhe avisar, um sorriso de mentira colado na cara, com gosma da informação no director:

- Chefe Reis, tenho uma boa novidade...

Os anos de serviço que já tinha davam mesmo direito a esse ar de segredo que adiantava pôr nas palavras. Sentou-se na cadeira, mesmo sem licença, e segredou:

- Sabe! Fez bem dar visita ao 16!

O chefe fechou os olhinhos, pareciam eram de rato, e um sorriso mau agarrou-lhe nos lábios descoloridos, sentindo já alguma coisa ia passar com esse sacana do Lucas João Matesso.

- Tudo correu às mil maravilhas. Cinco minutos prò gajo ver a mulher. Apesar de preta, é muito boa...

- Diga lá a novidade, carago! Está-me fazer água na boca!

O velho guarda prisional riu com a confiança desse chefe que podia mesmo ser ainda filho dele:

- Ora, quer saber?! No fim da visita os sacanas abraçaram-se para se despedirem e julgaram que eu não estava a ouvir. Ah, ah, ah! A mulher do gajo falou-lhe baixinho em mandar o fato completo!

IL COMPLETO DI LUCAS MATESSO

I

La guardia carceraria andò ad avvertirlo, un sorriso falso stampato in faccia, con il viscidume dell'informazione da dare al direttore:

- Capo Reis, ho una bella novità...

Gli anni di servizio trascorsi gli davano il diritto di avere quell'aria di mistero che esprimeva con le parole. Si sedette sulla sedia, senza chiedere il permesso, e confessò:

- Sa, ha fatto bene a visitare il 16!

Il capo chiuse gli occhi, sembravano quelli di un topo, e le labbra incolori si strinsero in un sorriso malvagio, sentendo già che sarebbe successo qualcosa con quel bastardo di Lucas João Matesso.

- È andato tutto meravigliosamente. Cinque minuti per far vedere la donna al ragazzo. Nonostante sia nera, è molto bella...

- Dimmi la novità, caspita! Ho l'acquolina in bocca!

La vecchia guardia carceraria rise per la confidenza di quel capo che sarebbe potuto essere addirittura suo figlio:

- Allora, lo vuole sapere?! Alla fine della visita i bastardi si sono abbracciati per salutarsi e pensavano che io non stessi ascoltando. Ah ah ah! La moglie del ragazzo gli ha parlato a bassa voce dicendogli che gli avrebbe fatto avere il completo!

- O fato completo?...

- Sim, chefe! Foi isso que a tipa disse!

-P'ra que raio quer esse gajo o fato completo com este calor? Ou o sacana pensa que o processo dele vai para tribunal?!

E riu tremendo os beiços finos e mostrando fila de dentes amarelos e pequeninos. Quando ria assim toda a cara dele ficava cheia de riscos que prendiam os olhos e lhe faziam parecer era puco do capim.

- Não sei, chefe. Mas ele insistiu e eu não quis deixar de lhe comunicar. Sabe, é o meu dever. Mas aquilo cheira-me a marosca da grossa! Pensei...

- Diga lá, Artur, diga lá!

- Talvez a gaja lhe queira mandar algum bilhete escondido...

O chefe pôs a cara séria e fez um gesto de agradecer, levantando-se e começando a passear com os passinhos curtos da pernas cambaias.

Esse preso já lhe estava dar muito trabalho, era uma chatice, com o inspector sempre a xingar-lhe e nada que conseguia. O bufô que tinha-lhe queixado jurava que o rapaz tinha ligação com o Kongo, mas em três meses de interrogatórios, porrada todas as vezes, dias sem comer e sem tratamento, nada que conseguira inda saber.

Os exames para subinspector estavam chegar e agora arrendia das palavras ao inspector, falando-lhe desse caso:

- Il completo?...

- Sì, capo! È proprio ciò che ha detto la tipa!

- Per quale ragione quel ragazzo vorrebbe il completo con questo caldo? O il bastardo pensa che il suo processo si faccia in tribunale?!

E rise, facendo vibrare le labbra sottili e mostrando la fila di denti piccoli e gialli. Quando rideva così, tutta la sua faccia si riempiva di solchi che gli intrappolavano gli occhi, facendolo sembrare un ratto di campagna.

- Non so, capo. Ma lui ha insistito e io non potevo non comunicarvelo. Sa, è il mio dovere. Ma questo mi puzza di tranello! Ho pensato...

- Dillo, Artur, dillo!

- Forse la ragazza gli voleva mandare un messaggio nascosto...

Il capo divenne serio e fece un gesto di apprezzamento, alzandosi e cominciando a camminare con passi corti per le gambe storte.

Quel prigioniero lo stava impegnando molto, era una seccatura, con l'ispettore che lo insultava sempre senza ottenere niente. Il delatore che l'aveva denunciato giurava che il ragazzo avesse un legame con il Congo, ma in tre mesi di interrogatori, usando sempre la violenza, giorni interi senza mangiare e senza cure, non era ancora riuscito a scoprire niente. Gli esami per diventare viceispettore si stavano avvicinando e ora si pentiva di ciò che aveva detto all'ispettore, parlandogli di quel caso:

- Penso, senhor inspector, que desta vez agarrámos uma ligação!

E sentia ainda nas costas a pancada de amigo do superior, esse gesto que ele só punha com muita consideração. E agora?

Os três meses tinham passados, experimentara ainda com esses autos arrancados de Lucas Matesso, inventara uma história que fingisse certa, mas só com uma leitura mesmo, o inspector tinha lhe virado as costas, zangado:

- Que diabo, Reis! Isto não tem pés nem cabeça! Aperte com o gajo. Esta coisa do outro que trabalha na mesma fábrica cheira a esturro. Insista, carramba!

- Senhor inspector... - tinha gaguejado, sentindo a cara ficar vermelha de vergonha e raiva – o gajo não tem sítio onde se lhe pegue. Estou à espera que recupere!...

Mas o inspector não quisera mais ouvir-lhe as desculpas que estava arranjar, a cabeça cheia desse exame que chegava e uma raiva a encher-lhe o peito curto, uma vontade de rebentar à porrada esse cão do Lucas Matesso, fazer-lhe confessar qualquer coisa, nem que fossem mentiras não fazia mal. Era preciso apresentar o processo ao inspector, era a sua fama, a sua carreira que estava ainda em perigo.

Por isso ri agora baixinho, satisfeito, esfregando as mãos contentes, engelhando a cara para esconder os olhinhos maus, pensando que sim, era agora que lhe caçava, esse tipo tinha esperado três meses e agora ia talvez

- Penso, signor ispettore, che questa volta abbiamo trovato una pista!

E sentiva ancora sulle spalle la pacca di amicizia del superiore, quel gesto che faceva solo a chi teneva in grande considerazione. E adesso? Erano passati tre mesi, aveva verificato anche quei verbali rilasciati da Lucas Matesso, aveva inventato una storia che sembrasse esatta, ma dopo una sola lettura l'ispettore gli aveva dato le spalle, arrabbiato:

- Che diavolo, Reis! Questo non ha né capo né coda! Metta alle strette il ragazzo. Questa cosa dell'altro che lavora nella stessa fabbrica sa di marcio. Insista, diamine!

- Signor ispettore... - balbettò, sentendo il viso diventare rosso di vergogna e di rabbia – il ragazzo non ha un posto dove lo si possa colpire. Sto aspettando che lo si riprenda!...

Ma l'ispettore non volle più sentire le scuse che stava trovando, la testa piena di quell'esame che stava arrivando e una rabbia gli riempì il piccolo busto, una volontà di pestare quel cane di Lucas Matesso, di fargli confessare qualsiasi cosa, anche se fossero state bugie, gli sarebbe andato bene. Era necessario presentare il processo all'ispettore, la sua fama e la sua carriera erano ancora in pericolo.

Per questo rise piano, soddisfatto, sfregandosi le mani contento, corrugando la fronte per nascondere gli occhietti malvagi, pensando che sì, ora gli dava la caccia, quel tipo aveva aspettato tre mesi e ora forse avrebbe ricevuto

receber algum recado. Já sentia o chicote a berrar em cima da pele do homem, os gritos, as desculpas que ele punha sempre, aquele prazer que lhe entrava no corpo quando acendia o cigarro e se encostava na cadeira para começar a ditar no ajudante:

-...declarou que...

Saiu no jardim. As flores coloridas e iguais dos lírios, as flores pequenas da buganvília branca, pareceram-lhe bonitas, ainda molhadas da água que o preso tinha lhes regado, as borboletas a voarem, o sol a bater e brilhar nas folhas verdes.

O guarda prisional estava tomar conta do preso que trabalhava de jardineiro e assustou-se quando sentiu a voz fingida, nas costas dele:

-Oiça, ó Artur! Daquilo, nem uma palavra a ninguém! Conta comigo homem, conta comigo! Se der o resultado que eu já estou a ver...

E afastou-se com o passinho miúdo e aos saltinhos como rato, os olhos outra vez encolhidos de alegria, as mãos fazendo festas no queixo, sonhando com esse dia de manhã em que ele ia mas é fazer um fato completo a chicote a esse sacana do Lucas João Matesso, da cela 16.

Na porta teve ainda uma ideia que lhe alegrou mesmo na cabeça. Voltou para trás e gritou para o guarda prisional feito estátua a tomar conta das flores do jardim:

- Ó Artur! Esse gajo da 16, hoje e amanhã nada de comida!

qualche messaggio. Sentiva già la frusta gridare sulla pelle dell'uomo, le urla, le scuse che lui usava sempre, quel piacere che gli entrava nel corpo quando accendeva una sigaretta e si appoggiava allo schienale della sedia per dettare all'aiutante:

-...ha dichiarato che...

Uscì in giardino. I fiori colorati e uguali ai gigli, i fiori piccoli della buganvillea bianca, gli sembravano belli, ancora bagnati dall'acqua con cui il prigioniero li aveva annaffiati, le farfalle che volavano, il sole che batteva e brillava sulle foglie verdi. La guardia carceraria si stava occupando del prigioniero che lavorava come giardiniere e si spaventò quando sentì la voce falsa, alle sue spalle:

- Ascolta, ehi Artur! Non dirlo a nessuno! Conta su di me, amico, conta su di me! Ci riuscirai, già me lo immagino...

E si allontanò con un passetto leggero e saltellando come un topo, gli occhi si strinsero di nuovo di gioia, le mani accarezzandosi il mento, sognando la mattina di quel giorno in cui lui avrebbe fatto un completo di frustate a quel bastardo di Lucas João Matesso, della cella 16.

Sulla porta gli venne anche un'idea che lo rese davvero felice. Si girò e gridò alla guardia carceraria, fermo, occupandosi dei fiori del giardino:

- Ehi, Artur! A quel ragazzo della 16, oggi e domani niente cibo!

E sai a assobiar.

E uscì fischiando.

II

Deitado de costas, os olhos viajando o tecto da cela, Lucas João Matesso, baralhado, pensava ainda nessa conversa do princípio da manhã e nada que conseguia perceber, nem uma palavra, nem uma ideia do que o chefe lhe queria.

Primeiro, o chefe chegou mesmo nas sete e meia, os guardas andavam mandar na limpeza, matabicho não tinham distribuído ainda e João Matesso ouviu-lhe bem, chamar com um riso satisfeito, logo na porta:

- Artur! Traga-me o 16!

Ficara tremer, pensava era ainda mais uma daquelas conversas com o chicote sempre nas costas, o cigarro a lhe queimar na orelha ou ainda chapadas das matubas.

Mas também não sentiu o ajudante do chefe e isso fez-lhe ir mais calmo, na frente do guarda. O chefe tinha-lhe recebido com esse riso bandido que ele conhecia-lhe de três meses ali, conversa todos os dias, porrada quase sempre. Só que, desta vez, o homem deu-lhe mesmo a cadeira para sentar.

- Então? Como é que vai isso, Matesso?

Não tinha respondido, burro com essas palavras, nos outros dias era só cão, negro e muitas mais asneiras a insultar-lhe, disparatando a família. Mesmo assim falou os casos da comida de ontem, nada que lhe deram para jantar nem almoçar.

- Oh, diabo! Estou farto de avisar o chefe do

II

Sdraiato sulla schiena, gli occhi fissi sul soffitto della cella, Lucas João Matesso, confuso, pensò ancora a quella conversazione di inizio mattinata e non ci capì nulla, nemmeno una parola, nemmeno un'idea di quello che voleva il capo.

Per prima cosa, il capo entrò alle sette e mezza, le guardie stavano dirigendo le pulizie, non avevano ancora distribuito la colazione e João Matesso lo sentì bene, quando lo chiamò con una risata soddisfatta, proprio sulla porta:

- Artur! Portami il 16!

Stava tremando, pensava fosse ancora una di quelle conversazioni con la frusta sempre sulla schiena, la sigaretta che gli bruciava l'orecchio o ancora schiaffi sulle palle.

Ma non sentì l'assistente del capo e questo lo calmò, davanti alla guardia.

Il capo lo aveva accolto con quella risata cattiva che gli riconosceva da tre mesi a quella parte, discorsi tutti i giorni, botte quasi sempre. Solo che, questa volta, l'uomo gli diede anche una sedia per sedersi.

- Allora? Come va, Matesso?

Non aveva risposto, stupito da quelle parole, gli altri giorni era solo cane, negro e molte altre offese per insultarlo, denigrando la famiglia. Tuttavia parlò della situazione del cibo del giorno prima, del fatto che non gli diedero niente per cena e nemmeno per pranzo.

- Oh, diavolo! Sono stanco di avvisare il capo

peçoal. Se calhar esqueceram-se. Mas eu vou já tratar disso. Sabes porque é que te chamei, desta vez?

Riu baixinho, fingindo amizade na voz. E começou contar o director não queria ainda lá inocentes na cadeia e outras conversas para desviar. Com esse truques todos chegou mesmo no fim, só para lhe convidar:

- Já sabes! Vais logo embora. Não é mal nenhum para ti. A polícia sabe muito bem que o gajo é que faz as confusões lá na TEXTANG. Assinas o auto e pronto! Vais-te embora! Dou-te minha palavra de honra!...

Tinha-lhe custado a aguentar a história que tinha arranjado. Nessa hora, com aquele fingimento da bondade dele, quase ia esquecer o chefe não sabia o nome e deixar mesmo escapar era o Domingos André, lá na fábrica. Mas dentro da cabeça alguma coisa avisou-lhe do perigo, aqueles olhos pequenos, escondidos, mal se viam, nunca ficavam bons mesmo quando o chefe punha aquelas palavras.

Disse que não, sua cara de matumbo, nosso chefe sabe bem, três meses que eu estou aqui, nosso chefe deu-me com a porrada todos os dias e nada que eu fiz, sei mesmo alguém que me queixou e, se eu não sei o nome do rapaz, nosso chefe quer lhe conhecer, é porque não sei quem é.

Num instante um brilho de zanga e raiva acendeu nos olhos do homem, mas depois, com essa bondade que tinha começado mesmo de manhã, acompanhou-lhe no guarda prisional

del personale. Forse si sono dimenticati. Ma ci penso io. Sai perché ti ho chiamato, questa volta?

Rise piano, fingendosi amichevole. E iniziò a raccontare che il direttore non voleva persone innocenti in prigione e altri discorsi per interessarlo. Con quel trucco arrivò dove voleva, solo per chiedergli:

- Lo sai già! Te ne andrai presto. A te non va male. La polizia sa molto bene che è il ragazzo a creare guai lì nella TEXTANG. Firma il verbale ed è fatta! Te ne vai! Ti dò la mia parola d'onore!...

Gli era costato sostenere la storia che aveva preparato. In quel momento, con quella sua falsa bontà, si stava quasi dimenticando che il capo non sapeva il nome e si stava lasciando scappare che si trattava di Domingos André, lì nella fabbrica. Ma nella sua testa, qualcosa lo avvisò del pericolo, quegli occhi piccoli, nascosti, si vedevano appena, non erano buoni, nemmeno quando il capo disse quelle parole. Disse di no, con un'espressione da ignorante, lei capo lo sa bene, sono tre mesi che sto qui, il capo mi ha picchiato ogni giorno anche se non ho fatto niente, e so anche che qualcuno mi ha denunciato e, se io non dico il nome del ragazzo che il nostro capo vuole conoscere, è perché io non so chi è.

In un attimo, un luccichio di fastidio e rabbia si accese negli occhi dell'uomo, ma poi, con la stessa bontà con cui aveva iniziato la mattina, lo accompagnò dalla guardia carceraria perché

para lhe trazerem na cela outra vez. E sempre com sorriso, segurando-lhe no ombro, falou muito sério no guarda:

- Ó Artur! Hoje dê dois pães no matabicho, aí ao Lucas!

Tinha-lhe agradecido, fome era muita, depois o corpo com essas pancadas de sempre já não estava mais gordo, custava-lhe aguentar esse bicho da falta de comida a roer na barriga.

Mas o que espantava ainda mais, agora que olhava no tecto onde passeava a osga à procura de mosquitos, era essa pergunta que lhe tinha deixado baralhado, já mesmo o guarda tinha aberto a porta do corredor. Chefe Reis estava ainda atrás dele a pensar e, assim à-toa, rápido, até custou-lhe a perceber as palavras, perguntou:

- Ouve lá? Mandaste vir hoje o teu fato?

Olhou-lhe bem nos olhos, outra vez aquele sorriso mau, de cobra, e, mesmo sem Lucas Matesso falar nada, virou-lhe as costas e adiantou ir embora.

Mas o quê ele queria ainda falar com essas conversas do fato? Dava voltas e voltas na cabeça e não podia se lembrar de nada. Era preciso cuidado, esse homem estava preparar mesmo ratoeira de lhe apanhar.

Toda a esperteza tinha que estar ainda com atenção, não podia deixar agora estragar esse serviço de três meses que aguentara.

Domingos não lhe apanhavam, já tinha ido

lo portassero in cella un'altra volta. E sempre con il sorriso, con la mano sulla spalla, si rivolse molto seriamente alla guardia:

- Ehi, Artur! Oggi dà due panini a colazione, lì a Lucas!

Lo aveva apprezzato, la fame era molta, inoltre il corpo con quelle legnate quotidiane non aveva più grasso, era difficile per lui sopportare quell'animale che ruggiva nella sua pancia per la mancanza di cibo.

Ma quello che lo stupiva ancora di più, ora che osservava il tetto dove passeggiava il gecko alla ricerca di insetti, era quella domanda che l'aveva confuso, proprio quando la guardia aveva già aperto la porta del corridoio. Il Capo Reis era ancora dietro di lui a pensare e così, dal nulla, gli chiese velocemente, così veloce che gli fu difficile capire le parole:

- Senti un po', ti sei fatto portare oggi il tuo abito?

Lo fissò bene negli occhi, ancora una volta quel sorriso malvagio, da serpe, e, anche se Lucas Matesso non disse niente, gli diede le spalle e se ne andò.

Ma a cosa alludeva ancora con quei discorsi sull'abito? Giravano e rigiravano nella sua testa e non riusciva a ricordarsi di niente. Era necessario stare attenti, quell'uomo stava preparando una trappola per topi per catturarlo.

Tutta la scaltrezza doveva essere usata con attenzione, non poteva smettere ora e rovinare quel lavoro che sosteneva da tre mesi.

Domingos non lo avrebbero catturato, era già

mesmo no Kongo, mas no serviço tinha lá mais bons rapazes e ele não podia lhe trazer nesse inferno de porrada, de fome, de insultos e torturas.

Isso de fato, era o quê então? A cabeça estava quente de pensar, cadavez mesmo era fome, o matabicho não tinham-lhe dado, percebia bem era mentira do chefe, estava só a querer lhe desanimar nesse dia. O corpo ficou pequeno de frio, o medo lhe correu ainda no sangue quando pensou talvez mesmo estava-se preparar para lhe deixar morto com as pancadas. Medroso não era, mas, cada vez que sentia o chicote de cavalo-marinho na pele, cortava-lhe mesmo lá dentro.

E pensou Maria ia vir hoje com a roupa dele, como era costume, sextas de manhã, e uma alegria lhe agarrou no coração com a lembrança da visita desse dia de ontem, pouco tempo era verdade no fim de três meses, mas boa, para ver ainda a companheira que lhe esperava lá fora com a coragem dela de trabalhar ainda para os três monandengues que tinha.

E, com esse pensamento, em que se via já regressar na cubata, alegria dos monas a lhe abraçarem, a pedir talvez para contar essa prisão que mamã tinha-lhes falado, os olhos começaram a querer se fechar com a fome, a barriga mesmo a refilar sem comida e sentindo já o barulho das pessoas em monte, lá fora, para entregar a roupa, começou dormir.

andato in Congo, ma a servizio c'erano altri bravi ragazzi e lui non poteva portarli in quell'inferno di mazzate, di fame, di insulti e torture.

Quella storia dell'abito, di cosa si trattava allora? La testa era surriscaldata a furia di pensare, forse era anche per la fame, non gli avevano dato la colazione, sapeva che erano bugie del capo, quel giorno stava solo cercando di scoraggiarlo. Il corpo si rimpicciolì dal freddo, la paura gli scorre nelle vene quando pensò che forse si stava preparando per ammazzarlo di botte. Non aveva paura ma, ogni volta che sentiva il colpo della frusta sulla pelle, era come se lo tagliasse dentro.

E pensò che Maria sarebbe venuta quello stesso giorno con i suoi vestiti, come al solito, il venerdì mattina, e gli si strinse il cuore per la gioia al ricordo della visita del giorno precedente, per poco tempo era vero, dopo tre mesi, ma era stato bello, anche solo vedere la compagna che lo aspettava lì fuori con il suo coraggio di lavorare per mantenere i loro tre bambini.

E con quel pensiero, in cui si vedeva già tornare alla capanna, abbracciato dall'allegria dei bambini, che forse gli avrebbero chiesto di raccontare di quella prigionia di cui la mamma aveva loro parlato, iniziarono a chiudersi gli occhi per la fame, la pancia faceva sentire la mancanza di cibo, e sentendo già il rumore della marea di gente lì fuori a consegnare i vestiti, iniziò a dormire.

Era sexta-feira e os guardas andavam depressa, abrindo e fechando o portão, fazendo a chamada com voz zangada, recebendo e entregando as roupas bem revistadas mesmo pelo chefe dos guardas que gostava este serviço.

Chefe Reis já estava ali ao lado do velho, apreciando essa técnica do homem a apalpar com depressa todos os sítios ele pensava podia ir ou vir lá bilhetes ou outras coisas ainda.

- Então, Artur?

- Nada, chefe! Até agora nada. Calma! Eu passo isto a pente fino...

Gargalhou ainda essas palavras dele e o chefe acompanhou-lhe. No chão de cimento o homem tinha espalhado todas as roupas limpas Lucas Matesso ia receber nessa manhã e, com devagar, parecia estava ainda sentado na mesa a escolher ou a provar a boa comida, apalpava com todo o cuidado a roupa velha e remendada do operário.

- Mas não veio o fato?

- Não, chefe! Veio comida, dessa comida que esses gajos comem, com aquela porcaria do azeite amarelo, e esta roupa! Claro, aquilo era truque combinado...

E continuou rir, satisfeito. Os dedos grossos e amarelos do tabaco seguravam as cuecas, procuravam mesmo na braguilha, sem encontrar ainda nada, atiravam no monte onde já estavam as peúgas abertas e as camisolas amarrotadas.

Chefe Reis, sentado na borda do passeio, sentia

Era venerdì e le guardie camminavano di fretta, aprendo e chiudendo il portone, facendo la chiamata con voce arrabbiata, ricevendo e consegnando i vestiti ben esaminati dal capo delle guardie in persona, a cui piaceva questo lavoro.

Il capo Reis era già accanto al vecchio, apprezzando la tecnica veloce di perquisizione dell'uomo in tutti i posti in cui pensava di poter trovare biglietti o altro qui e là.

- Allora, Artur?

- Niente, capo! Finora niente. Calma! Passo questo a setaccio...

Rise a quelle sue parole e il capo lo asseconò. Sul pavimento di cemento l'uomo aveva sparso tutti i vestiti puliti che Lucas Matesso avrebbe ricevuto quella mattina e, lentamente, come se fosse seduto a tavola a scegliere o a provare del buon cibo, perquisiva con la massima attenzione i vestiti vecchi e rattoppati dell'operaio.

- Ma non è arrivato il completo?

- No, capo! È arrivato cibo, quel cibo che quei ragazzi mangiano, con quella porcheria dell'olio giallo, e questi vestiti! Chiaro, quello era un accordo combinato...

E continuò a ridere, soddisfatto. Le dita grosse e gialle di tabacco tenevano le mutande, cercavano perfino nella patta, senza trovare niente, li lanciavano nella montagna dove già c'erano i calzini spaiati e le camice spiegazzate.

Il capo Reis, seduto sul bordo del marciapiede,

a paciência sair embora. Se não lhe apanhasse esse bilhete nesse dia, ia ser uma grande confusão para desculpar no inspector, sempre a xingar-lhe no telefone.

Mas ele pagava-lhe, ai se pagava! E ia sonhando esse bilhete de que tinha gosma, que ia trazer muitas vezes o nome do outro, do Kongo.

Já mais calado, a alegria do riso e do assobio tinha lhe fugido na roupa a se amontoar sem encontrar ainda nada, o chefe dos guardas desdobrava o lençol, apalpava nas bainhas, mirava, revirava-lhe bem na luz do sol, cadavez podiam ter escrito a lápis, e nada que descobria.

Agarrou, raivoso, no lençol, amachucou-lhe nas mãos, arrumou no monte e, com dedos já a tremer e o suor a aparecer, pequeno cacimbo na testa careca, segurou o pijama.

Ora isso, pijama era mesmo o fato que vinha ali!

Encheu-se com a última coragem que sobrava da dúvida de não encontrar e conseguiu rir no chefe:

- Ora, agora é que vai aparecer! É o único fato completo que há aqui...

Os dedos procuraram devagar nos bolsos, no colarinho, nas bainhas, e, cada vez que as mãos não sentiam nada, as rugas da testa iam ficando mais fundas, pareciam eram rios pequenos onde corria a água do suor.

Irritado, começou a rasgar o colarinho e meteu lá os dedos, tirando para fora o pano que servia

sentí la pazienza svanire. Se non avesse trovato quel biglietto quello stesso giorno, sarebbe stato un gran casino chiedere scusa all'ispettore, che lo malediceva sempre al telefono. Ma lui la pagava, eccome se la pagava! E sognava quel biglietto che bramava, che l'avrebbe condotto al nome dell'altro, del Congo.

Già più silenzioso, l'allegria della risata e del fischietto gli era mancata con l'ammassarsi dei vestiti senza trovare niente, il capo delle guardie stendeva il lenzuolo, ne palpava gli orli, osservava, lo rigirava bene alla luce del sole, avrebbero potuto scrivere a matita, ma non trovava niente.

Prese con rabbia il lenzuolo, lo schiacciò tra le mani, lo buttò sulla montagna e, con le dita già tremanti e il sudore che spuntava, piccole goccioline sulla fronte calva, prese il pigiama. Ora, il pigiama era proprio il completo che doveva arrivare lì!

Si riempì dell'ultimo coraggio che gli restava per il dubbio di non trovare niente, e riuscì a ridere rivolto al capo:

- Ora, adesso comparirà! È l'unico completo che c'è qui...

Le dita cercarono lentamente nelle tasche, nel colletto, negli orli e, ogni volta che le mani non sentivano nulla, le rughe della fronte diventavano sempre più fonde, sembravano fiumiciattoli in cui scorreva l'acqua del sudore. Irritato, iniziò a strappare il bavero e a metterci dentro le dita, tirando fuori il panno che

de reforço, rasgando-lhe também.

- O cão aldrabou-nos, Artur!

- Não, chefe! Deixe que eu encontro...

Mas bem lá no fundo dele um medo de dúvida estava aparecer e se não ia encontrar mesmo o bilhete ia ser um grande azar.

Nessa hora em que estava precisar ainda uma boa informação no director, tudo ia se estragar, não podia ser...

O suor escorregava, grosso e quente, para dentro da camisa larga, os dedos atrapalhados procuravam na calça do pijama, dentro do cordão de lhe amarrar, na bainha, embrulhando, baralhando já as pernas da calça, sem saber mais onde era uma, onde era outra, e então, enquanto na frente dos olhos dele aparecia assim a derrota, essa vergonha, ouviu o riso mau do chefe nas costas dele e a voz que todos conheciam e tinham medo ali na prisão, a gozar-lhe:

- Você foi parvo, Artur! Comeram-no!...

Isso ele não admitia, essas palavras. Mesmo que era um chefe não fazia mal, podia ainda ser pai dele, um garoto assim a lhe falar. Mas, quando levantou a cabeça para refilar, os olhos pequenos e maus pareciam duas brasas lá no fundo da cara, e os beiços finos estavam arreganhados num sorriso na hora que falou, batendo bem as palavras, cada uma a dizer mesmo o que ele queria para envergonhar o velho:

- Foi burro, Artur. E eu a acreditar! Vá-me

fungeva da rinforzo, strappandolo.

- Il cane ci ha imbrogliati, Artur!

- No, capo! Lasci che lo trovo...

Ma nel suo inconscio stava comparando la paura del dubbio e se non avesse trovato proprio il biglietto, sarebbe stata una grande disgrazia.

Nel momento in cui aveva bisogno di dare una buona informazione al direttore, tutto si stava rovinando, non poteva essere...

Il sudore scivolava, denso e caldo, dentro alla camicia larga, le dita intorpidite cercavano nei pantaloni del pigiama, dentro al cordone per stringerli, nell'orlo, avvolgendoli, tastando anche le gambe dei pantaloni, senza sapere più dove fosse una, dove fosse l'altra, e poi, mentre nei suoi occhi appariva così la sconfitta, quella vergogna, sentì la risata malvagia del capo alle sue spalle e la voce che tutti conoscevano e della quale avevano paura lì, nella prigione, a sgridarlo:

- Sei stato stupido, Artur! L'hanno mangiato!...

Lui non le ammetteva, quelle parole. Anche se era un capo, non importava, poteva anche essere suo padre, un ragazzo come lui a parlargli così. Ma, quando alzò la testa per rispondere, gli occhi erano piccoli e cattivi come due braci là in fondo alla faccia, e le labbra fine erano curvate in un sorriso nel momento in cui parlò per far vergognare il vecchio, scandendo bene le parole:

- Sei stato un somaro, Artur. E io a crederti! Vai

buscar esse filho da mãe!

O chefe dos guardas rasgou, às tiras, o pijama que se embrulhava teimoso nos seus braços velhos e cabeludos, enquanto, com o seu andar curto e cambaio, o chefe afastava na direcção do quarto dos interrogatórios, rindo para dentro dele, satisfeito com o que ia fazer.

a prendere quel figlio di puttana!

Il capo delle guardie strappò a brandelli il pigiama che si ingarbugliava accanito fra le sue braccia vecchie e pelose, mentre, con il suo passo corto e zoppo, il capo si allontanava verso la stanza degli interrogatori, ridendo dentro di sé, soddisfatto per ciò che avrebbe fatto.

III

Ainda nem tinha dado um passo no gabinete, estava a olhar o chefe a sorrir bondoso, quando o chicote lhe apanhou num rio de fogo do pescoço até nos rins, colando a camisa velha na pele.

Lucas Matesso, apanhado assim à toa, gritou, cobrindo a cara com as mãos, já sabia o ajudante do chefe ia lhe bater mesmo na cabeça como era mania dele. O riso de mabeco do homem misturou-se nesse fogo de jindungo na pele e, na cara dele, o chefe estava-lhe já a berrar:

- Tudo! Tudo! Quero tudo! Hoje não é como as outras vezes!

E o chicote atirava-se para lhe apanhar nas costas, na frente, torcendo-lhe o corpo que ele queria ainda fazer ficar direito, quieto, e abrindo a boca que ele queria mesmo fechada, calada, sem uma palavra de perdão para esse homens, três meses ali e sempre com a pancada no corpo, na cabeça, parecia a vida deles não sabia mais nada, só bater, só arrear.

O ajudante ria e levantava o braço gordo bem alto para deixar cair com força o grosso chicote que punha um barulho diferente nessa manhã bonita.

Chamados pelos gritos do preso, os cães correram e adiantaram ladrar-lhe, trazendo mais confusão nos pés que arrastavam no cimento, no barulho da cadeira a cair com

III

Non aveva ancora fatto un passo verso l'ufficio, stava guardando il capo che sorrideva gentile, quando la frusta lo colpì in un fiume di fuoco dal collo ai reni, incollando la vecchia camicia sulla pelle.

Lucas Matesso, preso così alla sprovvista, urlò, coprendo il volto con le mani, sapendo già che l'aiutante del capo lo avrebbe picchiato sulla testa come d'abitudine. La risata folle dell'uomo si mescolò a quel peperoncino infuocato sulla pelle e, in faccia, il capo gli stava già urlando:

- Tutto! Tutto! Voglio tutto! Oggi non è come le altre volte!

E la frusta si scagliò per colpirlo sulle spalle, sul petto, facendogli curvare il corpo che lui avrebbe voluto tenere ancora dritto, tranquillo, e aprendo la bocca che avrebbe invece voluto chiusa, zitta, senza alcuna parola di perdono per quegli uomini, tre mesi lì e sempre con i colpi sul corpo, sulla testa, sembrava che la loro vita non valesse più nulla, solo percosse, solo sconfitta.

L'aiutante rideva e alzava in alto il grosso braccio, per lasciar cadere con forza la grossa frusta che faceva un rumore diverso in quella bella mattina.

Attratti dalle urla del prigioniero, i cani corsero e iniziarono ad abbaiargli contro, aggiungendosi alla confusione dei piedi che si trascinarono sul cemento, del rumore della

Lucas Matesso batendo com a cabeça no chão, o chicote sempre a arrear-lhe e então, quando ia mesmo falar, perdão, para ver ainda se o chefe parava, a voz rouca e má entrou-lhe nas orelhas:

-Pronto! Ó Adão! Um balde de água!

A água estava fria, era boa assim em cima do fogo a doer nas costas, a queimar, e um princípio de calma invadiu-lhe para lhe lembrar essa hora agora era perigosa, tinha de aguentar bem...

- Levanta-te! Quem é o gajo? Anda, fala depressa!

- Não conheço, nosso chefe! Já falei não conheço...

- Schcht! Cala-te! Quem é o gajo da fábrica, depressa!

O ajudante chegou-se, mansinho, mabeco de olhos a luzir com aquela carne assim de borla, balançando e fazendo gemer o chicote.

Lucas Matesso tinha aguentado esses dias todos dos três meses, mas, mesmo com essa porrada de todas as vezes, o medo era ainda igual do primeiro dia, nada que ele conseguia para os olhos não mirarem esse mexer de surucucu que tem o chicote, para não sentir ainda o cortar da pele, parecia estava sempre a ouvir-lhe nas orelhas, para segurar o cuspo grosso que engolia e parar esse tremer de caniço que lhe enchia no corpo.

Mas não tinha também medo, sabia bem o que

sedia che cadeva con sopra Lucas Matesso, che batté la testa sul pavimento, la frusta che continuava a colpirlo e poi, quando stava davvero per parlare, perdono, per vedere se il capo si fermava, la voce roca e cattiva gli entrò nelle orecchie:

- Ehi! Ehi Adão! Un secchio d'acqua!

L'acqua era fredda, ed era un tale sollievo sopra al fuoco che gli doleva sulla schiena, ardeva, e un inizio di calma lo invase per ricordargli che quel momento era pericoloso, doveva stare ben attento...

- Alzati! Chi è il ragazzo? Avanti, parla veloce!

- Non lo conosco, capo! L'ho già detto, non lo conosco...

- Ssssh! Stai zitto! Chi è il ragazzo della fabbrica, veloce!

L'aiutante si avvicinò, docilmente, con gli occhi brillanti come quelli di un licaone davanti a della carne gratuita, dondolando e facendo schioccare la frusta.

Lucas Matesso aveva sopportato ogni giorno di quei tre mesi, ma, nonostante venisse picchiato tutte le volte, la paura era sempre uguale al primo giorno, non poteva fare niente per fare in modo che i suoi occhi non vedessero quel movimento della frusta, simile a una vipera, per non sentire ancora i tagli sulla pelle, gli sembrava di sentirli sempre in testa, per trattenere tutta la saliva che ingoiava e smettere con quegli spasmi che gli riempivano il corpo. Ma non aveva nemmeno paura, sapeva bene

custa é quando está assim só a ver, logo que o chicote cai e dói e continuam bater, pronto: o resto do medo foge com a pancada, só a dor fica a crescer, e essa anulava-lhe bem.

Não, nem que lhe matassem ainda, o chefe não ia saber o nome do homem...

- Quero tudo! Hoje! Senão mato-te, cão, mato-te!

A voz entrava na orelha inchada, e nos olhos apareceu essa cara pequena, cheia de riscos, de olhos de bicho do capim, escondidos no fundo dos buracos, e então a voz dele, nem lhe conheceu mesmo, falou só:

- Juro, nosso chefe! Não lhe conheço... Isso tudo são mentiras. Me queixaram, eu sei, nada que eu tenho...

Nem acabou falar. O chefe cuspiu-lhe mesmo na cara, mas nem teve tempo de limpar o cuspo amarelo.

O ajudante já tinha-lhe puxado no braço, o corpo leve bateu na parede, voltou parecia era bola de borracha e uma roda de fogo grande como o sol lá fora encheu-lhe em baixo da barriga, trepou-lhe nos olhos que se abriam tanto como a boca a querer comer o ar, o ar que não entrava, com essa dor de agulha do pontapé tinha-lhe posto nas matubas.

Os olhos torceram, da garganta o que saiu era mesmo urro, fala de animal ferido na mata, e o corpo dele, magro e seco, comido na fome, amachucado com as pancadas de sempre, não conseguia ficar de pé, mesmo que ele queria.

quello che gli sarebbe successo anche solo guardando, non appena la frusta cade e fa male, e loro continuano a battere, ecco: il resto della paura fugge con il colpo, rimane solo il dolore che cresce, e che la annullava per bene.

No, che lo ammazzassero pure, il capo non avrebbe saputo il nome dell'uomo...

- Voglio tutto! Oggi! Altrimenti ti ammazzo, cane, ti ammazzo!

La voce entrava nell'orecchio gonfio, e negli occhi apparse quel viso piccolo, pieno di graffi, con gli occhi di un animale sperduto nascosto in fondo alla sua tana, e poi la sua voce, non la riconobbe nemmeno, ha solo detto:

- Lo giuro, capo! Non lo conosco... Sono tutte menzogne. Mi hanno denunciato, lo so, ma non ho niente...

Non finì nemmeno di parlare. Il capo gli sputò proprio in faccia, ma lui non ebbe nemmeno il tempo per pulire la saliva gialla.

L'aiutante gli tirò subito il braccio, il corpo fragile sbatté contro la parete, rimbalzando come fosse una palla di gomma, e una ruota di fuoco, grande come il sole lì fuori, lo riemì nel basso ventre, arrampicandosi sugli occhi che si aprirono così come la bocca che voleva nutrirsi d'aria, aria che non entrava, con quel dolore acuto del calcio sulle palle.

Gli occhi si torsero, dalla gola gli salì un vero e proprio ruggito, il verso di un animale ferito nella boscaglia, e il suo corpo, magro e secco, mangiato dalla fame, schiacciato dai colpi di sempre, non riusciva a reggersi in piedi, anche

Por cima dele o riso do chefe e do ajudante faziam uma mistura maluca com o ladrar dos cães e o barulho da água no balde que lhe molhou por todos os lados.

Dos beiços inchados, um fio de sangue saía, mexendo-se diante dos olhos abertos, por cima do cimento vermelho do chão. Um vômito grande encolheu-lhe a barriga, mas nada que tinha comido nesses dias e só uma água verde saiu a se misturar no sangue, no suor, na água do balde.

Assim estendido, aguentando as dores dos pontapés que as botas do ajudante lhe punham nas costas, nas pernas, no peito mesmo, os olhos não queriam deixar ainda de olhar essa água diferente, de três cores, a correr, a correr...

E era o Lukala que ele via, o rio da terra mijando a água boa nas lavras. O Lukala descendo, vagaroso e seguro, sem medo, já depois do salto do Duque de Bragança, a correr para se deitar em cima das águas do mais-velho Kuanza e, de mão dada, seguirem os dois na direcção

do mar. Essa figura assim, das águas do rio e dos capins dos lados a dançar no vento, os dendéns pendurados nas palmeiras, as lavras verdes de milho e mandioca, deram berrida nas dores, não sentia mais o chicote outra vez a bater e as palavras que o chefe punha, cada vez maiores, parecia ele mesmo é que estava a levar com pancada.

se lo voleva.

Sopra di lui, la risata del capo e dell'aiutante si mescolavano in modo folle con il latrato dei cani e il rumore dell'acqua nel secchio che lo bagnò ovunque.

Dalle labbra gonfie, uscì un filo di sangue, che si mescolava davanti agli occhi aperti, sul cemento rosso per terra. Un forte conato di vomito gli contrasse la pancia, ma non aveva mangiato niente in quei giorni e uscì solo un'acqua verde mescolata al sangue, al sudore, all'acqua del secchio.

Così disteso, sopportando i dolori dei calci che l'aiutante gli aveva tirato con i suoi stivali sulle spalle, sulle gambe, perfino sul petto, gli occhi non riuscivano a smettere di guardare quell'acqua diversa, di tre colori, che correva, correva...

E vide il Lukala, il fiume della sua terra che piscia acqua buona sui campi arati. Il Lukala scendendo, lento e sicuro, senza paura, ben oltre il salto del Duca di Braganza, a scorrere per stendersi sopra alle acque del più antico Cuanza e, di pari passo, proseguire con lui verso il mare.

Così quell'immagine, delle acque del fiume e dell'erba ai lati che danza nel vento, i frutti che pendono dalle palme, le terre verdi di mais e manioca, gli diedero sollievo dai dolori, non sentiva più la frusta continuare a sbattere e nemmeno le parole che il capo diceva, sempre più forti, come se fosse lui stesso a prendere i colpi.

- O bilhete! Quero o bilhete!...

Mas qual bilhete, então? Nunca tinha-lhe falado uma conversa de bilhete e agora mesmo, desde que começara, era só isso que ele queria saber ainda, eram essas palavras, o ajudante também gritava com a sua voz de bode, não percebia nada.

- Não sei, nosso chefe! Não sei! Perdoa!
Essas palavras estavam sair já com o hábito, era sempre isso ele dizia desde o princípio quando lhe deram encontro na fábrica e lhe trouxeram ali na prisão.

Mas os homens não desistiam, gritavam dentro das orelhas dele, o ajudante não parava de bater e Lucas Matesso queria mesmo se lembrar, gostava ainda saber o que era essa conversa do bilhete, mas nada que lembrava mesmo, só as palavras do chefe, as chicotadas do ajudante, berros:

- O fato completo! O fato, onde vem o bilhete!
Então a dor foi mesmo mais grande, fogo como do pontapé das matubas, do princípio.

Todo o corpo não quis mais se defender, força para aguentar os braços e defender ainda a cabeça não tinha só, olhos inchados já, nada, ninguém que ele via bem naquela hora, nas orelhas um zunir de muitos mosquitos atropelava essas palavras do chefe, mistério também para ele:

- O bilhete! O bilhete do fato! Quero saber!

Sentiu outra vez o gosto amargo dessa água

- Il biglietto! Voglio il biglietto!

Ma quale biglietto, poi? Non avevano mai parlato di biglietti e proprio adesso, da quando aveva iniziato, era solo questo che voleva ancora sapere, erano quelle parole, anche l'aiutante gridava con la sua voce da capra, non capiva niente.

- Non lo so, capo! Non lo so! Perdonami!
Quelle parole gli erano già uscite per l'abitudine, era ciò che lui aveva detto fin dall'inizio, quando lo incontrarono alla fabbrica e lo portarono lì in prigione.

Ma gli uomini non mollavano, gli urlavano contro, l'aiutante non smetteva di colpire e Lucas Matesso avrebbe voluto ricordare, avrebbe voluto sapere cosa fosse quella conversazione sul biglietto, ma non si ricordava proprio di niente, solo le parole del capo, le frustate dell'aiutante, le urla:

- Il completo! Il completo, dove c'è il biglietto!
Poi il dolore è diventato più forte, fuoco come il calcio sulle palle, all'inizio.

Tutto il corpo non volle più difendersi, lui non ebbe più la forza per fare resistenza con le braccia e difendere ancora la testa, e gli occhi, già gonfi, niente, in quel momento non distingueva più nessuno, nelle orecchie aveva il ronzio di molte zanzare che confondeva con le parole del capo, che erano un mistero anche per lui:

- Il biglietto! Il biglietto del completo! Voglio sapere!

Sentì un'altra volta il gusto amaro di

verde que saiu no vomitar, as estrelas de todas as noites escuras dançavam na frente da cara, na cara do ajudante a rir com a boca toda aberta, e caiu com barulho de saco vazio em cima do cimento do chão.

Lá fora, nos jardins, as borboletas e os pássaros não paravam de passear, pondo beijos nas flores, e o vento da manhã assobiava pequeno nas folhas dos mamoeiros que queiram espreitar por cima de muros. O chefe agarrou no balde da água e despejou outra vez na cabeça ensanguentada, no corpo rasgado de Lucas Matesso.

- Filho da mãe! O gajo já não aguenta nada! Fica para logo! Já é quase meio-dia!

O suor corria-lhe no peito curto e adiantou tirar os óculos para lhes limpar. O ajudante arrumou o chicote no canto do quarto, voltou, pôs ainda um pontapé na barriga do preso.

Lucas Matesso mexeu, estava mesmo acordar nessa hora, sono pequeno e pesado a pancada tinha-lhe dado, e os olhos não queriam mais se abrir bem, ficaram ainda baralhados a ver as biqueiras dos sapatos do ajudante diante dele.

Em todo o corpo o sangue levava jindungo, parecia era um bando de marimbondos estava-lhe comer na carne, e o zunir desses bichos nas orelhas não deixava-lhe ouvir nada que o chefe falava no guarda. Na cabeça dele, grande e inchada parecia era abóbora, essas palavras do fato completo, do bilhete, não aceitavam sair, nem mesmo quando o sol carrasco continuou-

quell'acqua verde che uscì dal vomito, le stelle di tutte le notti scure ora danzavano davanti a lui, sul viso dell'aiutante che rideva con la bocca aperta, e cadde con il rumore di un sacco vuoto sopra al cemento del pavimento.

Lì fuori, nei giardini, le farfalle e i passerotti non smettevano di svolazzare, baciando i fiori, e il vento della mattina fischiava piano tra le foglie degli alberi di papaia che volevano sbirciare oltre ai muri. Il capo prese il secchio d'acqua e lo svuotò un'alta volta sulla testa insanguinata e sul corpo lacerato di Lucas Matesso.

- Figlio di puttana! Il ragazzo non ce la fa più! Proviamoci più tardi! È già quasi mezzogiorno!

Il sudore gli scorreva sul petto corto e si tolse gli occhiali per pulirli. L'aiutante sistemò la frusta in un angolo della stanza, si girò, diede un altro calcio sulla pancia del prigioniero.

Lucas Matesso si mosse, in quel momento si stava quasi svegliando, la botta lo aveva fatto cadere in un breve sonno pesante, e gli occhi non volevano più ad aprirsi del tutto, erano ancora confusi nel vedere le punte degli stivali dell'aiutante davanti a lui.

Il sangue lo bagnava in tutto il corpo, sembrava ci fossero un branco di calabroni a mangiargli la carne, e il ronzio di quegli insetti nelle orecchie non gli permetteva di sentire nulla di ciò che il capo diceva alla guardia. Nella sua testa, grande e gonfia come una zucca, quelle parole sull'abito, sul biglietto, non volevano lasciarlo, nemmeno quando il sole tiranno

lhe bater no corpo cheio de sangue e lhe carregaram, sempre com socos e pontapés, na cela dele.

Dentro da cela o silêncio encheu-lhe, grande e grosso, a cor suja de sangue das paredes dançou na sua frente e só teve tempo de estender mesmo as mãos para se agarrar quando lhe atiraram na cama.

Nessa hora então, as lágrimas que tinha aguentado lá no gabinete correram, quentes e salgadas, por cima das feridas da cara, levando os olhos tapados, dançando-lhe no corpo com um correr macio e sentiu a companheira nessa visita de ontem, com a alegria dela antiga guardada nos olhos que lhe miravam e a voz doce como azeite-palma que lhe tinha falado, que lhe tinha segredado essa coisa boa...

Não! Não podia ser mesmo verdade, destino de uma pessoa não pode arranjar essas história assim, tudo era mentira, mentira só. Mas, no chão sujo da cela, o monte de roupa dele, essa roupa Maria tinha lhe lavado e engomado com o gosto de todos os dias, não deixava mais mentir nele mesmo, nem que quera.

Tudo amarrotado, torcido, e mesmo o pijama estava ainda em bocados e esses trapos assim desrespeitados falavam era verdade isso que a lembrança das palavras da companheira tinha trazido nessa hora mesmo.

Estendeu a mão, devagar, o corpo a tremer com a dor e a pele a rebentar cada vez que mexia, o sangue a se colar na roupa, na direção das

persisteva nel battergli sul corpo pieno di sangue e lo portarono, sempre con stivali e calci, nella sua cella.

Dentro alla cella il silenzio lo assalì, grande e pesante, il colore delle pareti sporche di sangue danzò davanti a lui, e riuscì solo a stendere le mani per aggrapparsi quando lo lanciarono sul letto.

Poi, in quel momento, le lacrime che aveva represso lì nell'ufficio uscirono, caldi e salate, sopra alle ferite del volto, arrivando agli occhi ostruiti, danzandogli sul corpo con uno scorrere delicato e sentì la compagna nella visita del giorno prima, con la sua antica allegria racchiusa negli occhi che lo guardavano e la voce dolce come olio di palma che gli aveva parlato, che gli aveva confidato quella bella cosa...

No! Non poteva essere vero, il destino di una persona non si può sistemare con quelle storie così, erano tutte bugie, solo bugie. Ma, sul pavimento sporco della cella, con la sua montagna di vestiti, quei vestiti che Maria gli aveva lavato e stirato con il piacere di sempre, non si permetteva più di mentire a sé stesso, nemmeno lo voleva. Tutto sgualcito, storto, così come il pigiama fatto a brandelli, e quegli stracci così maltrattati, rappresentavano veramente quanto il ricordo delle parole della compagna aveva suscitato in quel momento.

Allungò la mano, lentamente, il corpo tremava dal dolore e la pelle scoppiava ogni volta che si muoveva, il sangue colava sui vestiti, verso le

pequenas panelas encostadas na parede, junto com essa roupa estragada. Levantou só, com jeito, a tampa, a gozar ainda essa surpresa boa ele já sabia ia mesmo suceder.

A dor era muita a pisar-lhe em todo o corpo, três meses de castigos e fome, pancadas e conversas, tinham-lhe custado aguentar ficar calado com o nome de Domingos. Mas, nessa hora, olhando a luz amarela do azeite-palma no fundo da panelinha, a dor fugiu, voou, as lágrimas era só água sem raiva que tinha bebido no Lukala, o jindungo do doer das feridas era ainda esse jindungo vermelhinho que lhe mirava das costas do peixe.

O amarelinho doce do azeite-palma estava a rir para ele com esses dentes todos do feijão bem cozido e quase esborrachado pela colher de pau, Maria sabia fazer tão bem, nessa panela de barro onde lhe cozera.

E tinha ainda o peixe para lhe juntar, as bananas mesmo, embrulhadas no papel, tudo como ele gostava, essa boa comida do povo que a companheira cozinhava, sabia ainda arranjar como ninguém. Essa comida de feijão de azeite-palma com peixe de azeite-palma, a banana e tudo, que toda a gente nos musseques tem só a mania de chamar “de fato completo”. A gargalhada grande como as chuvas de Abril engrossando mais os rios cantou na garganta dele, encheu a cela de alegria, fugiu no postigo, pelos arames da rede, entrou maluca nos gabinetes onde os irmãos aguentavam as

piccole pentole a ridosso della parete, vicino ai vestiti strappati. Alzò solo, di scatto, il coperchio per godere ancora di quella buona sorpresa che già conosceva.

Il dolore era forte e lo colpiva in tutto il corpo, tre mesi di punizioni e fame, conversazioni e colpi, era il prezzo da pagare per non svelare il nome di Domingos. Ma in quel momento, guardando la luce gialla dell'olio di palma sul fondo della padella, il dolore scappò, volò, le lacrime erano solo acqua senza la rabbia che aveva assimilato con il Lukala, il peperoncino del dolore delle ferite era ancora quel peperoncino rossastro che lo osservava dal dorso del pesce.

Il giallino dolce dell'olio di palma stava ridendo di lui, con quei denti tutti simili a fagioli ben cotti e quasi schiacciati dal cucchiaino di legno, Maria sapeva cucinare così bene, in quella padella di argilla in cui li aveva cotti. E aveva aggiunto anche il pesce, pure le banane, avvolte nella carta, tutto come piaceva a lui, quel buon cibo del popolo che la compagna cucinava, lo preparava come nessuno. Quel cibo di fagioli con olio di palma, con pesce con olio di palma, la banana e tutto il resto, che tutte le persone nei bassifondi hanno l'uso di chiamare “di completo”.

La risata forte, come le piogge di aprile che ingrossavano i fiumi, cantò nella sua gola, riempì la cella di allegria, uscì dalla finestrella, tra le sbarre di ferro, entrò pazza negli uffici dove i fratelli subivano violenze e torture, zitti i

pancadas e torturas, calou os pássaros no jardim e, com um salto, voou por cima dos muros da prisão, correndo livre pelas areias de todos os musseques da nossa terra de Luanda.

(13-7-62)

passerotti nel giardino e, con un balzo, volò sopra alle mura della prigione, correndo libera lungo le spiagge di tutti i bassifondi della nostra terra di Luanda.

(13-07-62)

O EXEMPLO DE JOB HAMUKUAJA

Para Godfrey Nangonja

Vou pôr a história de Job Hamukuaja, do povo Cuanhama, e do seu companheiro Mário João.

Na hora em que o primeiro trovão se escangalhou em cima da cidade, parecia eram telhas partidas, e a chuva grossa começou cair, pondo rios pequenos que engrossavam, logo a correr noutros maiores até formar águas barrentas pelas avenidas de alcatrão, Mário João encolheu-se todo, mas não sabia bem se era ainda o gritar do amigo, no outro lado da parede.

O grito de bicho ferido trepou depois por cima de todos os barulhos do céu e da água boa e quente a correr as areias do jardim.

Mais uma vez, desde essa hora da manhã, o corpo dele se torcia com terror, sempre que sentia o bater do grosso chicote no corpo do homem.

Não lhe tinha visto ainda, mas na cabeça dele sentiu era mesmo o cuanhama.

Nenhuma pessoa que ele conhecia podia ainda gritar assim pouco, o chicote batia com técnica, segundo a segundo, as costas berravam parecia ngoma, só de vez em quando a pancada chegava mais tapada, de bater na cabeça, na cara ou noutro sítio de fazer menos barulho.

L'ESEMPIO DI JOB KAMUKUAJA

Per Godfrey Nangonja

Racconterò la storia di Job Hamukuaja, del popolo Kwanyama, e del suo compagno Mário João.

Nel momento in cui il primo tuono si abbatté sulla città, con un rumore di piastrelle rotte, e la pioggia grossa iniziò a cadere, creando dei rigagnoli che si ingrossavano, scorrendo veloci verso altri maggiori fino a formare acque argillose lungo i viali di catrame, Mário João si nascose, ma non sapeva se a gridare fosse ancora l'amico, dall'altro lato della parete.

Il grido da animale ferito superò poi tutti i rumori del cielo e dell'acqua buona e calda che correva sulla sabbia del giardino.

Ancora una volta, da quel momento del mattino, il suo corpo si contraeva terrorizzato, ogni volta che sentiva lo schiocco della grossa frusta sul corpo dell'uomo.

Non lo vide nemmeno, ma in lui sentiva che si trattava proprio del Kwanyama.

Nessuna persona di sua conoscenza avrebbe potuto gridare così poco, la frusta schioccava con tecnica, secondo dopo secondo, la schiena suonava come un tamburo, solo a tratti il colpo arrivava più ovattato, sbattendo sulla testa, sul viso o in un altro posto in cui faceva meno rumore.

Mário João nada que podia pensar mais, nessa hora. Dentro dele não tinha mesmo nada e depois ainda essa chuva, essa água boa que lá fora lavava as folhas dos paus, dentro dele se misturava na vergonha e fazia é uma lama que sentia trepar, crescer, lhe tapar na máscara de medo que se agarrava na cara dele desde aquela hora da manhã, quando foram lhe buscar.

As lágrimas que chorava nessa cobardia estavam sujas, traziam barro de vergonha, de arrependimento: nem uma hora, nada que aguentara, o chefe ameaçava-lhe, o chicote grosso parecia era bengala de brinquedo na mão do ajudante e não lhe largou mais, nada que o salvou.

Bateu com as mãos fechadas na parede, maluco, querendo ainda calar os gritos, os barulhos das chicotadas no amigo torturado, do outro lado da parede.

E a vergonha punha-lhe um medo grande, diferente do medo do chicote. Era o medo dessa hora quando ia encontrar com os olhos bons e largos do amigo que tinha queixado. Mas como podia aguentar então? Onde estava o cuanhama a agarrar essa força para insultar mesmo no chefe, falar com a voz grossa dele, fazendo pouco no chicote, na palmatória, na porrada?

- Podem-me matar, cobardes! Não falo nada, isso é mentira! Chamam-lhe para ele confirmar ainda, na minha frente?

Mário João non riuscì a pensare ad altro, in quel momento. Dentro di lui non aveva nulla, e poi quella pioggia, quell'acqua buona che lavava le foglie degli alberi lì fuori, dentro di lui si mescolava con la vergogna ed era come fango che sentiva inerpinarsi, crescere, tappargli la maschera di paura che gli si era formata in faccia da quando, in quel momento del mattino, lo catturarono.

Le lacrime che versava in quella codardia erano sporche, avevano l'aspetto della vergogna, del pentimento: neppure un'ora, non sopportava niente, il capo lo minacciava, la grossa frusta sembrava fosse un bastone giocattolo nelle mani dell'aiutante che non la lasciava più andare, niente lo aveva salvato.

Diede un pugno alla parete, pazzo, volendo solo zittire le grida, i rumori delle frustrate all'amico torturato, dall'altro lato della parete.

E la vergogna gli aveva messo una grande paura, diversa dalla paura della frusta. Era la paura del momento in cui avrebbe incontrato gli occhi buoni e grandi dell'amico che aveva denunciato. Ma come li avrebbe potuti sopportare poi? Dov'era il kwanyama che si aggrappava a quella forza per insultare anche il capo, parlare con la sua voce grossa, ignorando la frusta, la ferula, i colpi?

- Potete ammazzarmi, vigliacchi! Non dirò niente, è una bugia! Chiamatelo per farlo confermare allora, davanti a me?

O riso a fazer pouco, do ajudante, o riso mau do chefe dizia-lhe nas orelhas, Mário João já tinha falado tudo, tudo, falara mesmo que era ele, ele, Job Hamukuaja quem tinha entregado o pacote com os panfletos para distribuir na “industrial”, mas nem assim uma palavra que saía na boca do rapaz. Repetia, junto com as pancadas que não lhe largavam no corpo magro e alto:

- Tragam-lhe para ele confirmar! É mentira dele!

Essa prisão no coração, a dor que cada palavra do amigo punha no peito dele, essa coragem dele que estava aguentar, metia-lhe ainda vergonha, raiva, medo também.

Tinha sido de manhã, cedo ainda, adiantara sair com mentira na mãe, o capim molhado do cacimbo da noite brilhava com um sol teimoso que não queria aparecer o cuanhama lá estavam debaixo do pau, encostado na praça velha como tinham-lhe avisado.

Só olharam nos olhos um do outro, o cuanhama alto, magro, um pequeno bigode em cima do beijo esticado na frente e uns olhos grandes, cheios de água como os rios largos que correm na terra do seu povo, estendeu a mão:

- O Kilu⁸⁵...

- ...Kalunga⁸⁶! - tinha-lhe respondido.

Tirou em baixo do casaco de fardo, o pacote. Riram nos olhos um do outro e foi mesmo ele quem adiantou despedir logo:

La risata beffarda dell'aiutante, la risata cattiva del capo che gli diceva all'orecchio, Mário João ha detto tutto, tutto, ha detto anche che era lui, lui, Job Hamukuaja chi ha consegnato il pacco con i volantini da distribuire nella città, ma nemmeno così usciva una parola dalla bocca del ragazzo. Ripeteva, assieme ai colpi che non mollavano il corpo alto e magro:

- Portatemelo per farlo confermare! È una bugia!

Quella prigionia nel cuore, il dolore che ogni parola dell'amico gli metteva nel petto, quel suo coraggio di chi stava resistendo, lo facevano vergognare, arrabbiare, anche spaventare.

Era successo di mattina, ancora presto, riuscì a uscire dicendo una bugia alla madre, l'erba bagnata dalla rugiada della notte brillava con il sole ostinato che non voleva che l'uomo kwanyama apparisse lì, sotto al palo, accanto alla vecchia piazza come d'accordo.

Si guardarono solamente negli occhi, l'uomo kwanyama era alto, magro, un baffetto sopra al labbro teso in avanti e due occhi grandi, pieni di acqua come i grandi fiumi che scorrono nella terra del suo popolo, tese la mano:

- O Kilu...

- ... Kalunga! - gli ha risposto.

Tirò fuori il pacchetto, da sotto al cappotto. Risero guardandosi negli occhi e fu proprio lui a salutarlo subito:

85 “O sono...” na língua do Job Hamukuaja, ou seja a língua do povo kwanyama.

86 “...é como a morte!”

- Gostava de falar-te, companheiro! Mas um dia na nossa terra livre a gente vai falar então. Adeus!

A cara se abriu num riso quente de amizade crescida nesse bocado mesmo, quando o pequeno pacote, um instante só ficou a ligar duas mãos diferentes, nessa manhã de cacimbo. E mesmo quando seguia já no capim, caminho do Terra-Nova, e se virou para fazer ainda um adeus com a mão, Mário João sentiu no vento umas palavras compridas que não percebeu bem, só a música da língua ficou a tocar nas orelhas, e os olhos do cuanhama, virados para trás, é que mostraram que eram palavras de coragem para a luta.

Junto com a chuva, com esse cair irritante dos pingos no chão molhado, essa música das palavras que não lembrava mais, pôs uma luta contra o tremer do corpo, os olhos espetados na frente, quando o ajudante começou a arrear e o chefe, pequenino e raquítico, saltou na frente dele esfregando as mãos e rindo:

- Isto agora é tempo de guerra! Tudo, tudo! Quero saber quem te entregou os papéis! Não julgues que por seres branco não te corto à porrada!

Mário João aguentava outra vez as pancadas nos barulhos tapados pela parede que lhe separava do amigo do outro lado, onde o zunir do chicote cantava a sua cantiga de tortura. Já não se sentia mais falar, nem uma palavra, só de vez em quando o chefe berrava insultos

- Vorrei parlare con te, compagno! Ma arriverà il giorno, nella nostra terra libera, in cui parleremo. Addio!

Il viso si aprì in una risata calda di amicizia, cresciuta proprio in quell'istante, quando il piccolo pacchetto, per un solo momento, ha collegato due mani diverse, in quella mattina di piovgerella. E proprio quando seguiva la strada per Terra-Nova camminando sull'erba, e si girò per dire addio con la mano, Mário João sentì nel vento delle lunghe parole che non capì bene, gli giunse alle orecchie solo la musica della lingua, e gli occhi del kwanyama girati dall'altra parte, gli fecero capire che erano parole d'incoraggiamento per la lotta.

Insieme alla pioggia, con quel cadere irritante delle gocce sul pavimento bagnato, quella musica delle parole che non ricordava più, ingaggiò una lotta contro il tremore del corpo, gli occhi fissi in avanti, quando l'aiutante iniziò a picchiarlo e il capo, piccolo e rachitico, gli è balzato davanti sfregandosi le mani e ridendo:

- Questo ora è tempo di guerra! Tutto, tutto! Voglio sapere chi ti ha dato i fogli! Non pensare che non ti riempia di botte solo perché sei bianco!

Mário João sopportò un'altra volta i colpi che udì attraverso il muro che lo separava dall'amico dall'altro lato, dove il fischio della frusta cantava il suo canto di tortura. Non si sentì più parlare, neanche una parola, solo ogni tanto il capo urlava insulti o

ou ainda ouvia-se o corpo do homem cair, bater nas paredes, nas cadeiras, gemer um pouco.

Nessas horas mordida mesmo as mãos, os dedos, as lágrimas grandes e quentes saíam, de vergonha, escondiam no peito cabeludo e ele queria mesmo esquecer, apagar essa cobardia da manhã, falando a correr, medroso, lázaro, com satisfação do chefe a gozar as palavras dele:

- Foi o Job Hamukuaja, que mora no Terra-Nova!

Quando essas palavras queixaram, uma paz encheu-lhe na cabeça, o corpo encolheu ainda como estava fazer habituado com medo sempre do chicote e só o riso satisfeito do ajudante nas costas dele, lhe cresceu a raiva, começou encher essa paz de mentira, logo a correr para lhe destruir nos pensamentos, essas ideias que não lhe largavam mais: era um traidor, era um bufo.

Atirado sozinho dentro daquele quarto, o sangue das costas a colar na camisa, ainda quis se aldrabar, pensou talvez ia ter sorte, o rapaz já tinha fugido na terra dele ou então não iam mesmo dar-lhe encontro nesse musseque de confusão.

E também não podia esquecer aquela fala do chefe, satisfeito, quando lhe adiantara:

- Ah! Então é o Job! O sacana anda outra vez metido em sarilhos... Mas desta vez não escapa!

Lá fora a chuva começava agora cair, fininha e

addirittura si sentiva il corpo dell'uomo cadere, sbattere sulle pareti, sulle sedie, gemere un po'.

In quei momenti si mordeva anche le mani, le dita, le lacrime uscivano grandi e calde, di vergogna, si nascondevano nel petto peloso e lui voleva dimenticare, cancellare quella codardia del mattino, parlando veloce, timoroso, sventurato, con la soddisfazione del capo che godeva delle sue parole:

- È stato Job Hamukuaja, che vive in Terra-Nova!

Quando quelle parole lo denunciarono, una pace gli riempì la testa, il corpo si ritrasse addirittura, com'era abituato, con la paura costante della frusta e solo la risata soddisfatta dell'aiutante alle sue spalle, gli crebbe la rabbia, iniziò a riempire quella pace di bugie, proprio per distruggere i suoi pensieri, quelle idee che non lo lasciavano più: era un traditore, era un delatore.

Scagliato da solo dentro a quella stanza, con il sangue delle spalle che si appiccicava alla camicia, voleva imbrogliarsi, pensò che forse avrebbe avuto fortuna, il ragazzo era già fuggito nella sua terra oppure non lo avrebbero nemmeno trovato in quel *musseque* caotico.

E non poteva nemmeno dimenticare quella frase del capo, soddisfatto, quando aggiunse:

- Ah! Quindi è Job! Il mascalzone si è messo nei guai un'altra volta... Ma questa volta non scappa!

Lì fuori la pioggia cominciava a cadere, sottile

leve, e só os pingos grossos do telhado faziam barulho no passeio de cimento.

No gabinete ao lado a pancada tinha parado. Por algum tempo mesmo, Mário João sentiu a conversa de vozes baixas, o ajudante a rir, o chefe a contar os casos noutra pessoa, falando com respeito, e, depois, um silêncio mais grande tapou tudo.

Nem uma máquina de escrever se ouvia, o barulho da chuva a cair parecia era de mentira, longe, tinha um gemer pequeno nas orelhas de Mário João ou era só a cabeça dele a inventar assim, nessa fala de barulho?

Aquele vazio que lhe atacara amarrou-lhe outra vez, sentiu mesmo os olhos a abrir, colados na porta do gabinete, o coração a saltar, bater com força, o cuspo a ficar amargo e, sem querer ainda, começou levantar, as dores nas costas feridas a lembrar-lhe outra vez o chicote.

Com força, o pontapé abriu a porta, o corpo gordo e grande do ajudante apareceu-lhe de repente, a rir, mostrando o chicote:

- Vamos!

O chefe tinha a cara metida naquele papel azul que tinha-lhe feito assinar logo de manhã e nem levantou mesmo a cabeça. Então, nessa hora, os olhos de Mário João ficaram quietos, abertos de terror, mirando Job Hamukuaja.

O cuanhama estava encostado na parede a olhar-lhe.

A cara dele não se conhecia mesmo o que era

e leggera, e solo le grosse gocce sul tetto facevano rumore, dal marciapiede di cemento.

Nell'ufficio accanto, i colpi si erano fermati. Per un po', Mário João sentì la conversazione a bassa voce, l'aiutante che rideva, il capo che raccontava quello che era successo a un'altra persona, parlando rispettosamente, e poi un silenzio più grande ha ostruito tutto.

Non si sentiva nemmeno una macchina da scrivere, il rumore della pioggia che cadeva sembrava finto, lontano, Mário João sentiva un piccolo lamento, o era solo la sua testa a inventarlo così, in quei discorsi fatti di rumore?

Quel vuoto che lo assalì lo legò di nuovo, sentì persino gli occhi aprirsi, incollati alla porta dell'ufficio, il cuore che saltellava, batteva con forza, la saliva diventava amara e, senza nemmeno volerlo, iniziò ad alzarsi, i dolori sulle spalle ferite gli ricordarono di nuovo la frusta.

Con forza, il calcio aprì la porta, il corpo grande e grosso dell'aiutante apparse all'improvviso, ridendo, mostrando la frusta:

- Andiamo!

Il capo aveva la faccia su quel foglio azzurro che gli aveva fatto firmare la mattina presto, e non alzò nemmeno la testa. Poi, in quel momento, gli occhi di Mário João erano fermi, spalancati dal terrore, guardando Job Hamukuaja.

Il kwanyama era appoggiato alla parete, a guardarlo.

Nel suo volto, non si capiva nemmeno quale

nariz, o que era beiços, tudo parecia tinham-lhe puxado na mesma altura, não tinha buracos, não tinha feições, não era cara de pessoa.

Os olhos queriam furar no meio do inchado, lá do fundo, e um fio de sangue escorregava no canto do beiços e punha uma nódoa pequena na camisa.

Mário João se encolheu, a pele a picar, arrepio de frio e medo segurou-lhe no corpo todo e os olhos passaram depressa no corpo ensanguentado e inchado de Job e pousaram no chicote que brincava no pulso do ajudante, nos olhos frios do chefe raquítico, a mirar-lhe, sem palavras.

Mas não podia mesmo fugir, nada, nem que quera, os olhos dele não obedeciam.

Ficavam pretos naquela confusão de pele cortada, de sangue e suor que ele adivinhava era cara do amigo, tinha de ser, ninguém mais que ele conhecia usava aqueles olhos que, mesmo escondidos, enterrados à porrada no fundo dos buracos inchados, ele via cheios de água, pareciam eram os rios da terra dele. O chefe já estava perguntar:

- Anda lá, Mário! Diz, para esse gajo ouvir, que recebeste o pacote com os panfletos...

E um riso satisfeito abraçou estas palavras, os olhos dele pousaram em Job e insultou-lhe baixinho:

- Filho de puta! Já vais ver se falas ou não!

fosse il naso, quali le labbra, sembrava tutto allo stesso livello, non aveva buchi, non aveva lineamenti, non era il volto di una persona.

Gli occhi lo vollero fissare in mezzo al gonfiore, lì in fondo, e un filo di sangue scorreva ai lati della bocca, creando una piccola macchia sulla camicia.

Mário João si ritrasse, la pelle ferita, un brivido di freddo e paura lo colpì in tutto il corpo e gli occhi sono passati velocemente dal corpo insanguinato e gonfio di Job, posandosi poi sulla frusta con cui giocherellava l'aiutante, sugli occhi freddi del capo rachitico, a guardarlo, senza parole.

Ma non poteva nemmeno fuggire, niente, nemmeno se l'avesse voluto, i suoi occhi non obbedivano.

Erano occhi neri in quella confusione di pelle tagliata, di sangue e sudore che lui immaginava fosse la faccia dell'amico, doveva esserlo, nessuno di sua conoscenza aveva quegli occhi che, anche se nascosti, sotterrati dai colpi in fondo ai buchi gonfi, lui vedeva pieni di acqua, sembravano i fiumi della sua terra. Il capo gli stava già chiedendo:

- Andiamo, Mário! Dillo, in modo che questo ragazzo senta, che hai ricevuto il pacco di volantini...

E una risata soddisfatta abbracciò queste parole, i suoi occhi si posarono su Job e lo insultò sotto voce:

- Figlio di puttana! Ora vedrai se parli o no!

Então, nessa hora, Mário João percebeu que tinha mesmo que escolher. Tinha que escolher no meio das lembranças dessa manhã de cacimbo quando sentiu a amizade naquele receber dos papéis; tinha de escolher ainda no meio das dores, das humilhações, das porradas de cavalo-marinho que lhe queimava na pele; e a vergonha, o desprezo que lhe mordía no coração parecia era cão raivoso; e essa lama que lhe tapava mesmo na cara, agora que os olhos não podiam fugir, desamarrar, voar da cara de Job, onde lhe prendiam, parecia era alçapão de gaiola.

Olhou-lhe então com mais cuidado. O cunhama punha toda a força para levantar, devagar, encostando as mãos, rebentadas e sangrentas da palmatória, na parede e os dedos deixaram o desenho deles. O corpo comprido começava a desenrolar-se do novelo que tinham-lhe feito, a cabeça inchada a querer ficar sempre direita, as pernas espancadas a esticarem os músculos para pôr de pé o peso do corpo. Como pau grande das matas, devagar, o corpo de Job Hamukuaja trepou e ficou a olhar, de cima da sua altura de homem cunhama, todas as pessoas ali, do fundo dos olhos inchados dele.

Depois, parando o olhar na cara de Mário João, os beiços rebentados se abriram com dor na boca cheia de sangue e falou com amizade:

- Não confesses, companheiro!

Poi, in quel momento, Mário João capì che avrebbe dovuto scegliere. Avrebbe dovuto scegliere tra i ricordi di quella mattina di pioggia in cui percepi l'amicizia in quel gesto di ricevere i fogli; avrebbe dovuto scegliere anche nel mezzo del dolore, delle umiliazioni, dei colpi di frusta che gli bruciavano sulla pelle; e la vergogna, il disprezzo che gli mordeva il cuore come fosse un cane rabbioso; e anche quella melma che gli copriva il viso, ora che gli occhi non potevano più scappare, staccarsi, volare dal volto di Job, dov'erano intrappolati, tanto che sembravano le sbarre di una gabbia. Poi lo guardò più attentamente. Il kwanyama usò tutta la forza per alzarsi, piano, appoggiando le mani, distrutte e insanguinate dalla ferula, sulla parete dove le dita lasciavano il loro disegno. Il lungo corpo iniziò a distendersi dal gomito in cui l'avevano ridotto, la testa gonfia voleva rimanere sempre dritta, le gambe bastonate stendevano i muscoli per far stare in piedi il peso del corpo. Come il forte legno del bosco, lentamente, il corpo di Job Hamukuaja si drizzò e rimase a guardare, dalla cima della sua altezza di uomo kwanyama, tutte le persone che erano lì, dal fondo dei suoi occhi gonfi.

Poi, fermando lo sguardo sul viso di Mário João, le labbra massacrate si aprirono con dolore, la bocca piena di sangue, e parlò con amicizia:

- Non confessare, compagno!

O chefe saltou como onça e o soco apanhou-lhe em cheio no peito. Job Hamukuaja repetiu-lhe outra vez:

- Não confessa, Mário! Aguenta, companheiro. É assim a nossa luta...

O ajudante correu para o chicote descansado no canto, mas a voz rouca e grossa do cunhama nada podia-lhe tapar. Virado no chefe pequeno e fraco, gritou-lhe:

- Não fala comigo! Você na minha terra, ninguém que lhe deixava falar. Com essa altura no Cuanhama, não fala junto com os homens...

Pôs a cara inchada nos olhos de Mário João e tornou-lhe ensinar:

- Nega, companheiro! Nega e vamos aguentar! Podem-nos matar, não faz mal, companheiro. Somos milhões na nossa terra! Nossa luta é justa!

Mas não acabou as palavras todas que queria lhe dar.

O chicote apanhou-lhe nos dentes, pelos olhos, na cabeça outra vez, se enrolou no pescoço, e o chefe, aos saltos com a palmatória de pneu, lhe arreava nos rins.

Mário João saltou para defender o amigo, insultando, nem sabia mesmo o que sucedia dentro dele. O vazio, o medo, o terror das pancadas tudo tinha fugido, só os olhos esquivados do companheiro lhe iluminavam no camininho.

O ajudante agarrou-lhe, forte e bruto, e atirou-lhe no canto. Bateu com a cabeça na parede e

Il capo saltò come un giaguaro e il pugno lo prese in pieno sul petto. Job Hamukuaja gli ripeté un'altra volta:

- Non confessare, Mário! Resisti, compagno. È così la nostra lotta...

L'aiutante corse verso la frusta appoggiata all'angolo, ma la voce roca e grossa del kwanyama non poteva essere zittita. Girato verso il capo piccolo e debole, gli urlò:

- Non parlare con me! Tu, nella mia terra, nessuno ti avrebbe lasciato parlare. Con quell'altezza, nel Kwanyama, non parli con gli uomini...

Spostò il viso gonfio negli occhi di Mário João e ha ricominciò a insegnare:

- Nega, compagno! Nega e resistiamo! Possono ucciderci, non importa, compagno. Siamo milioni nella nostra terra! La nostra lotta è giusta!

Ma non riuscì a finire di dire tutto quello che avrebbe voluto trasmettergli.

La frusta lo colpì sui denti, sugli occhi, ancora una volta sulla testa, si attorcigliò al collo e il capo, balzando con la ferula di gomma, lo avvolse alle reni.

Mário João fece un salto per difendere l'amico, insultandoli, non sapeva nemmeno lui cosa gli stesse succedendo. Il vuoto, la paura, il terrore delle frustate, scomparve tutto, solo gli occhi schivi del compagno gli illuminavano il cammino.

L'aiutante lo afferrò, forte e bruto, e lo buttò all'angolo. Sbatté la testa sulla parete e, per un

durante algum tempo tudo se misturou no fogo que lhe abraçou: a chuva lá fora; a manhã de cacimbo; as pancadas no amigo; as palavras de coragem e sabedoria. Devagar começou se levantar adivinhando o chefe de pé a olhar o corpo dele, fraco por fora, mas agora forte lá dentro, e, deitado em cima da barriga, estendeu a cabeça e espreitou no jardim.

O ajudante arrastava, sempre com as pancadas, Job Hamukuaja, no meio das flores. A camisa rasgada tinha ficado no chão e o sangue, escorrendo nas costas, punha uma mancha negra nas calças.

Só que, no vento molhado da chuva que tinha caído, a música dessas palavras da manhã de cacimbo, as palavras que Job Hamukuaja tinha lhe falado já de longe, chegaram, a cantar, nas orelhas de Mário João, ouviu cada letra, sentiu cada palavra, invadiu-lhe a frase e, mesmo sem perceber o que diziam, guardou dentro dele para aquecer no frio que ia sofrer a seguir, o falar do companheiro de luta, Job Hamukuaja:

- Kala nengono, kaume kange!⁸⁷

Eram essas as palavras. O que falavam na língua do povo dele, não sabia bem, mas adivinhava que eram de coragem para ele, da amizade que só nasce e cresce na luta para o bem de todos.

O chefe ajudou-lhe levantar, fingindo, e então, enquanto esperava o ajudante, falou-lhe, rindo

po', tutto si mescolò con il fuoco che lo avvolse: la pioggia lì fuori; la mattina di nebbia; i colpi all'amico; le parole di coraggio e saggezza. Iniziò ad alzarsi lentamente, immaginando il capo in piedi che fissava il suo corpo, fragile esteriormente, ma ora forte lì dentro, e, steso a pancia in su, allungò la testa e osservò il giardino.

L'aiutante trascinò Job Hamukuaja, sempre colpendolo, in mezzo ai fiori. La camicia strappata rimase sul pavimento e il sangue, scorrendo lungo la schiena, creò una macchia nera sui pantaloni.

Solo che, nel vento bagnato dalla pioggia che era caduta, la musica di quelle parole del mattino di nebbia, le parole che Job Hamukuaja gli disse da lontano, arrivarono, cantando, nelle orecchie di Mário João: ascoltò ogni lettera, sentì ogni parola, lo invase la frase e, anche senza capire cosa dicevano, le conservò dentro di sé per scaldarsi dal freddo che avrebbe sofferto in un secondo momento, le parole del compagno di lotta, Job Hamukuaja:

- Kala nengono, kaume kange!

Erano quelle le parole. Cosa significassero nella lingua del suo popolo, non lo sapeva bene, ma immaginò che fossero d'incoraggiamento per lui, dell'amicizia che nasce e cresce solo nella lotta per il bene di tutti.

Il capo lo aiutò ad alzarsi, fingendo, e poi, mentre aspettava l'aiutante, gli parlò, ridendo di

87 *Coragem, meu amigo!*

toda a vontade, toda a satisfação, na cara pequena e engelhada:

- Agora, nós!

Mário João sorriu-lhe. Sabia bem que ia aguentar, o companheiro tinha-lhe mostrado como fazem os homens de verdade.

E é por isso Job Hamukuaja e Mário João são dois bons angolanos.

gusto, pieno di soddisfazione, nel viso piccolo e rugoso:

- Ora, a noi!

Mário João gli sorrise. Sapeva bene che avrebbe resistito, il compagno gli aveva mostrato come fanno gli uomini veri.

Ed è per questo che Job Hamukuaja e Mário João sono due buoni angolani.

ZITO MAKOA, DA 4a CLASSE

Na mesma hora em que a professora chegou, já tinham-lhes separado. Mesmo assim arrancou para o meio dos miúdos e pôs duas chapadas na cara de Zito. O barulho das mãos na cara gordinha do monandengue calou a boca de todos e mesmo o Fefo, conhecido pelo riso de hiena, ficou quietinho que nem um rato.

- Miúdos ordinários, desordeiros! Quem começou? - e a fala irritada da mulher cambuta e gorda fazia-lhe ainda tremer os óculos na ponta do nariz.

Ninguém que se acusou. Ficaram mesmo com os olhos no chão da aula, fungando e espiando os riscos que os sapatos tinham desenhado no cimento durante a confusão.

Raivosa, a professora deu um puxão na manga de Zito e gritou-lhe:

-Desordeiros, malcriados! És sempre tu que arranjas complicações!

- É ele mesmo!- e essa acusação do Bino obrigou toda a gente a gritar, apontando-lhe, sacudindo o medo de respeito que a professora trazia quando chegava.

- Foi ele, sô pessora! Escreveu coisas...

- É bandido. O irmão é terrorista!

E os gritos, os insultos escondidos, apertaram-se à volta de Zito Makoa enquanto a professora sacudia com força o braço, para ele confessar mesmo. O miúdo, gordinho e baixo, balançava

ZITO MAKOA, DELLA 4a

Nell'esatto momento in cui arrivò la professoressa, li avevano già separati.

Nonostante ciò scattò tra i ragazzi e diede due schiaffi al viso di Zito. Il rumore delle mani sul volto grassottello del bambino zitti tutti e perfino Fefo, conosciuto per la risata da iena, rimase fermo come un topo.

- Ragazzi volgari, turbolenti! Chi ha iniziato? - e il parlare irritato della piccola donna grassa le faceva addirittura tremare gli occhiali sulla punta del naso.

Nessuno si attribuì la colpa. Rimasero con gli occhi fissi sul pavimento dell'aula, tirando su con il naso e guardando i segni che le scarpe avevano disegnato sul cemento durante la confusione. Arrabbiata, la professoressa diede uno strattone alla manica di Zito e gli urlò:

- Turbolenti, maleducati! Sei sempre tu che porti complicazioni!

- È proprio lui!- e quell'accusa di Bino obbligò tutti a gridare, additandolo, scrollando il timore del rispetto che accompagnava la professoressa quando arrivava.

- È stato lui, signora professoressa! Ha scritto cose...

- È bandido. Il fratello è un terrorista!

E le grida, gli insulti sott'intesi, si strinsero attorno a Zito Makoa mentre la professoressa gli stratonava con forza il braccio, per farlo confessare. Il ragazzo, grassottello e basso,

parecia era boneco e não chorava com soluços, só as lágrimas é que corriam na cara arranhada da peleja que tinha passado.

A confusão tinha começado mesmo no princípio da escola quando Chiquito, um miúdo amarelinho como brututo e óculos de arame como era sua mania, xingou Zeca de amigo dos negros, por causa da troca da manhã.

É que Zeca e Zito eram amigos de muito tempo, desde a 1a a escola era a mesma e os dois gostavam sair nas aulas para caçar os pássaros nas barrocas das florestas, antes de Zito Makoa, que estava morar no Rangel, ficar no largo da estátua, esperando a carrinha da borla do sô Aníbal, naquela hora das seis quando o povo saíam no serviço.

Sempre trocavam suas coisas, lanche do Zeca era para Zito e doces de jinguba ou quicuerra do Zito era para Zeca.

Um dia mesmo, na 3a, quando Zito adiantou trazer uma rã pequena, caçada nas águas das chuvas na frente da cubata dele, o Zeca, satisfeito, no outro dia lhe deu um bocado de fazenda que tirou no pai.

Eram esses calções que Zito vestia nessa manhã quando chegou no amigo para lhe contar os tiros no musseque e corrigir ainda os deveres, mania antiga.

- Sente, Zeca! Te trouxe três balas!

Zeca Silva olhou à volta desconfiado e riu

dondolava como un pupazzo e non piangeva con singhiozzi, le lacrime correvano sul viso graffiato dalla zuffa appena trascorsa.

La confusione era iniziata proprio all'inizio della giornata di scuola quando Chiquito, un ragazzo giallognolo come una radice e con gli occhiali di ferro come al solito, insultò Zeca dicendogli di essere amico dei negri, a causa dello scambio mattutino.

Il fatto è che Zeca e Zito erano amici da molto tempo, erano nella stessa classe sin dalla 1a elementare, e i due si divertivano a uscire dall'aula per cacciare i passerotti nelle grotte delle foreste, prima che Zito Makoa, che viveva nel Rangel, andasse a vivere nel piazzale della statua, aspettando il passaggio gratuito nel furgone del Signor Aníbal, alle sei quando il popolo usciva dal lavoro.

Si scambiavano sempre le loro cose, la merenda di Zeca era per Zito e i dolci di arachidi o quicuerra di Zito erano per Zeca.

Un giorno, in 3a elementare, quando Zito si affrettò a portare una piccola rana, cacciata nelle acque delle piogge di fronte alla sua capanna, Zeca, soddisfatto, il giorno dopo gli portò un pezzo di stoffa che aveva preso dal padre.

Erano quei pantaloni che Zito indossava quella mattina, quando arrivò dall'amico per raccontargli degli spari nel *musseque* e anche per correggergli i compiti, vecchia abitudine.

- Siediti, Zeca! Ti ho portato tre pallottole!

Zeca Silva si guardò attorno diffidente e poi

depois:

- Vamos ainda na casa de banho. Se esses sacristas vão ver, começam com as manias deles!

Aí mesmo é que Bino lhes espiou. Da janela, como tinha a mania, e até costumava espreitar a professora e tudo. Viu Zito mostrar as três balas vazias, amarelas, a brilhar na palma da mão dele cor-de-rosa, e Zeca Silva – esse amigo dos negros, sem vergonha! - desembrulhar ainda com cuidado o carrinho de linhas caqui.

Toda a miudagem foi avisada, esse velho truque do bilheteinho passou na sala e assim que a campainha do recreio gritou, na confusão da brincadeira da saída atrás da professora, Bino pôs logo um soco nas costas de Zito.

- Possa, negro! Não vês os pés dos outros? Era mentira ainda, Zito estava na frente, não podia lhe pisar. Isso mesmo refilou o Zeca logo, adiantando no meio dos dois. E aí Zito sorriu seu sorriso gordo e tirou o amigo.

- Deixa só, Zeca! Esse gajo anda-me procurar ainda. Chegou a hora!

Riu Bino, riu de cima da sua estatura de mais velho e arreganhou-lhe:

- O quê? Queres pelear? Ponho-te branco!

E todos os miúdos seguiram atrás deles, os mais atrevidos satisfeitos com as partes do Bino, pondo rasteiras para Zito cair, mas o

rise:

- Andiamo in bagno. Se quei mascalzoni lo dovessero vedere, inizierebbero con le loro manie!

Bino li spiò proprio in quel momento. Dalla finestra, come al solito, dov'era abituato a spiare anche la professoressa e tutto il resto. Vide che Zito mostrava le tre pallottole vuote, gialle, che brillavano sul suo palmo rosa, e Zeca Silva -amico dei negri, senza pudore!- scartare ancora con cura il pacchettino di spaghetti color cachi.

Tutti i ragazzini vennero avvisati, quel vecchio trucco del bigliettino passò nell'aula finché suonò la campanella della ricreazione, nella confusione dei giochi all'uscita dietro alla professoressa, Bino tirò un pugno sulla schiena di Zito.

- Cazzo, negro! Non vedi i piedi degli altri? Era una bugia, Zito era davanti a lui, non avrebbe potuto pestarlo. Questo è proprio quello che Zeca replicò subito, mettendosi tra i due. E lì Zito sorrise con il suo grasso sorriso e ha spostò l'amico.

- Lascia perdere, Zeca! Questo se le sta cercando. È arrivato il momento!

Bino rise, rise dalla cima della sua statura di più vecchio e gli ringhiò:

- Cosa? Vuoi fare a botte? Ti faccio diventare bianco!

E tutti i ragazzini li seguirono, i più sfacciati erano soddisfatti prendendo le parti di Bino, facendo sgambetti a Zito per farlo cadere, ma il

rapaz ria sempre. Cagunfas, ele não era, mesmo que Bino era mais velho e mais alto não fazia mal.

Sempre pelejava lá em cima com os outros monandengues nas areias vermelhas do musseque onde estava morar e por isso mesmo lhe adiantaram chamar de Makoa: curtinho e gordo, mas, força como ele, só esse peixe no anzol. Foi ele que pôs a primeira bassula no Bino e atacou-lhe logo um gapse mesmo no pescoço, mas os outros amigos do miúdo -eram três- quando viram saltaram em cima do Zito e surraram-lhe socos, pontapés e tudo e mesmo os outros que estavam de fora não quiseram despartar, falavam era mesmo bem feito, esse miúdo tinha o irmão terrorista, todos sabiam, e o melhor era partir-lhe a cara dessa vez para não abusar.

E nessa hora que lhe apontaram com o dedo, mostrava a cara dele chorando das chapadas da professora, não era da dor, não: era da raiva desses sacristas, quatro contra um, mesmo com o Zeca depois a defender-lhe, tinham-lhe machucado no lábio e no nariz e ainda por cima punham mentiras na professora.

- Verdade, sô pessora. Eu vi o papel! Não sei o que ele escreveu, mas ele e o Zeca Silva têm a mania de escrever essas coisas que não nos deixam ler.

A professora virou-se depressa, balançando as gorduras, e chamou:

- Zeca Silva!

ragazzo rideva sempre. Non era spaventato, anche se Bino era più vecchio e più alto non era un problema.

Combatteva sempre lì sopra con gli altri ragazzini nelle sabbie rosse del *musseque* dove abitava e proprio per questo iniziarono a chiamarlo Makoa: bassino e grasso, ma, forte come lui, solo quel pesce all'amo.

È stato lui il primo a fare lo sgambetto a Bino e l'ha attaccato subito proprio colpendolo sul collo, ma gli altri amici del bambino - erano tre- quando lo videro, saltarono addosso a Zito e gli diedero una raffica di pugni, calci, e altro, e perfino gli altri che non partecipavano non volevano separarli, dicevano invece ti sta bene, il fratello di quel ragazzo è un terrorista, lo sanno tutti, e la cosa migliore era spaccargli la faccia per farlo stare calmo.

E nel momento in cui gli puntarono il dito, mostrò il suo volto in lacrime per gli schiaffi della professoressa, ma non era per il dolore, no: era di rabbia nei confronti di quei mascalzoni, quattro contro uno, anche se poi Zeca lo difese, lo avevano ferito al labbro e al naso e inoltre dicevano bugie alla professoressa.

- È la verità, signora professoressa. Ho visto il foglio! Non so cos'abbia scritto, ma lui e Zeca Silva hanno l'abitudine di scrivere queste cose che non ci lasciano leggere.

La professoressa si girò velocemente, facendo dondolare il lardo, e chiamò:

- Zeca Silva!

O berro encheu a sala e o miúdo levantou da carteira onde estava esquivado desde o princípio da conversa. A mão dele, rápida, amachucou um papel pequeno.

- Vem cá, malandro. Tenho que me queixar ao teu pai, para ele saber a prenda que tem. Anda cá, aproxima-te!

Zeca veio devagar, enxotando o cabelo dos olhos, guardando a mão no bolso. Os outros cercaram-lhe à volta da professora cambuta e Bino aproveitou para dar-lhe ainda um empurrão.

No meio daqueles miúdos todos, arranhados e despenteados, ficou o Zeca com os olhos pousados no chão, o Zito Makoa chorando de raiva e a professora.

- Mostra já o bilhete que escreveram. Depressa!

- Não escrevemos bilhete nenhum...

- É mentira, é mentira, a gente viu!- as falas pareciam gritos de corvos à volta do monte de lixo.

- O bilhete, depressa!- e afastou-se para tirar o ponteiro.

Sucedeu um mexer rápido, a roda ficou mais grande à volta dos miúdos e a primeira ponteirada bateu certinha, como era técnica da professora, na orelha do Zeca, ma ele não falou ainda.

- O bilhete, uma! O bilhete, duas!...

E as ponteiradas continuaram a bater-lhe na cabeça e no ombro. Foi aí que Zito Makoa se

L'urlo riempì la sala e il bambino si alzò dal banco in cui si era ritratto dall'inizio della conversazione. La sua mano, veloce, accartocciò un foglietto.

- Vieni qui, furfante. Devo lamentarmi con tuo padre, per informarlo del “regalo” che possiede. Vieni qui, avvicinati!

Zeca arrivò lentamente, spostandosi i capelli dagli occhi, guardando la mano nella tasca. Gli altri lo circondarono attorno alla professoressa tozza e Bino approfittò per dargli uno spintone.

Tra tutti quei ragazzi, graffiati e spettinati, è arrivato Zeca con gli occhi bassi sul pavimento, Zito Makoa piangendo di rabbia e la professoressa.

- Fammi subito vedere il biglietto che avete scritto. Veloce!

- Non abbiamo scritto nessun biglietto...

- È una bugia, è una bugia, noi abbiamo visto!- le parole sembravano grida di corvi attorno alla montagna di spazzatura.

- Il biglietto, veloce! - e si allontanò per prendere la bacchetta.

Seguì poi un movimento rapido, il cerchio attorno ai ragazzi era cresciuto e la prima bacchettata è arrivata decisa, era la tecnica della professoressa, sull'orecchio di Zeca, ma lui non parlò comunque.

- Il biglietto e uno! Il biglietto e due!...

E le bacchettate continuarono a colpirla la testa e la spalla. A quel punto, Zito Makoa si

pôs na frente e levou a quarta pancada.

- Dá ainda, Zeca. Não importa.

Desta vez Zito caiu com o puxão da professora, mas levantou logo.

O bilhete já saía no bolso do amigo e a cambuta lia, encarnada, encarnada parecia era pau de tacula, para perguntar no fim com voz diferente:

- Quem escreveu isto? Foste tu, negro?

Zito nem teve mais tempo de se defender. As chapadas choveram de toda a parte e, quando a professora acabou, levou-lhe, pelas orelhas, no gabinete do director da escola.

Atrás Zito chorandom os outros miúdos acompanharam-lhe, uns com cara de maus, outros sateisfeitos daquela surra.

- Ah, não! Vadios na escola, não! Malandros, vadios de musseque! Se já se viu esta falta de respeito! Negros! Todos iguais...

A voz irritada da professora sentia-se cá fora, o Zeca Silva chorava a dor do amigo num canto da varanda, não sabia mesmo o que ia fazer para lhe ajudar naquela hora.

Não gostava mentir, essa coisa de aldrabice nunca que fazia, a mãe sempre lhe gabava por isso mesmo, menino leal não falava nunca as mentiras, aquilo que ele fazia, tanto faz é bem, tanto faz é mal, ele acusava, e agora, naquela hora era melhor mesmo mentir, era ainda a maneira de o amigo levar menos, não lhe correrem da escola. Por isso é que tinha dado aquele outro bilhete, ele é que tinha-lhe escrito depressa, aproveitando a confusão.

mise davanti e prese il quarto colpo.

- Lascia stare, Zeca. Non importa.

Questa volta Zito cadde con uno strattone della professoressa, ma si alzò velocemente.

Il biglietto uscì dalla tasca dell'amico e la tozza lesse, rossa, rossa come il legno di Tacula, per chiedere infine con una voce diversa:

- Chi l'ha scritto? Sei stato tu, negro?

Zito non ebbe nemmeno il tempo di difendersi.

Piovevano colpi da tutte le parti e, quando la professoressa finì, lo portò per le orecchie nell'ufficio del direttore della scuola. Dietro c'era Zito che piangeva, gli altri bambini lo accompagnarono, alcuni con la faccia da cattivi, altri soddisfatti di quella zuffa.

- Ah, no! Randagi nella scuola, no! Mascalzoni, randagi del *musseque*! Si nota la mancanza di rispetto! Negri! Tutti uguali...

La voce irritada della professoressa si sentiva anche fuori, Zeca Silva piangeva il dolore dell'amico in un angolo del balcone, non sapeva proprio cos'avrebbe potuto fare per aiutarlo in quel momento. Non gli piaceva mentire, imbrogliare non era da lui, la madre si vantava sempre proprio per questo, un bambino sincero non dice mai bugie, poco importa il resto, si sarebbe preso la colpa, in quel momento era addirittura meglio mentire, era il modo per non far ricadere tutta la colpa sull'amico, per non farlo espellere da scuola. Per questo gli aveva dato quell'altro biglietto, lo scrisse velocemente, approfittando della

Era o Zito mesmo que estava levar com as palmatoadas do director, se ouvia, cá fora, o barulho, mas nem um grito, nem um soluço mais, só as falas zangadas e raivosas da professora cambuta, chamando-lhe de negro malandro, mostrando o bilhete que ele, Zeca Silva, escrevera ela tinha pernas gordas, para salvar o amigo da escola, o amigo das brincadeiras e de trocar coisas.

O recreio estava acabar, o contínuo ia já tocar a campainha. Zeca Silva pensou então que não podia deixar o Zito sozinho, fechado no quarto do director, sem ninguém, abandonado com as dores, o melhor era mesmo fugir na escola.

Os outros todos entraram na classe e ele saiu então na casa de banho, onde tinha-se esquivado da professora e do director, e deu volta à casa da escola.

No jardim da frente tinha pardais a cantar nos paus e, nessa hora das onze, um sol bonito e quente brincava às sombras com as folhas e as paredes. Trepado num vaso alto, Zeca Silva, o coração a bater de alegria parecia ia lhe saltar do peito, empurrou a janela de vidro do quarto do director e chamou:

- Zito!

O amigo veio devagar, desconfiado e medroso, mas, quando viu era ainda a cara do Zeca a espreitar, quis pôr um riso no meio do choro calado, mas não conseguiu. Desatou mesmo a

confusione.

Era proprio Zito che si stava prendendo le bacchettate dal direttore, si sentiva, da fuori, il rumore, ma né un grido, né un singhiozzo, solo le parole arrabbiate e rabbiose della professoressa tozza, chiamandolo negro furfante, mostrando il biglietto che lui, Zeca Silva, aveva scritto “ha le gambe grosse”, per salvare l'amico di scuola, l'amico dei giochi e dello scambio di cose.

La ricreazione stava per finire, il bidello stava per suonare la campanella. Zeca Silva pensò allora che non poteva lasciare Zito da solo, chiuso nella stanza del direttore, senza nessuno, abbandonato nei suoi dolori, la cosa migliore era proprio fuggire dalla scuola.

Tutti gli altri entrarono in classe e lui uscì dal bagno, dove aveva evitato la professoressa e il direttore, e fece il giro della scuola.

Sul giardino di fronte c'erano i passeri che cantavano sui rami e, alle undici, un bel sole caldo giocava con le ombre delle foglie sulle pareti. Si è arrampicato in un vaso alto, Zeca Silva, il cuore gli batteva di gioia quasi come se volesse uscirgli dal petto, spinse la finestra di vetro della stanza del direttore e chiamò:

- Zito!

L'amico si avvicinò lentamente, diffidente e timoroso, ma, quando vide che a sbirciare era il viso di Zeca, avrebbe voluto ridere durante quel pianto silenzioso, ma non ci riuscì. Invece

chorar com toda a vontade.

- Zito, deixa, não chores. O bilhete está aqui, o nosso bilhete está aqui. Ela não lhe apanhou. Aquele era outro.

Desamarrotando uma bolinha de papel, mostrou no amigo o pequeno bocado do caderno de uma linha onde, com a letra gorda e torta dele, Zito Makoa tinha escrito durante uma lição: “ANGOLA É DOS ANGOLANOS”.

Devagar, trepando na cadeira, sem barulho, recebeu o bilhete, guardou-lhe bem no calção e pôs outra vez na mão do amigo as três balas vazias, que luziram amarelas na pele cor-de-rosa de Zeca Silva.

Mirando o amigo afastar-se com depressa no passo dele, pequeno, de pardal, Zito Makoa deixou correr as lágrimas no meio do riso grande que lhe enchia no coração e engoliu, atrapalhado, o ranho que corria no nariz e lhe deixou na boca um bom gosto de mel.

scoppiò a piangere.

- Zito, basta, non piangere. Il biglietto è qui, il nostro biglietto è qui. Non l'ha preso. Quello era un altro.

Lisciando una pallina di carta, mostrò all'amico il piccolo pezzo di quaderno con una linea dove, con la sua scrittura grassa e storta, durante una lezione Zito Makoa aveva scritto: “L'ANGOLA È DEGLI ANGOLANI”.

Lentamente, arrampicandosi sulla sedia, senza fare rumore, prese il biglietto, lo mise con cura nei pantaloni e diede di nuovo all'amico le tre pallottole vuote, che brillavano gialle sulla pelle rosa di Zeca Silva.

Guardando l'amico allontanarsi velocemente con il suo passo, piccolo, da passero, Zito Makoa lasciò correre le lacrime con un sorriso grande che gli riempiva il cuore e deglutì, confuso, il moccio gli usciva dal naso e gli lasciò in bocca un buon gusto di miele.

(28-7-62)

(28-07-1962)

GLOSSÁRIO

Bassula (bassular): Golpe de luta fazendo passar o adversário por cima do ombro.

Bombó: Mandioca; farinha de mandioca.

Brututo: Raiz amarelada de um arbusto do mesmo nome, com propriedades medicinais.

Bungular: Remexer as nádegas: saracotear-se.

Caboba(o): Aquela(e) que não tem dentes.

Cafofo: Cego; pitosga.

Cambaias: Arqueadas, tortas.

Cambuta: Baixo; de pequena estatura.

Camucala: Monstro só com metade do corpo, ao alto.

Cangundo: Branco de baixa condição, ordinário; sem educação.

Cazumbi: Alma do outro mundo.

Dendém: Fruto da palmeira-dendém, que dá azeite do mesmo nome.

Dicanzar: Produzir um som semelhante ao de um instrumento musical (reco-reco ou dicanza).

Diquixe: Monstro de mil-cabeças.

Dissaquela: Sessão mediúnica ou lugar onde se realiza.

Dongo: Canoa.

Funji: Massa cozida de farinha, denominada fuba, geralmente de milho, massam-bala, massango, mandioca ou batata-doce.

Acompanha várias iguarias.

Gapse: Golpe de luta; braço à volta do pescoço.

Imbambas: Coisas; pertences; trastes;

GLOSSARIO

Bassula (bassular): Mossa di combattimento in cui si fa passare l'avversario sopra alle spalle.

Bombó: Manioca; farina di manioca.

Brututo: Radice giallognola di un arbusto con lo stesso nome, con proprietà medicinali.

Bungular: Agitare i glutei: scuotersi

Caboba(o): Chi non ha denti.

Cafofo: cieco, miope

Cambaias: arcuate.

Cambuta: basso, di bassa statura.

Camucala: mostro con solo mezza parte del corpo, quella alta.

Cagundo: bianco di bassa condizione, ordinario, senza educazione.

Cazumbi: anima dell'altro mondo.

Dendém: frutto della palma *dendém*, che dà all'olio lo stesso nome.

Dicanzar: produrre un suono simile a quello dello strumento musicale (reco-reco o dicanza).

Diquixe: mostro dalle mille teste.

Dissaquela: sessione medianica o luogo in cui si realizza.

Dongo: canoa.

Funji: Impasto di farina cotta, chiamato fuba, generalmente di granturco, pastella, cereali, manioca o patata dolce.

Accompagna varie prelibatezze.

Gapse: Mossa di combattimento; braccio attorno al collo.

Imbambas: cose; oggetti; utensili; bagagli.

bagagem. Jindungo: Fruto de jindungueiro, malagueta pequena.	Jindungo: frutto del <i>jindungueiro</i> , piccolo peperoncino.
Jinguba: Amendoim.	Jinguba: arachide.
Luando: Esteira de papiro que enrola no sentido da largura.	Luando: stuoia di papiro che si arrotola in larghezza.
Mabeco: Cão selvagem.	Mabeco: cane selvaggio.
Marimbondo: Vespa.	Marimbondo: vespa
Mataco: Nádegas; traseiro.	Mataco: natiche, sedere.
Matete: Massa de farinha cozinhada, inconsistente, rala.	Matete: impasto di farina cotta, inconsistente, sottile.
Matumbo: Ignorante: estúpido.	Matumbo: ignorante: stupido.
Mona: Criança; filho.	Mona: bambino, figlio.
Monandengue: Filho novo; criança, gaiato; jovem.	Monandengue: giovane figlio; bambino, biricchino; giovane.
Monangamba: Filho de carregador (por extensão: todo o que se dedica a trabalhos pesados, serviçal, carregador, estivador).	Monangamba: filho di un caricatore (per esteso: chi si dedica a lavori pesanti, servizievole, caricatore, stivatore).
Mulemba: Árvore angolana de grande porte; sicómoro.	Mulemba: albero angolano molto grande; sicomoro.
Muquila: Rabo; cauda.	Maquila: sedere; coda.
Muxoxar: Fazer ruído de desprezo, indiferença, com os dentes e os lábios.	Muxoxar: fare suoni di disprezzo, indifferenza, con i denti e le labbra.
Ngoma: Tambor comprido.	Ngoma: tamburo lungo.
Puco: Rato do campo.	Puco: ratto di campo.
Quedes: Sapatos em lona e borracha, de fabrico local; ténis.	Quedes: scarpe di tela e gomma, di costruzione locale; scarpe da ginnastica.
Quicuerra: Mimo feito de farinha de mandioca, açúcar e amendoim.	Quicuerra: vezzo composto di farina di manioca, zucchero, arachide.
Quileba: Ser alto; alto.	Quileba: persona alta, alto.
Quimbanda: Curandeiro(a); adivinho(a).	Quimbanda: Guaritore/guaritrice; indovino(a).
Quitande: Puré de feijão com azeite-dendém.	Quitande: puré di fagioli con olio dendém.
Suinguista: Dandy, o elegante popular da época em que o swing foi introduzido nos bailes.	Suinguista: dandy, l'uomo elegante dell'epoca in cui fu introdotto lo swing tra i balli.

Sukua!: Poça! Pópilas! Arreda!

Sukuama!: O mesmo que «Sukua!».

Sunguilar: Seroar; passar o serão.

Surucucu: Víbora.

Tacula: Árvore que atinge grande altura, de madeira vermelha ou esbranquiçada com veios vermelhos e muito usada em marcenaria.

Xacatar: Arrastar os pés; deslizar.

Xaxualho: Ruído das folhas agitadas pelo vento.

Xinguilar: Entrar em transe ou possessão pelo espírito.

Sukua!: Diavolo! Maledizione! Via!

Sukuama!: Lo stesso di “Sukua!”.

Sunguilar: fare sera; trascorrere la serata.

Surucucu: vípera.

Tacula: albero che raggiunge una grande altezza, di legno rosso o biancastro con venature rosse e molto usato in falegnameria.

Xacatar: trascinare i piedi; allontanarsi.

Xaxualho: rumore delle foglie che si muovono per il vento.

Xinguilar: entrare in uno stato di transe o possessione da parte di uno spirito.

CONCLUSÕES

Desde o primeiro ano de universidade, o meu desejo foi escrever algo que me representasse e que me pertencesse. Amei desde o primeiro momento a língua portuguesa, não obstante as dificuldades iniciais sendo para mim um idioma novo, enquanto nunca estudei o português antes do meu percurso universitário.

Ainda mais, o mestrado deu-me a possibilidade de entrar melhor no sentido da língua, porque compreendi todas as facetas através da especialização em tradução, que me dera a possibilidade de estudar e compreender ulteriormente quer a língua, quer a cultura portuguesa.

O meu trabalho representou um desafio para mim, porque traduzir o Luandino Vieira implica um esforço maior enquanto ele usa um português novo, diferente, misturado, mas ao mesmo tempo revolucionário que talvez pode ser definido “conceptual”.

A vida do escritor é determinante pelas suas obras.

A luta dele contra as autoridades repressivas, que o levou para a PIDE representa a luta contra umas das primeiras forma de racismo da história: o que é o racismo se não o preconceito e a discriminação de um povo que se considera superior respeito a outro?

Em relação à questão do racismo, quero expor um outro problema que não enfrentei antes, ou seja a dificuldade para mim de traduzir a palavra *negro*, presente em quase todos os contos. Hoje em dia, a palavra *negro* tem uma conotação totalmente negativa porque o seu significado está ligado só ao conceito de raça inferior e desumanizada, portanto o seu uso é inoportuno.

Admito: foi difícil para mim decidir de traduzir a palavra literalmente, porque é *politically incorrect*, é em todos os aspectos um termo ofensivo.

A escolha de traduzir a palavra assim como o Luandino Vieira a colocou, foi dada em primeiro lugar pela decisão inicial de estar fiel ao texto, mas também porque esta palavra tem uma história: a definição de *negro*, de facto, remete unicamente à cor da pele. Tem a ver, portanto, com uma categoria de seres humanos definidos exclusivamente com o preconcebido em relação à exterioridade.

Por isso, a atribuição do elemento exterior tem a ver com todo um conjunto de elementos negativos, porque a cor de pele foi indenticada desde o começo da modernidade como a alteridade máxima relativamente às populações europeias cujo pensamento (considerado pelos colonizadores “*de cultura mais elevada*”) informava o modo como os europeus relacionavam-se aos outros povos: quem mandava as explorações de conquista estava num nível mais elevado da população, eram quem, através dos seus discursos, determinavam a maneira de relacionar-se com os *outros inferiores*, e este raciocínio estava à base da identidade e da cultura europeias.

A new species of men is a new category of “men” who are no longer limited or predetermined by their appearance, and whose essence coincides with their image – their image not as something separate from them; not as something that does not belong to them; but insofar as there is no gap between this image and the recognition of oneself, the property of oneself⁸⁸.

Assim, a relação com quem não é semelhante tornava-se algo negativo porque o diferente era identificado como negativo, como se tivesse perdido as conotações da humanidade.

Este dado é certo pelos testemunhos emitidos pelos colonizadores, os quais descreviam as populações autóctones como não humanas, portanto como animais, objetos, com uma existência vegetativa porque careciam na linguagem e na consciência de si⁸⁹.

Os prisioneiros eram inicialmente achados entre os “indivíduos disponíveis”, uma categoria de homens típica das sociedades africanas: eles tinham perdido completamente os direitos civis, quer por causa de sentenças de condenação por graves crimes quer pelo facto de serem estrangeiros presos em guerra. Mas quando esta “fonte” se esgotou, os prisioneiros tinham que ser capturados não somente nos territórios pertencentes ao reino, mas também em expedições e guerras nos territórios vizinhos feitas expressamente para tal. É assim que a economia escravagista e as suas consequências (enfraquecimento das regras de convivência, corrupção das responsabilidades sociais dos poderosos no que diz respeito às populações governadas por eles, frustração do inteiro processo de desenvolvimento económico) afectaram toda a região e todas as estruturas sociais antecedentes à chegada dos portugueses⁹⁰.

Tudo isso para dizer que este era o ponto de vista europeu.

Os africanos não se apercebiam como *negros*, porque é uma palavra inventada pela consciência europeia: o pensamento africano considerava o conceito de identidade como uma co-pertença ao mesmo mundo. Portanto o preconcebido tem a ver com o ato emancipatório da história da escravidão e submissão, porque os colonos começaram a aperceber-se como *negros* quando os escravos africanos foram trazidos do outro lado do Atlântico, e tornaram esta definição num princípio de libertação.

Achille Mbembe fala de congregação entre os conceitos de África e de *negro*, como se o homem fosse sobreposto: eram homens que perdiam o direito de decidir qualquer coisa sobre a vida deles, perdiam todos os direitos jurídicos quando eram caçados e capturados pelos comerciantes de escravos nos territórios africanos, e o Achille Mbembe revela isso como resultado do capitalismo⁹¹.

Por todas estas razões, eu decidi de traduzir a palavra literalmente enquanto trata-se de um conceito

88 A. Mbembe, *Decolonizing Knowledge and the question of the archive*.

89 Do ponto de vista europeu.

90 Cfr. Davidson 1975; → Mbembe 2001

91 A. Mbembe, *Crítica da razão negra*, Éditions La Découverte, Paris, 2018.

imposto pelos europeus e o Luandino Vieira o usa como denuncia e como reivindicação contra a imposição dos colonizadores.

A literatura pós-colonial de Luandino Vieira, assim como toda a literatura pós-colonial africana, “constrói”, no sentido que a identidade nacional dos africanos não foi algo dado mas foi uma constuição que se fez a partir da *negociação*⁹² de sentidos.

Assim, foi interessante para mim ouvir a voz de um escritor submetido e silenciado, mas que não obstante isso tinha a coragem para lutar pelas próprias causas, denunciando-as através da arte de escrever, com o uso de algumas técnicas sutis (como o uso de palavras específicas) para difundir as injustiças sociais que os angolanos foram forçados pelos colonizadores a viver.

Por todas estas razões, traduzir uma língua assim não foi simples mas deu-me a possibilidade de pôr-me à prova: representou para mim um trabalho intrigante e construtivo, que me envolveu completamente.

Ao traduzir os contos, eu sempre senti uma ligação com os protagonistas tal que depois da tradução de cada *estória* eu estava comovida, em particular com *Cardoso Kamukolo*, *Sapateiro*, porque sofri com as personagens, senti na verdade as emoções e as lágrimas que eles choram, porque essas representam a essência do colonialismo e de todo o sofrimento que a conquista trouxe consigo (e também porque muitos acontecimentos são atuais, portanto a situação mudou mas infelizmente não mudou totalmente sendo que ainda hoje quem tem uma cor diferente da pele é considerado por muita gente “*inferior*” ou até não humano).

A introspeção das personagens de Luandino Vieira coloca o leitor perto do narrador, permitindo assim de explorar uma fusão de vozes de uma narração que acontece “*por dentro*”, ou seja, que narra aquilo que não acontece propriamente, um tipo de não-ação de alguma forma.

Giorgio Agamben, escritor contemporâneo, afirma que o indivíduo, o intelectual, o artista, o escritor contemporâneo é alguém que vive na sua época mas que observa também um pouco de fora: esta posição lhe permite de criticá-la, de não ver só as luzes da época em que vive, porque as luzes podem provocar cegueira para o que é sombra na contemporaneidade⁹³.

O Agamben portanto fala de uma recuperação sobre o que vem do passado para ler a contemporaneidade e para nos fazer intérpretes desta contemporaneidade.

Ele afirma que é através dos princípios imanentes, que ficam em todas as épocas, que a contemporaneidade pode ganhar nova luz e o intelectual pode pôr as bases de uma forma visionária

92 *Negociação* como processo que implica que dois povos diferentes ou opostos encontrem-se no meio, cada um renúncia a uma parte de si para chegar a um ponto comum: perde-se algo mas ganha-se ao mesmo tempo uma parte de identidade do outro, que se torna parte da minha identidade também, para chegar a uma nova identidade enriquecida.

93 G. Agamben, *Che cos'è il contemporaneo e altri scritti*, Nottetempo srl, 2006.

para uma projeção no futuro e também para prever como o futuro da humanidade vai prosseguir⁹⁴.

Se não matarem todos os monandengues da nossa terra, eles contarão mesmo para seus filhos e seus netos dos tempos bons que vêm aí.

(...) Então, nessas noites calmas dos tempos novos em que as pessoas ouvem mesmo o dormir de gato dos motores elétricos das fábricas a chegar no vento, enchendo os jardins de suas casas com música nova, ou vêm a lua grande e bonita acender o candeeiro dela por cima das lavras de milho grande, mais que um homem, a mandioca a crescer verde como nunca foi, o algodão de flores branquinhas e aquele vermelho-cereja do café pondo talvez lembranças do antigamente, mas com a mata a guardar para sempre o cheiro maluco dessas florzinhas brancas, que já foram vermelhas de sangue ou negras, queimadas nas bombas ou torcidas no fogo, eles vão contar.⁹⁵

No ler e traduzir Luandino Vieira, de facto, o que provei foi próprio isso: através das suas narrações, ele quer dar uma imagem nova de como poderia ser a vida sem lutas e sem colonialismo, mas dando ao mesmo tempo um ensino importante, ou seja que lutar para o futuro é algo fundamental pela libertação.

Muitas vezes ele sublinha como a morte das personagens é simbólica para obter a independência, porque como escrevi no capítulo 1.3, os protagonistas são heróis que lutam por uma causa comum e para permitir uma vida melhor aos outros.

O chefe ajudou-lhe levantar, fingindo, e então, enquanto esperava o ajudante, falou-lhe, rindo toda a vontade, toda a satisfação, na cara pequena e engelhada:

- Agora, nós!

Mário João sorriu-lhe. Sabia bem que ia aguentar, o companheiro tinha-lhe mostrado como fazem os homens de verdade.

E é por isso Job Hamukujaja e Mário João são dois bons angolanos⁹⁶.

A escrita de Luandino Vieira permite ao leitor de entrar e compreender o seu mundo, um mundo feio e difícil, um mundo de lutas e de sofrimento.

Assim, a tradução resulta ainda mais complicada porque o tradutor sente o peso da responsabilidade das palavras que usa durante a tradução e, ao mesmo tempo, apercebe o peso de como recriar as emoções que o Luandino Vieira transmite através da sua escrita bilíngue, mas numa forma monolíngue.

O que significou para mim a tradução? Muito.

O tema da diferença entre raças, do racismo e da desigualdade social sempre me importou.

94 G. Agamben, *Che cos'è il contemporaneo e altri scritti*, Nottetempo srl, 2006.

95 L. Vieira - *Vidas Novas*, cit. *Cardoso Kamukolo, Sapateiro*, Kindle.

96 L. Vieira - *Vidas Novas*, cit. *O exemplo de Job Hamukujaja*, Kindle.

Luandino Vieira demonstra como ele conseguiu *devenir-se negro do mundo*⁹⁷, ou seja como ele tomou o seu lugar no momento em que os submetidos começavam a tomar palavra e falavam por si, não permitindo mais que fossem os europeus a falar deles ou por eles: se tornam assim sujeito do discurso e não mais objeto.

Desta forma o Luandino demonstra quanto a linguagem fosse importante e como também uma palavra pudesse desencadear a guerra.

Um exemplo é *O fato completo de Lucas Matesso*, no qual o protagonista foi torturado pela guarda prisional e o seu chefe por causa de um mal-entendido em relação ao “fato completo”, que as guardas achavam um nome de código entre o preso e a sua mulher, enquanto:

Essa comida de feijão de azeite-palma com peixe de azeite-palma, a banana e tudo, que toda a gente nos musseques tem só a mania de chamar “de fato completo”.

A gargalhada grande como as chuvas de Abril engrossando mais os rios cantou na garganta dele, encheu a cela de alegria, fugiu no postigo, pelos arames da rede, entrou maluca nos gabinetes onde os irmãos aguentavam as pancadas e torturas, calou os pássaros no jardim e, com um salto, voou por cima dos muros da prisão, correndo livre pelas areias de todos os musseques da nossa terra de Luanda⁹⁸.

Acho interessante ver também a reação do protagonista no entender o equívoco, porque demonstra como a situação fosse insuportável, como fosse inevitável pelos prisioneiros enloquecer.

Assim, Luandino Vieira abre o leitor a um ponto de vista escondido enquanto silenciado, usando palavras também escondidas porque a sua compreensão não era (e é, ainda hoje) tão imediata para o leitor, usando termos -como já antecipado- como os neologismos e misturando o português com palavras que pertencem à língua *kimbundu*.

O subtítulo do meu trabalho tem a ver próprio com isso: *Vidas Novas* demonstra como os colonos fossem submetidos e maltratados por parte dos colonizadores, e assim como a voz deles fosse escondida e não ouvida pelos europeus. Esta concepção europeia tem a ver com a tendência narcista do sentimento de superioridade dos colonizadores que levou a um complexo de inferioridade dos autóctones, anulado só no momento em que os africanos começaram a revingar a própria identidade⁹⁹.

E como foi possível revingar a própria identidade? As maneiras foram muitas, mas o Luandino Vieira adoptou o uso da língua como instrumento de denuncia, de vingança e, assim, de re-apropriação da *angolanidade*.

97 A. Mbembe, *Crítica da razão negra*, Éditions La Découverte, Paris, 2018.

98 L. Vieira - *Vidas Novas* cit. *O fato completo de Lucas Matesso*, Kindle.

99 La traduzione degli studi sulle letterature africane, cfr Fanon [1952] 1996, 10.

Para concluir, o objetivo do meu trabalho foi traduzir a voz de quem não a tinha, e assim examinar a história do colonialismo através de uma obra literária que fosse significativa.

Luandino Vieira deu-me todo o que eu queria para o trabalho final dos meus estudos na universidade: não foi algo que se limitou à análise da língua, ao estudo das palavras, ou à análise do contexto histórico, mas também foram uma mistura de emoções que eu provei no escrever o meu trabalho para criar uma tese que eu sentisse perto de mim e dos meus interesses, que tivesse um significado.

Porque, afinal, o Luandino Vieira entrega à memória coletiva, à história, as diferentes *estórias* de quem não tinham voz por ser considerados subalternos e marginais, inferiores e sem humanidade, criando assim a sua versão da história, ou seja a de quem não deixa de crer que o futuro pode ser melhor do que o presente, que o futuro possa falar uma língua nova, talvez misturada e não mais escondida.

BIBLIOGRAFIA:

Agamben, Giorgio (2008). *Che cos'è il contemporaneo?* Roma: Nottetempo.

Brambilla, Silvia (2015-2016). *Una riflessione sulla lingua di José Luandino Vieira nelle opere "Luuanda" e "O livro dos rios" e nelle sue traduzioni italiane.* Università degli Studi di Milano.

Dispensa: *La tradizione degli studi sulle letterature africane.*

Eco, Umberto (2003). *Dire quasi la stessa cosa. Esperienze di traduzione.* Milano, RCS Libri S.p.A.

Gomes Dos Santos Cheng de Andrade, Jolema (2014). *O lugar de Luandino Vieira na tradição do conto angolano,* Recife.

Kandjimbo, Luís (1997). "Angolanidade: o conceito e o pressuposto", in *Apologia de Kalitangi: ensaio e crítica.* Luanda: instituto nacional do livro.

Mata, Inocência (2013). *O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa.* Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa.

Mbembe, Achille (2018). *Critica da razão negra,* Editions La Découverte, Paris

Mbembe, Achille. *Decolonizing knowledge and the question of the archive.*

Mea, Giuseppe (2009). *Dicionário de português-italiano,* Porto Editora, Porto, Portugal.

Mea, Giuseppe (2009). *Dicionário de italiano- português,* Porto Editora, Porto, Portugal.

Vieira, Luandino (2006). *Vidas Novas,* Editorial Nzila, Luanda, Edição Kindle.

SITOGRAFIA:

Accademia della crusca.

<https://accademiadellacrusca.it/>

Amorosini, Sara (2014). *Tradurre le letterature dell'Africa*, Roma.

<https://blocnotes.rivistatradurre.it/tradurre-le-letterature-dellafrica-roma-28102014/>

Botequim, *Esperienze marginali: appunti per un'analisi di Luuanda*.

<https://botequins.wordpress.com/2014/03/13/esperienze-marginali-appunti-per-unanalisi-di-luuanda/>

Ciberdúvida, *A língua kimbundu*.

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/outros/diversidades/a-lingua-kimbundu/351>

Ciberdúvida, *O verbo arrear e a forma arriar*.

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/artigos/rubricas/idioma/arrear-e-arriar/3493>

Ciberdúvida, *vocábulos angolanos*.

<https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/consultorio/perguntas/vocabulos-angolanos/2935>

Enciclopedia Treccani, *scudo*.

<https://treccani.it/vocabolario/scudo>

Glosbe, Dizionario.

<https://it.glosbe.com/>

Infopédia, Dicionário de Porto Editora.

<https://www.infopedia.pt/>

Kapulana, (2019). *José Luandino Vieira*.

<http://www.kapulana.com.br/jose-luandino-vieira/>

Laks, Daniel (2017). *O sentido heroico da vida em Vidas Novas, de Luandino Vieira*.
[file:///C:/Users/utente/Downloads/33497-Texto%20do%20Artigo-111748-1-10-20170930%20\(6\).pdf](file:///C:/Users/utente/Downloads/33497-Texto%20do%20Artigo-111748-1-10-20170930%20(6).pdf)

Mello Guimarães, Adriana. *Luandino Vieira: O Luandino Vieira: O Mineiro Angolano da Memória*. União dos Escritores Angolano.
<https://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/302-luandino-vieira-o-mineiro-angolano-da-mem%C3%B3ria>

Oliveira, Luma (2017). *Léila Gonzales e o português afro-brasileiro como ato político e de resistência*.
<https://ceert.org.br/noticias/genero-mulher/15594/lelia-gonzalez-e-o-portugues-afro-brasileiro-como-ato-politico-e-de-resistencia>

Pereira Bebiano, Deize. *Língua Portuguesa e Identidade Nacional em José Luandino Vieira*. União dos Escritores Angolano.
<https://www.ueangola.com/criticas-e-ensaios/item/291-l%C3%A9ngua-portuguesa-e-identidade-nacional-em-jos%C3%A9-luandino-vieira>

Petruccioli, Daniele. *I “cavalos-do-rio” angolani: la parola a Daniele Petruccioli*. Zanichelli.
<https://dizionario.zanichelli.it/parola-al-traduttore/daniele-petruccioli/>

Stegagno Picchio, Luciana. *Luandino il Terrorista*. La Repubblica.
<https://ricerca.repubblica.it/repubblica/archivio/repubblica/1990/01/27/luandino-il-terrorista.html>

Vailati Negrão, Esmeralda e Viotti, Evani (2014). *Contacto entre quimbundo e português clássico: impactos na gramática de impessoalização do português brasileiro e angolano*.
http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2079-312X2014000200011

VÍDEOS QUE ME INSPIRARAM:

The danger of a single story , Chimamanda Ngozi Adichie

https://www.ted.com/talks/chimamanda_ngozi_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=it

Entrevista Luandino Vieira: conf. Encontros com África -Angola,

<https://www.youtube.com/watch?v=CWcPOECZ5BQ>

Luandino Vieira, escritor africano.

<https://www.youtube.com/watch?v=sZ5pUJBeIZk>

RINGRAZIAMENTI:

Ho deciso di scrivere i ringraziamenti in italiano per renderli comprensibili alle persone che porto nel cuore.

*Ringrazio infinitamente il mio relatore e la mia correlatrice,
Alessandro Scarsella e Alice Girotto,
perché fin dal primo momento hanno creduto in questo lavoro di traduzione e mi hanno aiutata a prendere la direzione più conforme a quello che era l'obiettivo del mio lavoro.
Si sono dimostrati estremamente presenti e il loro aiuto è stato prezioso e fondamentale.
Grazie di cuore.*

*Alla mia famiglia,
perché mi è stata vicina anche quando ero convinta di non potercela fare, sostenendomi,
sopportandomi, supportandomi e comprendendomi nonostante tutto.
Quindi grazie a mamma, papà e Giorgia, ai nonni, agli zii e ai cugini che sempre mi hanno dato la forza per svolgere al meglio questo lavoro.
Vi voglio bene.*

*A Marley,
senza il quale sarei persa.
Non è passato un solo giorno dall'inizio del mio percorso universitario in cui non sia stato al mio fianco, in cui non mi abbia sostenuta e spronata, asciugandomi le lacrime quando mi sentivo a terra e dandomi la forza di credere in me stessa per ricominciare meglio di prima.
Sei tutto.*

*Ai miei amici,
perché si sono dimostrati sempre presenti nonostante la mia assenza,
hanno compreso e non hanno smesso di credere in me nonostante i mesi di distacco.
Siete le persone migliori che potessero capirmi.
Grazie.*

*Infine, ai colleghi della White,
che mi hanno accolta e sostenuta ogni singolo giorno credendo in me e nelle mie capacità anche all'infuori dell'ambito lavorativo, dandomi consigli e aiuti non indifferenti.
Grazie per il sostegno e per l'appoggio quotidiano.*

Erica Libralesso

